

DEL

andri VI.

Cap d' Orange

Cap del Port

Olbia Fl Amazonum

Corup a

PRINCIPATVS Tapuyi

BRASILLIA

REGIO

de

Escritoras do Brasil

A JUDIA
RAQUEL

de

FRANCISCA SENHORINHA

DA MOTTA DINIZ

e

A. A. DINIZ

SENADO FEDERAL



A Coleção Escritoras do Brasil

busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença no cânone literário, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As obras da Coleção Escritoras do Brasil também estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e na página da Livraria do Senado.

A judia Raquel, obra elaborada por Francisca Senhorinha da Motta Diniz e por sua filha A. A. Diniz, é o quinto volume da Coleção Escritoras do Brasil. Publicado em 1886, conta-nos a história de uma jovem roubada de sua família e vendida a um sultão até conseguir a liberdade e encontrar o amor. Ao lado de uma idílica história amorosa, as autoras demonstram o aprisionamento e a profunda objetificação da mulher no mundo e cultura orientais, o que revoltava as mulheres do mundo ocidental do século XIX, embora não estivessem imunes a esse tipo de tratamento. Contrapondo-se ao mundo oriental, o romance traz fortes pinceladas de exortação à religião cristã.



Francisca Senhorinha da Motta Diniz (?-1910), mineira de São João del-Rei, foi bastante conhecida pelas revistas que fundou e editou em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Foram três, todas voltadas aos interesses das mulheres, à abolição da escravatura e, principalmente, à defesa do voto feminino e da educação e emancipação da mulher: **O sexo feminino** (1873-1889), **A primavera** (1880) e **O quinze de novembro do sexo feminino** (1889-1890).

Além de jornalista, Francisca Senhorinha era professora e administrava, em companhia de suas filhas, o Colégio Santa Isabel, que fundou no Rio de Janeiro. Mas foram as suas atividades jornalísticas que tiveram um papel fundamental na luta pela emancipação da mulher brasileira do século XIX e na formação do movimento feminista do país.

Francisca Senhorinha publicou um único livro de ficção, no ano de 1886: o romance **A judia Raquel**, escrito em parceria com uma de suas filhas, A. A. Diniz, assim nomeada na página de rosto da obra. Vários estudos apontam como coautora sua filha Albertina Diniz, que falecera em 1880, vitimada pela tuberculose, conforme publicado no mesmo ano na edição n. 83 do jornal **Mercantil**. O mesmo jornal, em sua edição n. 23 de 1887, apontou como coautora sua outra filha, Amélia Diniz.

CENAS ORIENTAIS



A JUDIA RAQUEL

ROMANCE ORIGINAL DE COSTUMES

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2019/2021

Senador Davi Alcolumbre (DEM-AP)
PRESIDENTE
Senador Antonio Anastasia (PSD-MG)
1º VICE-PRESIDENTE
Senador Lasier Martins (PODEMOS-RS)
2º VICE-PRESIDENTE
Senador Sérgio Petecão (PSD-AC)
1º SECRETÁRIO
Senador Eduardo Gomes (MDB-TO)
2º SECRETÁRIO
Senador Flávio Bolsonaro
(REPUBLICANOS-RJ)
3º SECRETÁRIO
Senador Luis Carlos Heinze (PP-RS)
4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO
Senador Marcos do Val (PODEMOS-ES)
1º SUPLENTE
Senador Weverton (PDT-MA)
2º SUPLENTE
Senador Jaques Wagner (PT-BA)
3º SUPLENTE
Senadora Leila Barros (PSB-DF)
4º SUPLENTE
Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL
Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Fábrica Ferrão de Araújo
DIRETOR

Coleção Escritoras do Brasil, Volume V

FRANCISCA SENHORINHA DA MOTTA DINIZ
A. A. DINIZ

CENAS ORIENTAIS



A JUDIA RAQUEL

ROMANCE ORIGINAL DE COSTUMES

Apresentação

Anna Faedrich

Notas

Maria Helena de Almeida Freitas

Mariana Sanmartin de Mello

Mônica Almeida Rizzo Soares

Brasília
Senado Federal
2020

© 2020 Senado Federal

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

Comissão editorial: Cleide de Oliveira Lemos, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira, Patrícia Coelho

Ferreira Meneses da Silva e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão e atualização ortográfica: Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação – SEGRAF

Volume 5 – A judia Raquel / Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz

Supervisão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas e Mônica Almeida Rizzo Soares

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Foto de capa: parte da tela *The Harem*, 1904, de Frederick Arthur Bridgman (1847–1928) – Imagem baixada do sítio da Wikimedia Commons, na data de 22/01/2020.

Arquivo: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Frederick_Arthur_Bridgman,_1904_-_The_Harem.jpg?uselang=pt-br.

Fonte indicada: <http://www.liveinternet.ru/users/5358008/post320500607/>.

A obra das autoras está em domínio público, conforme Lei nº 9.610/1998. O original desta obra, publicado em 1886 por José Assis Clímaco dos Reis Editor, foi baixado do sítio da Biblioteca Nacional Digital, da Fundação Biblioteca Nacional.

Diniz, Francisca Senhorinha da Motta, m. 1910.

A judia Raquel : romance original de costumes / Francisca Senhorinha da Motta Diniz, A. A. Diniz ; apresentação Anna Faedrich ; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mariana Sanmartin de Mello, Mônica Almeida Rizzo Soares. — Brasília : Senado Federal, 2020.

186 p. — (Coleção escritoras do Brasil ; v. 5)

Acima do título: Cenas orientais.

Inclui notas explicativas.

1. Literatura, Brasil. I. Diniz, A. A. II. Título. III. Série.

CDD B869.3

ISBN: 978-65-5676-045-2

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>

SUMÁRIO

Apresentação	7
Notas sobre esta edição	15
A Judia Raquel	17
Prólogo	19
Primeira parte.....	23
I – A judia Raquel	25
II – Convite honroso	28
III – O <i>kalva</i>	32
IV – A compra de uma esposa	38
V – A cabalista	43
VI – A nova sultana	47
VII – Intrigas orientais	50
VIII – Uma coroa pesada.....	54
IX – A ave-do-paraíso	59
X – As sandálias douradas	63
XI – O príncipe negro.....	68
XII – Relíquias do profeta.....	74
XIII – Discussão religiosa nas nuvens.....	79
XIV – O bispo santo.....	85
XV – Ruína de um harém.....	90
XVI – Marsaint e o cão	95

Segunda parte	103
I – A filha do príncipe negro	105
II – O sacerdote pagão	110
III – <i>In hoc signo vinces!</i>	115
IV – Retrospecto histórico	122
V – Volta do exército	130
VI – Terríveis companheiros	135
VII – Visita a um eremita	144
VIII – A flor da paixão	149
IX – O Rei do Mar Vermelho	153
X – A montanha da Tebaida	160
XI – Adeus ao mundo	173
XII – Um voo ao céu	182
Fontes utilizadas na revisão ortográfica e notas	185

APRESENTAÇÃO

Francisca Senhorinha da Motta Diniz, natural de São João del-Rei (MG), foi escritora, editora, professora, fundadora de jornais e de escolas e feminista em pleno século XIX. Filha de Eduardo Gonçalves da Motta Ramos e Gertrudes Alves de Mello Ramos, casou-se com José Joaquim da Silva Diniz e teve três filhas, Amélia, Albertina e Elisa. Até hoje não se tem notícia do ano de seu nascimento. A data de falecimento, 30 de outubro de 1910, foi possível confirmar a partir de convites às missas celebradas em sua memória anunciados no jornal *O Paiz*¹.

Francisca Diniz teve destacada atuação como proprietária, editora e redatora de jornal. Em 7 de setembro de 1873, na cidade da Campanha (MG), fundou o jornal *O Sexo Feminino: semanário dedicado aos interesses da mulher*. Conforme anotado em seu terceiro número, “[...] O ponto objetivo do novo periódico é, como mais de uma vez tem dito, a *educação* e a *instrução da mulher* [...]. Há um reduto onde traçoeiro reside o inimigo que procuramos combater; esse reduto chama-se – a *ignorância da mulher*; esse forte que urge metralhar é defendido pela ciência dos homens”. Esse jornal circulou até 1890, embora com nome alterado para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, após a Proclamação da República em 1889. Desde 1875, o jornal passou a ser editado na cidade do Rio de Janeiro. Senhorinha Motta também fundou os periódicos *Primavera* e *A Voz da Verdade*.

Seu discurso feminista em prol da educação formal e da emancipação da mulher se aproxima ao de Júlia Lopes de Almeida (Rio de

¹ “Para comemorar o 3º aniversário do falecimento da D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, será rezada, hoje, missa, às 9h, na matriz de Sant’Anna” (*O Paiz*, 30 de outubro de 1913).

Janeiro, 1862-1934)², anos mais tarde, destinado às mulheres brancas, casadas e de classe elevada. Nem por isso, menos relevante:

A quem se deve a nenhuma instrução da mulher – a sua *descurada* educação – a sua nenhuma importância social – o grão de aviltamento a que tem sido reduzido o *sexo frágil*, e a elevação a que tem chegado a corrupção dos costumes – e a apoteose do cinismo? Deve-se (triste verdade!) deve-se ao *sexo masculino* – a esses maus conselheiros que na sociedade estudam todos os ardis para mentirem à mulher [...]. Não há maior erro, mais triste ingenuidade do que dizer-se que o século XIX é o século das luzes, existindo a *escravatura* e a *pena de morte*, os dois maiores crimes do *mundo bárbaro*, ainda conservados no *mundo civilizado* [...]. (*O Sexo Feminino*, 20 de setembro de 1873, n. 3)

Outra semelhança com Júlia Lopes de Almeida é a defesa da profissionalização feminina. Ambas demonstram preocupação com a viúva recente ou a mulher que, em situações adversas, como a falência do marido, precisa sobreviver e sustentar os filhos:

Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática de língua nacional *perfeitamente*, e depois, economia e *medicina doméstica*, a *puericultura*, a *literatura* (ao menos a nacional e portuguesa), a *filosofia*, a *história*, a *geografia*, a *física*, a *química*, a *história natural*, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa*: que *estas meninas* assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Se meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem, o que será de mim!!”. (*O Sexo Feminino*, 7 de setembro de 1873, n. 1)

A escrita tinha um papel fundamental na vida de Francisca Se-nhorinha, pois servia como fonte de renda, o que também se deu com o magistério, sobretudo após a morte do marido da escritora.

² A *Coleção Escritoras do Brasil*, do Senado Federal, reeditou o livro de contos *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, em 2019.

Diniz tinha plena consciência de que *O Sexo Feminino* enfrentaria um meio hostil por se tratar de um jornal criado por uma mulher para tratar dos interesses das mulheres, com ideias progressistas, antevendo que o periódico seria zombado pelos pessimistas, ignorado pelos indiferentes, reprovado com direito ao riso mofador dos curiosos, agourado e perseguido pelos retrógados:

Zombem muito embora os *pessimistas* do aparecimento de um novo órgão na imprensa – *O Sexo Feminino*: tapem os olhos os *indiferentes* para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso: riam os *curiosos* seu riso sardônico de reprovação à ideia que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha: agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*: persigam os retrógados com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterrâneas, chamando-as de *utopistas*. (*O Sexo Feminino*, 7 de setembro de 1873, n. 1)

A previsão da editora em relação à recepção negativa de seu jornal assemelha-se ao tom do prólogo de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), no romance *Úrsula* (1859), assinado por “Uma Maranhense”. Nele, Reis demonstra a ousadia e o risco que é para uma mulher escrever e publicar sua obra literária. Consciente da provável recepção adversa, que será indiferente à obra ou eschachada, a autora insiste na sua publicação: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou à lume” (Reis, 1859, p. 5). A escritora utilizou um pseudônimo no livro e se viu instada a justificar o “atrevimento” de publicar seu romance. Vale ressaltar também a denúncia sutil da condição desfavorável da mulher brasileira à época.

Senhorinha Motta lutou pelo direito das mulheres oitocentistas, tal como a poeta Narcisa Amália (1852-1924). Amália afirmava que a educação era privilégio e monopólio do homem e lamentava não ter tido oportunidades equivalentes para instrução refinada. A poeta fluminense não demonstrou interesse nas questões do lar e da família. Já Francisca Diniz clamava por igualdade entre os sexos, consciente

da desigualdade no acesso à educação e ao trabalho, mas se manteve presa à ideia da mulher como esposa e mãe de família, revelando certa ambiguidade em seu discurso. Essa orientação dual não é rara na obra das escritoras mulheres do período. Estas o fizeram por pertencerem a uma geração de mulheres que não se autorizava o abandono completo da adesão normativa ao ideário vigente. Se, por um lado, a fundadora d'O *Sexo Feminino* atuou de modo corajoso na esfera pública – como proprietária de escolas e de jornais – e defendeu a educação, a profissionalização e a emancipação femininas, por outro, influenciada pelos discursos religioso e positivista reinantes à época, pareceu valorizar o papel da mulher como mãe e esposa, confinada à esfera doméstica e privada. A contradição entre a adesão a um ideário tanto libertário quanto conservador poderia ser vista como a estratégia possível adotada por algumas escritoras para promover a emancipação feminina. Fernanda Andrade (2006)³ sugeriu que as ambiguidades nas posições de Senhorinha Motta representam um desses exemplos e devem ser compreendidas como estratégias editoriais para obter sucesso e promover a emancipação feminina.

Este volume da *Coleção Escritoras do Brasil* republica o primeiro e único romance de D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, *A judia Raquel: romance original de costumes*, publicado no Rio de Janeiro, em 1886⁴. Escrito em coautoria com sua filha A. A. Diniz, o livro trata de cenas orientais e, como indica o subtítulo – romance de costumes –, adota estilo literário em voga no Brasil do século XIX. A estória envolve o leitor com peripécias que, à moda do folhetim, despertam a curiosidade até o fim. Na tradição literária brasileira, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1854⁵, é o paradigma do romance de costumes. *A judia Raquel*, além de não figu-

³ ANDRADE, Fernanda Alina de Almeida. *Estratégias e Escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no Século XIX (1873/1890)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

⁴ DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta; DINIZ, A. A. *A judia Rachel: cenas orientais: romance original de costumes*. Rio de Janeiro: Ed. José Assis Climaco dos Reis, 1886.

⁵ Entre 1852 e 1853, foi publicado em folhetim, anonimamente.

rar entre as obras dos autores brasileiros recorrentemente celebrados e lembrados por meio de revisões, resenhas, republicações, prêmios literários, passa ao largo dos costumes cariocas ou nacionais, pois o cenário é inusitado (o oriente) e a história se passa na Idade Média.

Raquel é a protagonista cuja trajetória acompanhamos desde a infância, quando é sequestrada e escravizada, até a vida adulta, quando se torna princesa, convertida cristã, casada e mãe de uma menina. O enredo é de aventuras, o cenário é o oriente (sobretudo a cidade de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia). A construção do narrador em terceira pessoa torna possível conduzir o leitor pelas cenas, fazendo considerações com pitadas de ironia e estabelecendo uma relação de cumplicidade e uma interação que funciona muito bem: “Protegidos por uma fada, penetremos pelas estreitas grades douradas, por trás das quais as sultanas e favoritas de Murah assistiam ao *kalva*” (p. 37); “Abramos aqui um parêntese, para explicar a razão por que receava tanto o bom empresário o novo cativo de Raquel” (p. 38); “Mas... entretivemo-nos em divagações enquanto Crenvosk e sua mulher conversam; vejamos qual o assunto. É ainda Raquel” (p. 40); “Penetremos no acampamento cristão e travemos conhecimento com o guerreiro intitulado com esse estranho nome” (p. 68).

Roubada da casa dos pais israelitas, Raquel fora vendida, em Cairo (Egito), a Crenvosk – “árabe de nascimento, muçulmano de pensamento” –, empresário da primeira companhia de dança, por quatro pipas de óleo de azeitonas:

Penetremos no aposento de Cytréa e ouçamos o que seu marido queria dizer-lhe.

– É assim, Cytréa, vês que é um negócio vantajoso; quatro pipas de óleo de azeitonas, por uma magricela, que não tem mais que dois olhos negros e uns lábios nacarados! É verdade que poderíamos vendê-la a algum paxá, quando chegássemos a Janina ou Constantinopla; mas temo que a rapariga não chegue lá e morra pelo caminho, pois, como vês, desde que a trouxemos de Salonica, tem emagrecido sem cessar, e penso que, se esperarmos mais, não acharemos compradores para suas costelas, a que ficará reduzida Raquel (p. 27).

Ao ver uma caravana de nômades, da raça dos bambinos, composta de mulheres, crianças, camelos e mercadorias, Crenvosk percebeu que a cativa Raquel era diferente e quis comprá-la. O romance acaba por denunciar a condição da mulher no oriente, que é sempre escrava, comprada e vendida, como um objeto⁶. O próprio Crenvosk era casado com Yarkina, “uma persa muito amável” comprada numa aldeia de Mazenderam. O narrador conduz-nos a entender o motivo que levou o árabe a comprar Raquel: “Tentemos descrever o seu físico e adivinhar a sua moral, o que não será difícil com o auxílio da ciência de Lavater⁷”. Sendo assim, a fisionomia de Crenvosk indicava bondade de caráter – “A sua barba grisalha, tão longa que chegava até ao peito, os olhos tímidos, pardos, tirando a amarelo, o nariz aquilino, toda a sua fisionomia indicava bondade de caráter” (p. 28-29) –, e ele não queria nada além de acolher, bondosamente, Raquel como filha.

Esse é o início de muitas aventuras que estarão por vir. Na condição de filha de Crenvosk, Raquel acabará sendo comprada pelo poderoso sultão Murah, o qual já tem três esposas, e despertará inveja nas sultanas, resultando em uma série de intempéries no harém. Quando está entre a vida e a morte, por conta de intrigas, Raquel pedirá ajuda ao Príncipe Negro, o cristão Roberto du Pensier, que vai transformar o destino da judia.

O romance *A judia Raquel*, a exemplo de tantos outros textos de escritoras do século XIX, não foi considerado digno de preservação e de registro historiográfico e foi desmerecidamente apagado da história e memória literária brasileira. A exclusão sistemática dos textos de

⁶ Uma associação com a realidade vivida pelas mulheres na *belle époque* brasileira não chega a ser descabida, tendo em vista as várias vezes que Senhorinha Motta faz referência à submissão das mulheres como condição de escrava: “[...] Com a decadência da civilização torna-se porém a mulher escrava”; “Os *homens* zombam da ignorância das *mulheres* sem se lembrarem de que as educam com as escravas, que só necessitam saber obedecer” (*O Sexo Feminino*, 14 de agosto de 1875, Ano II, n. 4).

⁷ Johann Kaspar Lavater (Zurique, 1741-1801) é considerado o fundador da fisionomia, isto é, a ciência que estuda o caráter das pessoas por meio dos traços fisionômicos. É possível encontrar menções à ciência de Lavater nos periódicos *O Sexo Feminino*, revelando o interesse de Senhorinha Motta.

autoria feminina dos registros oficiais produz uma perda que prejudica o entendimento da real diversidade, qualidade e relevância que a literatura escrita por mulheres desempenhou no período de formação de nossa literatura. Uma análise mais detida aponta mecanismos sociais de exclusão das escritoras brasileiras, ou seja, motivações predominantemente do viés de gênero, e não um juízo independente sobre o valor literário das obras⁸, como se poderia supor. Por sorte, o romance de Senhorinha Motta se salvaguardou, e é louvável esta reedição pela *Coleção Escritoras do Brasil*, do Senado Federal. A coleção contribui para reparar ausências e reconsiderar a literatura de autoria feminina do passado, injustamente *sequestrada* – para usar o termo indignado de Haroldo de Campos⁹ – da nossa história literária.

Anna Faedrich¹⁰

⁸ FAEDRICH, Anna. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl), p. 164-177, setembro de 2018.

⁹ Em *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos* (1989).

¹⁰ Professora adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF).

NOTAS SOBRE ESTA EDIÇÃO

Nesta edição, a grafia dos nomes próprios em língua portuguesa foi atualizada. Os nomes próprios estrangeiros foram mantidos como se apresentam na edição original. A grafia dos topônimos foi atualizada e vem acompanhada de pequena definição para facilitar a compreensão do leitor.

As palavras em idiomas estrangeiros, notadamente a língua turca, tiveram a grafia mantida conforme aparecem na edição original, acompanhadas por definições quando foram encontradas. Algumas exceções estão assinaladas em notas. A grafia dos nomes de personagens históricos foi atualizada, tal qual aparecem nas fontes de referência, assim como nomes que têm correspondentes atuais.

A pontuação, especialmente dos diálogos, foi adaptada visando à fluidez do texto e à compreensão do leitor moderno.

O texto original, assim como grande parte das obras do século XIX, foi produzido numa época em que não existia ainda a devida normalização e padronização editorial. Conforme destaca Othon M. Garcia em *Comunicação em Prosa Moderna*¹, no passado era mais comum cercar-se a oração do verbo dicendi – isto é, a fala do narrador intercalada nos diálogos – por meio de vírgulas. Atualmente isso é feito mediante o uso de travessões, “para evitar, como acontece com frequência, que se confundam as palavras do autor com as da personagem”.

O ajuste da pontuação manteve, todavia, o estilo das autoras.

¹ GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 149.

A JUDIA RAQUEL



PRÓLOGO

Em uma noite tempestuosa, em que os elementos revoltados pareciam querer desencadear-se, no alpendre de uma catedral de Roma, estavam ocultos dois homens empunhando cada qual uma carabina.

De momento a momento os relâmpagos deixavam ver vultos que fugiam à medonha borrasca que desabava sobre a cidade dos papas.

Os dois homens premeditavam um crime horrível.

Ao clarão de um relâmpago viram um vulto que, correndo, dirigiu-se para o adro da igreja.

Um deles apontou a arma e ia disparar, quando o outro interveio dizendo:

– Ainda não, capitão, acho que não devemos gastar as nossas balas com um cão, pois é o que se encaminha para nós. Acabo de ver distintamente à claridade do relâmpago que brilhou com mais fulgor.

– É verdade – acudiu o capitão –, é apenas um cão; vem certamente esconder-se da chuva torrencial a que o seu longo pelo não resiste.

Nesse instante o cão acabava de transpor a escadaria e, achando a porta da catedral fechada, depôs mansamente sobre o solo uma cesta de junco que havia trazido na boca.

O pobre animal arquejava e, largando a carga, sentou-se ao lado dela para descansar e ao mesmo tempo esperar que a bonança sucedesse à tempestade.

Os dois desconhecidos aproximaram-se, e um deles, o que o companheiro dava o posto de capitão, riscando fogo, inclinou-se para ver o que continha a cesta.

Coberta com um espesso oleado, seria impossível penetrar dentro

uma só gota do precioso líquido que Moisés¹ fez brotar, com sua vara mágica, do rochedo do Horebe².

– Vejamos, Gustavo, o que vem tão bem acondicionado dentro desta cesta.

Abaixaram-se ambos e viram quase o mesmo espetáculo que viu a filha de Faraó indo banhar-se no Nilo³.

Deitada sobre uma pele de *zibelina*, composta com uma pelica, estava uma criança recém-nascida que dormia tão tranquilamente como se estivesse no regaço de sua mãe!

Entretanto, estava só em medonha noite de tempestade, numa rua de Roma, tendo por únicos protetores a Madona⁴ e um cão!

– Oh! – exclamou o capitão. – É a Madona quem nos envia este anjo, no momento em que íamos cometer um crime horrível, acompanhado de sacrilégio! Voltemos para casa quanto antes e conduzamos nosso anjo salvador!⁵

– Dito; mas, capitão, falastes como um padre. Era isso mesmo que uma voz íntima me ordenava ao pensamento.

O capitão tirou a criança de dentro de seu improvisado berço e escondeu-a debaixo de seu capote.

Gustavo sobraçou a cesta, e seguiram ambos para sua habitação, que não era distante, acompanhados pelo cão.

Aí chegando, o capitão depôs a inocente num divã e os dois examinaram-na atentamente.

¹ Um dos profetas mais importantes do Judaísmo e do Cristianismo, igualmente reconhecido pelo Islamismo. Foi um líder religioso, o segundo juiz de Israel, legislador e profeta, a quem a autoria da Torá é tradicionalmente atribuída.

² O Monte Horebe, ou Monte de Deus Horeb, é uma referência bíblica: o local em que Moisés estava quando Deus o chamou pela primeira vez e lhe falou de sua missão (Êxodo, 3, 1). Algumas referências igualam o Monte Horebe ao Monte Sinai.

³ O rio mais extenso do mundo. Situado no nordeste do continente africano, sua nascente está a sul da linha do Equador e sua foz ocorre no mar Mediterrâneo. Esse trecho faz referência à passagem bíblica em que a filha do faraó encontra, nas águas do rio Nilo, um cesto com um bebê: Moisés.

⁴ Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo.

⁵ Esta última frase, no original, estava em um parágrafo separado e foi juntada ao anterior para deixar claro que se trata ainda da fala do capitão.

A criança continuava a dormir, favorecendo assim o exame.

– Gustavo – disse o capitão –, esta criança é nobre, pois traz brasões em sua companhia. Dir-se-ia que é filha de príncipes, veja, uma coroa real que aqui está marcada na roupa de seu leitozinho.

– Oh! E ainda mais – acrescentou Gustavo. – É uma descendente de raça judaica.

– Conheceis esta placa de bronze, meu amigo!

– Não, capitão, nunca vi igual – acudiu Gustavo.

– Pois eu conheço-a de nome. Minha avó que esteve com uma irmã no exército da Crimeia⁶, como vivandeira⁷, contava-nos que sempre achavam essas placas com letras cabalísticas, ao pescoço dos soldados moribundos. Exatamente como esta – prosseguiu o capitão, examinando com a maior delicadeza o talismã que se achava no peito da criança, e com tal cuidado o fazia que ela continuava a dormir.

– Agora, meu amigo, deixemos mais para diante nossos planos; por enquanto a Madona nos envia um entretenimento dos mais inocentes.

– Esta criaturinha não tem pai nem mãe. A Madona da catedral de S. Pedro será sua mãe, e eu seu pai.

– E o sargento Gustavo será seu defensor, esqueceste de acrescentar, meu capitão – disse muito sério Gustavo.

– Aceito em nome da abandonada do alpendre, mas devo também adicionar ao número dos seus amigos seu fiel salvador, o cão – emendou o capitão.

O crime que os dois desconhecidos pretendiam cometer era o assassinato do cardeal Paderno, quando voltasse de conduzir o Santo Viático a uma dama nobre de Roma⁸ e entrasse na catedral.

⁶ Região do leste europeu, ao norte do Mar Negro.

⁷ Mulher que acompanhava marchas de tropas, vendendo víveres.

⁸ Atualmente é capital da Itália, localizada na porção centro-ocidental da península itálica, cortada pelo rio Tibre. Roma é uma das cidades mais importantes da história, exercendo uma influência sem igual no desenvolvimento da cultura dos europeus durante milênios e na construção da civilização ocidental.

A JUDIA RAQUEL



PRIMEIRA PARTE



I

A JUDIA RAQUEL

Uma caravana de bambinos⁹, composta de muitas mulheres, crianças, camelos e mercadorias, aportou certa noite na estalagem do *Condor*, que demorava numa solitária rua do Cairo¹⁰.

Descarregados os camelos, colocadas no chão as bagagens, os homens da caravana tratavam de seu mister, no pátio da estalagem.

As mulheres e crianças dirigiram-se para o interior da locanda¹¹.

Entre elas via-se uma mocinha, quase uma criança e que, pelos modos e distinção de sua pessoa, parecia não pertencer à raça dos bambinos, de que se compunha a caravana.

Seu vestuário, tocando já a andrajoso, era o que usam as judias de Salonica¹².

Com efeito, ela não era uma bambina como faziam-na passar, e sim oriunda de Salonica, donde fora roubada da casa de seus pais, que eram israelitas abastados.

Uma das mulheres que conduzia pela mão um pecurrucho disse, dirigindo-se à moça judia:

– Venha, Raquel, deves estar cansada. Parece-me que não estás acostumada a viajar em camelos; realmente a sua corcova incomoda em extremo.

⁹ Não achamos referências aos bambinos. É, possivelmente, um grupo de nômades árabes dos desertos, como os beduínos, citados algumas vezes nas páginas que se seguem.

¹⁰ Atual capital do Egito.

¹¹ Tenda, taberna, pequena mercearia.

¹² Salonica, ou Tessalônica, é uma antiga cidade da Grécia.

A mocinha não respondeu, tinha as faces descoradas, e de seus lábios secos deixou escapar um profundo suspiro. Com passo vagaroso seguiu sua interlocutora.

Depois de cearem frugalmente umas iguarias pouco delicadas, os viajantes recolheram-se, pois precisavam repousar, para prosseguirem na seguinte alvorada sua interminável marcha, em derredor do mundo oriental.

A caravana compunha-se de bambinos nômades.

Um dos bambinos, que parecia ser chefe do bando, arranjou as bagagens, acomodou os camelos e penetrou na locanda; dirigindo-se à mulher que falava à judia, disse:

– Cytréa, recolhamo-nos ao nosso quarto, já é tarde e amanhã, ao romper da alva, é preciso que estejamos livres dos braços de Morfeu¹³ e que o astro do dia nos encontre já a algumas milhas do Cairo.

E, aproximando-se da mulher, disse-lhe ao ouvido:

– Preciso terminar hoje um negócio magnífico. Venha; vou expor-te qual é e quero tua opinião.

Cytréa, puxando o pequeno Azulino, seguiu o chefe. Ao transpor o limiar da porta do miserável aposento, e que no entanto era o mais confortável da estalagem, voltou-se para as mulheres que ficavam na sala, se assim se pode chamar uma varanda ladrilhada e sem outra mobília senão uma velha mesa ladeada por dois bancos:

– Dama Lowande, acomode da melhor forma que puder essas bambinas. – E acrescentou em voz baixa: – Confio-te em particular a judia Raquel.

A mulher assim intitulada era de perto de 40 anos.

Em sua elevada estatura e em seu todo, adivinhava-se o gênio varonil. Era um fac-símile de homem.

Na caravana todos temiam-na e curvavam-se sob sua vontade. Nunca a viam rir-se com bondade; em seus lábios carnudos pairava constantemente um sorriso feroz.

¹³ Deus dos sonhos, na mitologia grega.

Foi à guarda deste Cérbero¹⁴ de saias que a mulher do chefe confiou a formosa judia de olhar doce e melancólico, a quem as companheiras odiavam sem causa.

Penetremos no aposento de Cytréa e ouçamos o que seu marido queria dizer-lhe.

– É assim, Cytréa, vês que é um negócio vantajoso; quatro pipas de óleo de azeitonas, por uma magricela, que não tem mais que dois olhos negros e uns lábios nacarados! É verdade que poderíamos vendê-la a algum paxá, quando chegássemos a Janina ou Constantinopla¹⁵; mas temo que a rapariga não chegue lá e morra pelo caminho, pois, como vês, desde que a trouxemos de Salonica, tem emagrecido sem cessar, e penso que, se esperarmos mais, não acharemos compradores para suas costelas, a que ficará reduzida Raquel.

– Sou de tua opinião, Azamor, é mais conveniente aproveitar a oferta desse empresário – replicou Cytréa, que penteava nesse momento sua vasta cabeleira, negra e áspera, como a cauda de um cavalo.

– Então, está feito o negócio. Quatro pipas do precioso óleo por uma rapariga feia como a judia é extraordinário. Não sei o que pretende arranjar o empresário com mais essa *almée*¹⁶, julgo que lhe prego uma boa peça.¹⁷

– Além de que, diz Raquel não gostar de dançar, e se o empresário não tiver cuidado perderá a importância das pipas de óleo.

– Quanto a mim, nada tenho com isso, e, se ele lembrar-se de desfazer o mercado, não mais terá o prazer de ver-me e a essa hora já estarei tão distante como Alá dos infiéis.

Isso disse o chefe monologando quase e, pondo-se em frente da mulher, acrescentou:

¹⁴ Na mitologia grega, cão tricéfalo que, segundo a fábula, guardava a porta dos infernos. Em sentido figurado: porteiro muito atento e severo, que não se deixa ludibriar.

¹⁵ Janina ou Joanina é uma cidade grega; Constantinopla, atual Istambul, é uma cidade da Turquia, tendo sido a maior e mais rica cidade da Idade Média.

¹⁶ Dançarina egípcia da Antiguidade.

¹⁷ Esta última frase, no original, estava em um parágrafo separado e foi juntada ao anterior para deixar claro que se trata ainda da fala de Azamor.

– Não penses que é por seguir tua opinião, Cytréa, que termino o negócio da judia Raquel. Por Maomé! Nada disso; é unicamente para seguir o Alcorão na passagem em que diz: quando quiseres vender teu boi, consulta tua mulher, se ela disser “não venda”, volta com ele ao aprisco¹⁸ – dizendo o que, saiu do quarto, puxando a porta.

Meia hora depois, estava vendida a bela judia ao árabe Crenvosk, empresário da 1ª companhia volante de *almées*.

No dia seguinte, mal despontava a aurora, a caravana seguia já a caminho, sem destino, segundo seu costume, e a moça, na mesma ocasião, partia para a habitação de seu novo senhor.

Coberta de andrajos, com os pés em sandálias, macilenta, seme-lhava essa pobre criatura ao judeu proscrito, a quem o Cristo, aflito, dissera um dia numa rua da Jerusalém¹⁹ descida:

– Caminha! Caminha!

II

CONVITE HONROSO

O novo senhor da judia chamava-se Crenvosk. Nascera nos arredores de Sana²⁰. Era árabe de nascimento e muçulmano de pensamento.

Tentemos descrever o seu físico e adivinhar a sua moral²¹, o que não será difícil com o auxílio da ciência de Lavater²².

A sua barba grisalha, tão longa que chegava até ao peito, os olhos

¹⁸ Curral.

¹⁹ Uma das cidades mais antigas do mundo, considerada sagrada pelo Islamismo, Cristianismo e Judaísmo. Localiza-se em um planalto das montanhas da Judeia (Israel), entre o Mar Morto e o Mediterrâneo.

²⁰ Saná, Sanaa ou Sanaá é, atualmente, a capital do Iêmen. Sua fundação remonta aos tempos bíblicos.

²¹ No original, “o seu moral”.

²² Johann Kaspar Lavater (Zurique, 1741-1801) é considerado o fundador da fisiognomonia, isto é, a ciência que estuda o caráter das pessoas por meio dos traços fisionômicos.

tímidos, pardos, tirando a amarelo, o nariz aquilino, toda a sua fisionomia indicava bondade de caráter.

A pele bronzeada, ainda mais tisonada pelo Sol, mostrava que esse homem já havia corrido longínquas terras.

De altura mais que regular, o seu passo era vagaroso e compassado, como o de um dervixe²³ na mesquita.

Tudo em Crenvosk anunciava bondade e retidão.

Era a este homem, talvez o melhor do Cairo, que fora vendida a judia Raquel.

Tinha ele por profissão uma *troupe d'almées*, dançarinas do Egito²⁴, de que era empresário.

Comprando a rapariga, tivera em vista aumentar o pessoal de sua companhia, além de outro motivo que o atuara a fazê-lo.

Estando nessa ocasião na estalagem do *Condor*, assistiu à chegada da caravana e de relance percebeu que a judia não pertencia à raça dos bambinos.

Tocado de seu infortúnio, apressou-se a fazer sua proposta ao chefe do bando.

Como vimos, fora aceita com sofreguidão por Azamor, que receava morresse de um momento para outro a mísera cativa.

Crenvosk pretendia, comprando Raquel, tratá-la como sua filha, e não a contrariar em seus hábitos, porque compreendeu o que deveria ter sofrido a pobre moça, lançada repentinamente nessa horda de ladrões que se intitulavam bambinos.

Sigamos porém os dois caminhantes, Crenvosk e a judia, os quais já nos antecederam, e ei-los chegados à habitação daquele.

Crenvosk conduziu Raquel à presença de sua esposa, uma persa muito amável, que o empresário comprara em uma de suas excursões, numa aldeia de Mazenderam²⁵.

²³ Religioso muçulmano.

²⁴ País localizado entre o nordeste da África e o sudoeste da Ásia. É um país mediterrâneo limitado pela Faixa de Gaza e Israel a nordeste, o Golfo de Ácaba e o Mar Vermelho a leste, o Sudão ao sul e a Líbia a oeste.

²⁵ Província do Irã.

De semblante atrativo e maneiras insinuantes, ganhava a amizade de todos com quem tratava.

As *almées* a estimavam, e era com verdadeiro pesar que se separavam da boa Yarkina.

Nesse instante estava ela pregando enfeites de prata em um excêntrico vestuário de dançarina.

Ao ruído que fez o empresário ao entrar, Yarkina ergueu a cabeça e disse:

– Ah! És tu, Crenvosk! Demoraste muito. Quando saíste, ainda Vênus²⁶ brilhava no firmamento, e entras quando o Sol já queima as pedras do Cairo. Porém, acho que trazes a pobrezinha de que me falaste, não?

– Sim, ei-la, mulher – respondeu o empresário, apresentando-lhe a judia.

Yarkina atirou-se com ligeireza para a moça e beijou-a ternamente, dizendo:

– Como se chama, minha flor? Parece que vem doente, está triste como a irmã do sono, a negra morte!

Raquel levou as mãos ao rosto e disse-lhe:

– Minha senhora, vejo que o Deus de meus pais guiou-me a um bom abrigo e que encontrarei na esposa do excelente Crenvosk uma nova mãe.

O empresário acrescentou em tom alegre:

– De hoje em diante, Raquel, nada de lágrimas. Eu e Yarkina não queremos que elas embacem a limpidez de teu olhar e que círculos arroxeados enfeixem essa tua cor, tão bela.

– Muito bem, Crenvosk – acudiu alegremente a persa –, antecipaste o que ia dizer. Raquel é nossa filha, nada mais tem a temer.

Raquel lançou-se aos pés de ambos e beijou a fímbria da túnica de Yarkina, que a levantou docemente.

No dia seguinte partiam para Andrinopla²⁷.

²⁶ Segundo planeta do Sistema Solar em ordem de distância a partir do Sol.

²⁷ No original está “Andriuopla”, mas em todas as outras citações está “Andrinopla”: cidade turca, cuja existência remonta aos primeiros séculos da era cristã.

Dias depois de sua chegada, uma tarde, ao regressar a casa, após referir o árabe a sua mulher o que vira pela cidade, disse-lhe ela:

– É verdade, Crenvosk, ia-me esquecendo dizer-te: o sultão enviou-te uma mensagem, por um *effendi*²⁸ de sua real guarda.

– Dê-ma depressa, Yarkina. Alá me proteja, o que me quererá o grão senhor!

– Ei-la – e Yarkina apresentou-lhe a missiva fechada com o selo real.

O empresário correu os olhos no papel e, dando um suspiro de alívio, acrescentou mais tranquilo:

– Felizmente não é nada de mau. O grão senhor ordena-me que sexta-feira leve as *almées* para dar uma representação em palácio.

– Antes disso, Crenvosk – acudiu a persa –, assim mesmo não é pequeno o aperto para nós. Como sabes, as *almées* não estão prevenidas de vestuários com que se possam apresentar à presença do sultão. Entretanto não podemos fazer novos, porque só temos três dias de folga.

Crenvosk prosseguiu dirigindo-se à mulher:

– Não te amofines, Yarkina, as coisas não estão tão apertadas como pensas. Vou correndo ao *bazar* comprar as fazendas para o traje das dançarinas, e, em dois dias unicamente, verás como podem ficar prontos.

Raquel, que estava de parte durante toda a conversação, interveio:

– Poderei ser um bom auxiliar, boa senhora, costuro muito ligeiro e auxiliá-la-ei no feitio das roupas; estou habituada a fazê-lo. Se for necessário, trabalharei toda a noite, e, juntando-a aos dias, elevará assim o tempo que tem disponível.

– Não, Raquel – disse o empresário –, quero-te para outro mister mais próprio de tua idade e gentileza. Se me desejas agradar, hás de entrar no bailado de *almées*.

– Gosto pouco de dançar, contudo o farei da melhor vontade, para vos ser agradável, senhor, e à minha nova mãe – respondeu Raquel.

²⁸ Título de honra ou de respeito que se dá aos letrados, utilizado no oriente médio; o termo pode equivaler a “senhor” ou “mestre”.

– Sim, bela menina – redarguiu Yarkina –, sou vossa mãe, bem o sabes, e quero que extasies as turcas do harém real com a graça de teus movimentos.

Crenvosk tomou de novo a palavra.

– Está combinado. Raquel dançará no palácio o bailado; eu vou comprar-lhe os adereços e vestuários para ela e suas companheiras.

Raquel, mais satisfeita com sua nova condição, recuperou a alegria nos dias que se seguiram, e o rosado das conchas veio substituir, em seu gracioso rosto, a palidez macilenta que o desfigurava.

Foi com verdadeiro pasmo que Crenvosk viu Raquel no dia da festa, quando Yarkina conduziu-a pela mão à sua presença.

Ajudia trajava o costume das *almées*, e tal era a sua graça infantil e a sua inocência natural que as outras dançarinas a olharam com despeito e cólera, apenas contida pela presença do empresário.

Crenvosk conduziu o bando ao palácio real, e, depois das cerimônias usuais, começou o bailado que vamos tratar de descrever no seguinte capítulo.

III

O KALVA

No harém do sultão Murah havia grande agitação.

O sultão dava, para divertimento das sultanas, um *kalva*²⁹, seguido do *tandour*³⁰ de luxo, a que assistiriam todas as favoritas que se houvessem comportado bem.

²⁹ Não encontramos definição para este termo. Neste capítulo, mais à frente, as autoras descrevem o *kalva* como uma reunião noturna: “O *kalva* é uma reunião bem rara na Turquia e, por essa mesma razão, mais apreciada. Corresponde com pouca diferença a uma *soirée*.”

³⁰ *Tândour*, *tandoor* ou *tannour*: forno cilíndrico de barro ou metal usado para cozinhar e assar (Ásia); mesa oriental coberta por um pano até ao chão, debaixo da qual é colocado um braseiro.

Lindos presentes estavam preparados no *selamlik*³¹ para suas esposas, que eram três.

Chamavam-se elas Carlée, Yaminée e Aimée. Duas muçulmanas e uma georgiana.

Eram as duas primeiras um tanto formosas, mas não competiam com a encantadora filha da Geórgia³², cujas mulheres, como é sabido, gozam da lisonjeira fama de passarem pelas mais formosas do universo.

No Oriente, principalmente, gozam de grande reputação de beleza, e os sultões, quando pretendem casar, dão preferência às georgianas, às suas compatriotas.

Aimée, a georgiana, não tinha ainda dezoito anos quando casara com o sultão.

Nem só por sua esplêndida formosura como pela altivez de seu semblante e a graciosidade na moça, Murah parecia preferi-la às outras sultanas, mesmo porque as maneiras servis destas últimas já o enfasiavam em extremo.

Nesse dia, a encantadora Aimée estava radiante de beleza. Não possuía ela os negros olhos das turcas nem a sua graciosa indolência; mas em compensação dois lindos olhos azuis, rasgados e profundos, iluminavam brandamente um semblante doce e melancólico, cuja alvura transparente fazia contraste com o dourado cabelo castanho.

Seu porte era elegante e senhoril, tinha ela ares de rainha.

Carlée e Yaminée, conquanto ignorassem, em parte, a predileção do sultão pela sua segunda esposa³³, a odiavam ocultamente e como que implicavam com ela simplesmente para verem em seu belo rosto a tristeza.

Como quase todas as turcas, eram implicantes e contrariadeiras umas das outras.

³¹ Área pública do palácio, reservada aos homens e às visitas.

³² Geórgia, ou Sakartvelo, é um país da Europa Oriental.

³³ No caso, aqui, trata-se da terceira esposa, Aimée, como se verá no restante do texto.

É raro, na Turquia³⁴, encontrarem-se³⁵ verdadeiros afetos entre as esposas dos sultões.

Entregues absolutamente ao ócio, têm todavia uma grande habilidade na arte de se enfeitarem e, como sejam satisfeitas pelo sultão em tudo o que desejam, gastam imensa soma em joias, ricos *Yaschmarcs*³⁶ e *antarís*³⁷, cravejados de pedras preciosas.

As muçulmanas são, em geral, de curta inteligência, e uma moça que soubesse mais de dois dedos da fábula seria tida como um portentoso.

Trajam as nobres muçulmanas calções de veludo, tendo por cima uma longa túnica de linho branco ou púrpura, que as põe quase sem movimento, em razão da extraordinária fazenda que leva, tanto em largura como em comprimento.

Um *Yaschmarc* caindo desde a cabeça aos pés oculta-lhe completamente a figura e os cabelos, que, em geral, usam cortados. O *fredgé* ou véu completa o seu vestuário, ocultando igualmente a boca e o nariz.

Grande quantidade de joias, tais como colares, anéis e braceletes, lhes adornam o colo, os dedos, as orelhas, os cabelos e até mesmo os vestuários.

O furor das joias é extraordinário na Turquia, e a muçulmana mais pobre as possui tantas quantas não as tem uma opulenta ocidental.

O esposo que não as desse às suas mulheres não conseguiria ter paz em seu lar.

Preparava-se, como dissemos, um *kalva* no harém real.

O *kalva* é uma reunião bem rara na Turquia e, por essa mesma razão, mais apreciada. Corresponde com pouca diferença a uma *soirée*³⁸.

³⁴ País euroasiático que ocupa toda a península da Anatólia, no extremo ocidental da Ásia, e se estende pela Trácia Oriental, no sudeste da Europa.

³⁵ No original está “encontrar-se”.

³⁶ Tipo de véu usado por muçulmanas para cobrir o rosto em público. As grafias mais usuais são *yashmak*, *yashmac* or *yasmak* (do turco *yaşmak*).

³⁷ *Antari*, *entari*, *enteri*, *anteri*: longo robe usado pelas mulheres na época do império Otomano.

³⁸ Reunião social que ocorre à noite, em oposição a *matiné*. Palavra de origem francesa.

A empresa do árabe Crenvosk havia sido honrosamente convidada, para dar uma representação no palácio real.

À noite, numa vasta sala de mármore, cercada de grades, uma companhia volante faz um bailado de *almées*, a que o sultão assiste reclinado no *soffa*³⁹, rodeado de *vizirs*⁴⁰, *emirs*⁴¹, *effendis*⁴² e eunucos⁴³.

Quanto às suas esposas e favoritas, está claro que assistem por entre a grade, vigiadas por eunucos negros.

Três luzes apenas iluminavam a sala-teatro, onde as *almées* de Crenvosk iam desempenhar o bailado, precedido de um enredo mitológico em que Ceres⁴⁴ procura, no monte Etna⁴⁵, sua filha Proserpina⁴⁶, raptada por Plutão⁴⁷.

Ceres, rodeada de ninfas, com fachos acesos, investigam o monte em procura da deusa.

Era isto um pretexto para seguir-se o bailado, e nem podia ser por menos, pois que, se fosse mais complicado, não seria compreendido pelas turcas do real harém.

No maior silêncio começou o bailado, que tem por princípio posições graciosas das *almées*, as quais pouco a pouco vão tomando animação.

Sua fisionomia continua imóvel, enquanto que seus corpos agitam-se nervosamente.

³⁹ Não encontramos definição para esse termo; é provável que seja “sofá”.

⁴⁰ Vizir: título dos principais oficiais do conselho do imperador da Turquia; ministro do imperador da Turquia.

⁴¹ Emir: título dos chefes de tribos ou estados muçulmanos.

⁴² Pessoas letradas, mestres.

⁴³ Homens castrados que eram guardas dos haréns.

⁴⁴ Na mitologia romana, Ceres é a deusa das plantas que brotam e do amor maternal. É equiparada a Deméter, que, na mitologia grega, é a deusa da agricultura e da colheita.

⁴⁵ O vulcão mais elevado em atividade da Europa. Situa-se na ilha italiana da Sicília.

⁴⁶ Mitologia romana: filha de Júpiter e Ceres, raptada por Plutão, que fez dela sua esposa.

⁴⁷ Mitologia romana: deus dos mortos e das riquezas.

A música acompanha-as nestes movimentos voluptuosos até que cessa lentamente.

O traje das *almées* ou dançarinas do circo varia. É um colete muito aberto, largos calções de seda presos nas cadeiras por um cinto de cores vivas, camisa de gaze ou filó cor de carne, pés nus e longas chinelas amarelas ou vermelhas, de ponta retorcida. Diadema de pedras falsas, braceletes e colares.

O sultão assistia com indiferença à dança.

Um de seus *emirs* chamou-lhe a atenção, por estas palavras:

– Grão senhor, vede como volteia bem aquela *almée*.

– A quem te referes, *emir*? – disse o sultão.

– Perdoai-me, glorioso filho de Alá, se ousei perturbar o silêncio que reinava em vosso pensamento – prosseguiu o *emir* de Murah, receoso de sua ousadia.

– Nada fizeste de mal, *emir*. Mas estás gostando do *kalva*?

– Oh! Muito, senhor; graças à magnanimidade do sultão, as reais esposas de Vossa Majestade estão hoje deveras contentes – acudiu o *emir*, para disfarçar a sua primeira ação.

– Estás desviando-te do assunto, *emir*. Ordeno que acabes o que dizias há pouco sobre uma das *almées* – continuou o sultão em tom amigável.

O *emir*, mais animado pela benevolência da fisionomia de Murah, prosseguiu:

– Estava achando comigo que aquela *almée* cuja cor imita a das zíngaras⁴⁸ é muito formosa. E tão distraído estava com a alegre cena que hoje presenciei, no real harém, que deixei escapar aquelas palavras, que poderiam ofender outro que não fora o bondoso sultão Murah.

Isto dissera o esperto turco, a fim de experimentar se o sultão obra-va com ele, como já algumas vezes o fizera com *effendis* de sua guarda.

Como quase todos os soberanos, Murah gostava da lisonja, e uma vez somente porque um *effendi* deixou-se cair do cavalo, no momento em que o soberano espirrava, elevou-o a paxá de três caudas, importantíssima personagem turca.

⁴⁸ Ciganas.

Segundo a etiqueta da Turquia, o espirrar-se em público é severamente punido, e até mesmo sentenças de morte têm-se lavrado por esse suposto delito.

O ladino *effendi*, deixando-se cair na ocasião em que o sultão espirrou, atraiu a si o ridículo que essa ação acarretaria ao seu soberano.

Para não nos alongarmos, diremos que o sultão Murah ficara tão encantado da *almée* Raquel que resolvera imediatamente tomá-la para sua esposa.

Além de que, ocorria a circunstância de pretender repudiar sua primeira esposa, de quem estava de há muito enfasiado.

Protegidos por uma fada, penetremos pelas estreitas grades douradas, por trás das quais as sultanas e favoritas de Murah assistiam ao *kalva*.

As reuniões à noite são proibidas pela religião maometana, e é só como raridade que se dão.

As esposas legítimas do sultão, sentadas em tapetes, com as pernas cruzadas, ou um joelho erguido, nem por isso aplaudiam o bailado e muito menos compreendiam a ópera cômico-mitológica.

Antes, com sofreguidão almejavam que terminasse, para que se seguisse o *tandour*, isto é, a ceia, composta de finos manjares, servidos um após outro, em um prato de ouro com uma única colher.

Terminado o bailado, o sultão mandou distribuir uma provisão de azeitonas e sequins⁴⁹ de ouro.

Um *vizir*, chegando-se ao empresário, ordenou-lhe que fosse à presença do sultão, e, uma vez ali, disse-lhe este em tom imperioso:

– Agradei-me de uma de tuas *almées*. Amanhã, ao romper da alva, enviar-te-ei um de meus *emirs*, a fim de conduzi-la para aqui.

O pobre empresário caiu de joelhos, e foi tal a sua perturbação que não teve ânimo de articular uma sílaba.

O árabe previra num instante qual seria a sorte da judia, ao trocar o seu humilde quarto na habitação de Crenvosk pelo soberbo *oda*⁵⁰ de sultana.

⁴⁹ Moeda de ouro veneziana.

⁵⁰ Conforme as autoras, mais à frente: “o aposento particular das senhoras de alta classe”.

IV

A COMPRA DE UMA ESPOSA

De volta do palácio real, Crenvosk, o empresário, mergulhou-se em profunda melancolia, e a tristeza estava tão fielmente desenhada em seu rosto bronzeado que sua mulher, logo que o viu, indagou com solicitude a causa.

Crenvosk fez-lhe um sinal que esperasse, e a persa obedeceu, tratando de acomodar as *almées*, visto ser tarde.

Feito o que, voltou a ter com o empresário, que, sentado junto a uma mesa, embebido em suas ideias, não deu pela entrada de Yarkina.

Esta aproximou-se e disse-lhe receosa:

– Que tens, Crenvosk, parece-me que não voltaste satisfeito do real *kalva*? Por acaso as *almées* não desempenharam bem o bailado, e o sultão zangou-se?

– Nada disso, Yarkina, as *almées* de Crenvosk jamais deixarão mal o seu empresário; o sultão mostrou-se satisfeito – acudiu o árabe.

Yarkina teve um sobressalto.

– Então, não compreendo a causa de tua melancolia, meu amigo. Saíste alegremente para o palácio real, mesmo em extremo contente, pela honra que te fez o grão senhor, de mandar-te convidar para...

O árabe interrompeu-a.

– Já sei, meu amigo, é de Raquel que se trata.

Crenvosk ergueu-se e fechou a porta à chave.

Depois, tornando a sentar-se, referiu à mulher a proposta que lhe fizera o sultão e acabou por dizer-lhe que temia pela sorte da pobre judia, cuja escolha para nova sultana o excelente homem cria ser fatal à moça.

Abramos aqui um parêntese, para explicar a razão por que receava tanto o bom empresário o novo cativo de Raquel, a quem ele e Yarkina amavam já como filha, apesar de conhecê-la de tão pouco tempo.

Se bem que parecesse, à primeira vista, ser uma grande felicidade para a mocinha tornar-se quarta esposa do sultão Murah, quem inda há pouco era uma cativa, contudo, nenhuma desventura maior podia pesar sobre a cabeça da judia.

A condição da mulher no Oriente é ser sempre desgraçada, como em todo país onde a religião do *Crucificado* não derramou suas benéficas luzes.

Esposa de um *paxá* ou mulher de um obscuro muçulmano, favorita de um sultão ou simples *alaik*⁵¹, a turca é sempre escrava.

O rico e luxuoso *oda* de sultana é sempre uma prisão, o soberbo harém, uma jaula, dourada sim, mas sempre prisão, e esta, por maiores comodidades que ofereça, deseja-se ardentemente ver-se livre dela e longe de sua vista sinistra.

Além de que, não se ignora a horrorosa intriga que lavra em quase todos os haréns, mormente nos opulentos. Por isso, na Turquia, a segurança individual das cabeças femininas é, por assim dizer, nula.

Os turcos, ciumentos em extremo, estão constantemente dispostos a ouvir as mil e uma intrigas que lhes narram sobre suas mulheres, e raras vezes deixam de dar ouvidos.

Todavia, em parte, não são infundadas essas suspeitas.

São os presos que mais amam a liberdade, por estarem privados dela; pela mesma razão, as senhoras muçulmanas, como se diz em linguagem vulgar, não perdem vaza⁵².

Em seus passeios pelo *bazar* e visitas de aventura⁵³, apesar de acompanhadas por eunucos, as turcas, sejam *hanuns* de alto bordo⁵⁴ ou não, jamais deixam, ao passar, de lançar de relance os olhos, e mesmo enviar um sedutor sorriso aos belos *effendis* que povoam as ruas da cidade.

Os eunucos fazem vista longa e se abstêm de contar a seus senhores o tiroteio de olhares que se cruzaram em caminho, temendo a vingança de suas senhoras.

⁵¹ Não encontramos definição para esse termo.

⁵² Oportunidade. “Não se deve perder vaza, major” (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto).

⁵³ Visitas a pessoas desconhecidas (nota das autoras).

⁵⁴ *Hanum*, em ladino (idioma sefardita – judeu espanhol), significa uma mulher bonita. Ligando ao sentido figurado de “alto bordo”, a frase quer dizer: sejam mulheres muito bonitas ou não...

Frisante baixeza!... O escravo vigiando a senhora, ou, antes, um cativo vigiando outro.

A confiança dos muçulmanos é maior em seus eunucos que em suas mulheres!...

Mas... entretivemo-nos em divagações enquanto Crenvosk e sua mulher conversam; vejamos qual o assunto.

É ainda Raquel.

– Bem, Yarkina, aceito teu conselho. Como último serviço que prestamos à nossa judiazinha, irei consultar a cabalista que mora no extremo da cidade. Ela lerá a sina de Raquel e a aconselhará sobre seu futuro. Vai preveni-la do melhor modo que puder. Quanto a mim, vou imediatamente selar meu cavalo e, se bem que tarde, partirei com Raquel.

Ditas estas palavras, Crenvosk saiu, deixando a persa pensativa.

– Quem tal diria! – exclamou ela – que, ao sair daqui, Raquel era nossa e, passadas algumas horas, pertence ao grão senhor e tornar-se-á, amanhã, sultana!... E ela bem o merece ser, a pobre menina; tão dócil e, sobretudo, tão boa e formosa!... sim, muito formosa!... nunca vi o harém real, mas sou capaz de jurar em como não há lá nenhum rotozinho mais gentil e encantador que o da nossa judiazinha. Ah!... que estou dizendo... Crenvosk manda-me prevenir Raquel, e eu ponho-me a palrar.

Dirigindo-se ao interior da casa, voltou daí a momentos com a moça pela mão, a qual vinha muito contente sempre que Yarkina a chamava.

A persa, que já era jovial, tornara-se ainda mais alegre, a fim de tornar suave e diminuir o efeito do que tinha a dizer.

– Venha cá, minha flor, senta-te aqui e conta-me se achaste bonito o *kalva* do real palácio.

Raquel, pensativa, não percebera que era excessiva a alegria de Yarkina, para não ser fingida.

– Com efeito, minha mãe, estava agradável o *kalva*, e as *almées* executaram bem o bailado; acho que o sultão gostou de nossa companhia – respondeu mansamente a judia.

– As *almées*! – acudiu a persa. – Falas unicamente delas!... E tu, Raquel, que eras a flor da festa, não o desempenhaste tão bem como tuas companheiras?

– Sim, senhora, porém pensei que seria falta de modéstia dizê-lo.

– Yarkina não me chame – disse a persa – se a minha filha não foi a que dançou melhor no palácio. E, para provar, vou dizer-te uma coisa. Nunca te contaram, Raquel, qual era a vida que passa uma *hanum* de um harém de luxo?

A moça começou a impacientar-se com o que lhe dizia Yarkina e intentou desviá-la do assunto que a incomodava.

Com voz abafada disse à persa:

– Em parte, senhora, isto é, ouço dizer que as mulheres turcas gozam de algumas regalias, é certo, porém bem pagas, porque suas cabeças estão em constante risco.

– Oh! Engano! – prosseguiu aquela. – As *hanuns*, principalmente as dos haréns ricos, têm vida muito regalada; um luxuoso *oda*, sabes isso o que é, minha filha?

– Sim, minha mãe, o aposento particular das senhoras de alta classe.

– Sim!... Sim! – tornou Yarkina, que, como se vê, desempenhava menos mal a missão. – O *oda* da esposa de um paxá é uma maravilha. Altos tapetes, macios como a plumagem, ricos coxins de veludo, muitos cofres de joias as mais lindas, longos *antaris* cravejados de pedras preciosas, milhares de frasquinhos dos perfumes mais raros do Oriente, *tikloucs*⁵⁵ de prata e âmbar, *alaiks* aos centos; enfim, nem podes fazer ideia.

Neste ponto de seu discurso, a sagaz persa foi interrompida pela moça, que, com a intuição própria de sua raça, entrevira qual o fim a que Yarkina queria chegar.

– Porém, minha mãe, o que tenho eu com isso? Sou uma simples *almée*, e essas magnificências jamais me atingirão, e acresce que estou satisfeita com a minha posição.

⁵⁵ Não encontramos definição para esse termo.

Yarkina deu um salto e, postando-se em frente a Raquel, acrescentou, como mostrando-se admirada:

– O quê! Raquel, então uma formosura como tu te sujeitas a passar a vida a correr terras, trajando uns sórdidos trapos de cores vivas, com pedras falsas por joias, a cansar-se extraordinariamente horas e horas num bailado, para ganhar alguns seitis⁵⁶. Enquanto que as turcas mais horrendas e estúpidas, indolentemente reclinadas sobre pilhas de almofadas, chamam suas criadas para lhes calçar as chinelas de ouro? Conheço mulheres que dariam a alma ao diabo, para se tornarem esposas de um *effendi* ou odaliscas ou mesmo *alawks* de um paxá. Bem se diz que não é quem mais corre que chega primeiro; talvez que as *almées* tuas companheiras tenham esse desejo, ao passo que tu, Raquel, sem pensar alcançaste a maior das honras.

Raquel ergueu para ela seus olhos negros e interrogou-a com o olhar.

– Dá-me que pensar as suas palavras, boa mãe; aonde quereis chegar?

A persa achou que não devia perder mais tempo e disse em poucas palavras:

– Quero dizer-te que amanhã serás a quarta sultana da Turquia; pois o grão senhor agradou-se de ti e dignou-se tomar-te para sua legítima esposa.

A moça debulhou-se em lágrimas, dizendo que não queria separar-se de seus pais adotivos, mas Yarkina consolou-a de tal forma e pintou-lhe tão ao vivo a vida que a esperava que momentos depois o excesso de desespero passava, sendo substituído por doce calma.

Quando Yarkina acabou de dar-lhe os conselhos que julgava prudentes, tratou da situação presente, depois de ter-se ocupado do futuro.

– Agora, minha flor – disse ela –, saiba que eu e Crenvosk assentamos que, para tua maior tranquilidade, irás hoje à casa de uma exce-

⁵⁶ Seitel ou Ceitel: antiga moeda portuguesa dos séculos XIV-XV, que valia um sexto (sextil) ou um sétimo (séptil) de real de cobre. As fontes apontam mais de uma origem, podendo ter sido mandada cunhar por D. João I (1357-1433) em memória da conquista da Cidade de Ceita, valendo a sétima parte do real.

lente cabalista, a qual lerá tua sina, aconselhando-te como procederás quando sultana, porque essa mulher tira sorte às turcas.

– Hoje? – acudiu a moça, admirada. – É tarde, minha mãe.

– Não é, minha gentil; Crenvosk aí está, e, em uma hora, cavalgando o possante *Hermin*, estarão à porta da cabalista.

Crenvosk, que, de volta de sua missão, entrava nesse instante, confirmou as palavras de sua mulher.

Esta trançou os negros cabelos da judia, soltos para o bailado, e, depois de dar-lhe um beijo no colo, insistiu para que partissem sem demora.

À porta da habitação, *Hermin* os esperava impaciente, escavando o solo.

Crenvosk saltou na sela, e Yarkina, suspendendo Raquel nos braços, colocou-a à garupa.

O árabe envolveu-se em seu amplo capote, com o qual cobriu inteiramente a mocinha; fez um sinal de despedida a Yarkina e partiu a galope, em direção a uma das portas da cidade.

V

A CABALISTA

A pobre Raquel tremia como um caniço, sob o pesado capote de Crenvosk.

O empresário encontrara meio de sair da difícil situação em que o acaso o colocara: não desobedecer ao sultão e ao mesmo tempo concorrer para a segurança da judia, que constantes perigos ameaçariam, quando sultana. Sendo perigosíssimo atravessar a cidade à noite, mormente com uma mulher, tivera o caridoso homem uma boa inspiração, logo que se tratou de consultar, naquela mesma noite, a cabalista, de cujas luzes dependia o futuro da pobre mocinha.

Crenvosk não hesitara; imaginara um plano e pusera-o em prática.

Ao avistar a primeira sentinela, recomendou a Raquel que permanecesse muito quieta e prosseguiu em sua marcha. Vinte passos mais e gritou-lhe o guarda, apontando a arma:

– Quem se atreve a sair da cidade, quando dormem os anjos de Alá?
O árabe, sem hesitar, respondeu:
– Acabo de sair do palácio real, venho ao extremo da cidade buscar aveia para os cavalos de minha companhia.
A sentinela prosseguiu:
– Vens só?
– Sozinho com o meu pensamento.
– O que levas, debaixo do teu capote? – continuou a curiosa sentinela.
– O coração de um filho de Alá!
– Falas a verdade, ou mentes como um cão franco? – retorquiu aquela.
– Alá me proteja e aos meus como falo verdade, e não se faça o mesmo se não me acreditas.
– Passa! – gritou a sentinela. – E voltas hoje?
O árabe apressou o passo de sua cavalgadura, e foi já fora da porta que respondeu:
– Quando a estrela Fósforo⁵⁷ despontar no horizonte, estarei de volta.
Fustigando o animal, afastou-se veloz da sentinela, que poderia ter-lhe sido fatal, se não fora o sangue frio e a prontidão de suas respostas.
– Meu pai, estou tremendo – disse Raquel, em voz tão baixa como um murmúrio –, temi que a sentinela viesse revistá-lo; se assim fora, estaríamos perdidos.
– É verdade – acudiu o árabe. – Quanto a ti, pouco seria o mal, visto seres a futura sultana; porém eu teria de haver-me com Sua Majestade o sultão, que certamente desejaria saber aonde pretendia levar sua quarta esposa.
Assim conversando, tinham chegado à casa da cabalista.

⁵⁷ Estrela Fósforo, Heósphoros ou Eósforo, identificada pelos gregos com a estrela da manhã ou Estrela Dalva, que hoje conhecemos como o planeta Vênus.

O empresário saltou ao chão e, tirando Raquel da sela, amarrou *Hermin* a uma árvore que sombreava a casinha da velha boêmia⁵⁸.

Deu a mão à moça e bateu à porta.

Uma voz enfraquecida fez-se ouvir:

– Uma pancada, filho de Alá; duas, descendente de Maomé; três, cão dos francos!

– Uma! – gritou Crenvosk.

A porta abriu-se e uma mulher singularmente vestida apareceu, aproximando uma luz do rosto do árabe e dizendo:

– A graça de Alá alumie teu cérebro.

– E de toda tua raça – respondeu aquele, impelindo Raquel para a frente. – Peço-vos, boa mulher, que abençoeis esta pérola da coroa de Alá.

A velha cabalista chegou-se para a moça e, fazendo-lhe uma cruz na testa, murmurou:

– Vejo três coroas nesta fronte!... de sultana! de princesa! e de martírio! Qual o fim que vos forçou a procurar-me? – interrogou ela aos visitantes.

– Trouxe esta menina para que a velha cabalista leia sua sina – respondeu o empresário.

– E qual o motivo de fazê-lo à hora do reinado de Elbis⁵⁹, em que só as aves agoureiras saem dos ninhos? Por que não viestes quando o sol brilha no firmamento, despedindo, com os seus raios brilhantes, o benéfico calor, que alegra os homens, os campos, os passarinhos, as flores, os regatos, enfim, toda a natureza.

Crenvosk chegou ao ouvido da cabalista, narrou-lhe em poucas frases o bailado no palácio real e o seu resultado, isto é, a escolha que o glorioso sultão fizera da *almée* Raquel para nova sultana.

A boêmia, depois de ouvi-lo comovida, aproximou-se da judia e, à medida que examinava as linhas de sua mão e o semblante, que se tornara horrivelmente pálido, murmurou:

⁵⁸ No caso, natural da Boêmia, região da Europa Central que, desde a Segunda Guerra Mundial, compõe com a Morávia a atual República Tcheca.

⁵⁹ Anjo das trevas (nota das autoras). Na mitologia turca, é uma divindade da guerra e do amor.

– Sultana... infeliz... perseguida por implacável inimigo... invejas... *ave-do-paraíso*⁶⁰... amizade sincera... depois... muito negro... quase a morte... porém... não... aí está um tênue ponto branco.

Raquel estremeceu a cada palavra da cabalista, e o árabe adivinhara por elas a sorte que aguardava a mocinha, no harém real.

– Está lida, bela menina; nada mais posso ver, está escuro, negras trevas cercam teu cérebro. Não é desesperada a tua sina, pode mesmo, em parte, ser modificada pela prece fervorosa e pela conversão... Ainda tenho uma coisa a dizer-te: quando te achares em grande aflição, ora ao teu anjo da guarda que te auxilie e atende ao primeiro ente que se apresente após a oração. Lembra-te que és judia e que um cristão filho do filho de Deus, a quem teu povo matou e cobriu de opróbrios, salvará, com sua espada, um descendente dessa raça de deicidas. Vai!... e que a donzela de Nazaré⁶¹, filha de Deus pai, a mãe de Deus filho e a esposa do Espírito Santo, perdoe a filha daqueles que disseram um dia nas ruas de Jerusalém: *crucifica-o!... crucifica-o!...*

Ao pronunciar estas terríveis palavras, o rosto decrépito da cabalista tinha-se animado, e seus olhos amortecidos despediam lampejos de cólera.

Seu corpo, curvado pela idade, estava firme, e com o braço estendido despediu os dois, com um gesto.

Dir-se-ia uma visão de maldição!

Os visitantes, petrificados e enleados, como que acabavam de sair de um sonho.

Crenvosk saudou a velha boêmia.

Raquel, mais morta que viva pelas palavras que acabava de ouvir, cujo sentido não pudera penetrar, beijou a mão da cabalista e saíram ambos, trêmulos, daquela casinha isolada no meio do campo, cuja

⁶⁰ *Paradisaeini* é uma tribo de aves passeriformes da família Paradisaeidae, com 14 gêneros e cerca de 43 espécies das chamadas aves-do-paraíso. A característica mais marcante das aves-do-paraíso é a plumagem exuberante dos machos da maioria das espécies, utilizada como ornamento nos rituais de acasalamento.

⁶¹ Nazaré é, atualmente, capital do Distrito Norte de Israel. Por ser descrita no Novo Testamento como a cidade onde nasceu Maria, mãe de Jesus, tornou-se um centro de peregrinação cristã.

única habitante adivinhara, em seu retiro, que a coroa de sultana pesava sobre a cabeça de uma judia.

A cabalista, chegando ao postigo, exclamou:

– Que a estrela Fósforo vos encontre em vossa habitação. Saúdo-vos em nome do Cristo.

Neste ínterim, o árabe e sua companheira já haviam cavalgado o brioso *Hermin*.

Um momento depois, tinham passado a sentinela, e brilhava no céu a Estrela d’Alva, meio oculta ainda pelas brumas da madrugada, quando Crenvosk e Raquel, mortos de fadiga, chegavam à sua casa.

Era tempo.

Apenas o árabe havia recolhido seu animal e já um *emir*, trajando a grande gala, apontava no começo da rua, cavalgando um cavalo negro, ajaezado de prata, empunhando uma mensagem.

Era o enviado do sultão, que vinha encarregado de, com duzentos mil sequins, comprar a quarta sultana do harém de Murah.

VI

A NOVA SULTANA

O *emir* enviado pelo sultão era o mesmo que, no real *kalva*, chamara sua atenção para Raquel.

Tinha a alma tão negra como o animal que montava, e talvez mais, o seu tipo o do traidor Judas.

Todos temiam-no por ser favorito do sultão e seu confidente, particularmente escolhido para missões delicadas.

Uma grande prova de confiança dera-lhe o sultão, enviando-o com a mensagem a Crenvosk, em que lhe ordenava fosse, com sua mulher, levar Raquel ao palácio real.

O grão senhor soubera que a judia estava há poucos dias em Andrinopla e receava que ficasse ela timorata⁶² sendo levada para o harém, acompanhada unicamente pelo seu fiel *emir*.

⁶² O mesmo que temerosa.

O que Murah ignorava era ter sido o seu favorito o primeiro a notar os encantos da formosa judia.

Quando o fez, esperava ele que o soberano compraria a *almée*, com que o presentearia, e grande foi o seu despeito ao ver falhar sua expectativa.

Murah, em vez de dar Raquel ao seu confidente, a tomava para si.

Excessivamente covarde, obrando só à traição, não deixou de nutrir a esperança de ornar, com a *almée*, o seu harém.

Em verdade, não era difícil.

Posto que esposa do sultão, ainda poderia decair de suas graças e tornar-se apenas odalisca ou até *alaik*; e então Murah a daria, para sua escrava, como costumava fazer com as favoritas decaídas.

Digamos de passagem; o *emir* em questão era feio, mesmo muito feio.

Quando assistia à representação, por várias vezes diversos *emirs*, encantados com os atrativos da morena judia, disseram muitas pilherias, por ver a insistência com que o feio *emir* fitava os negros olhos de Raquel.

O favorito, despeitado, jurara aos colegas que a bela *almée* o amaria.

Entretanto, a resolução do sultão pusera fim a qualquer tentativa a tal respeito.

Ao penetrar na sala do empresário, empunhava em uma mão a espada nua e na outra trazia a bolsa de veludo, contendo a quantia marcada pelo próprio sultão.

Crenvosk recebeu-o cortesmente, e o *emir*, simulando cortesia, disse:

– O nosso glorioso sultão vos envia os sequins pelos quais comprou vossa *almée* e manda avisar-vos de que, à menor relutância de vossa parte ou dela, tenho ordem de fazer justiça com esta espada.

O empresário respondeu que obedeceriam cegamente à mensagem de Sua Majestade o sultão e rogou-lhe que esperasse, que ia buscar Raquel.

Instantes depois voltava com Yarkina e Raquel trajando um vestido novo.

Seu gracioso rosto, fatigado por uma noite de insônias e pelas terríveis comoções por que passara havia horas, estava pálido como a Lua; e, pela sua palidez, pareciam ainda maiores seus olhos negros, verdadeiros espelhos, sombreados por longos cílios.

Raquel resignara-se à sua nova condição; dentro de tão pouco espaço de tempo, três cativeiros!...

Vendo-a, o *emir* estremeceu violentamente; mais do que nunca, estava enamorado da bela judia. Além de que, se alcançasse que, algum dia, o sultão, enfasiado dela, lha desse, que vitória!... Como ficariam os seus zombadores companheiros!!...

O empresário disse ao *emir* que estavam prontos, e, daí a pouco, penetravam todos quatro no palácio real.

Enquanto Murah conferenciava com Crenvosk, no *selamlik*⁶³, Raquel e Yarkina percorriam os jardins em companhia das *hanuns* do real harém e *alaiks* carregando os longos *antaris* das sultanas.

Terminando o colóquio, Murah deixou Crenvosk e dirigiu-se ao seu harém.

É ocioso dizer que o sultão estava apaixonado pela sedutora *almée* de Crenvosk.

Ao aparecer no jardim, as *hanuns* soltaram gritos de alegria e correram a beijar com servilismo as mãos do sultão.

Murah distribuía olhares ternos às suas esposas e fitou a vista em Carlée, dizendo-lhe:

– Recomendo-vos em particular a *hanum* nova e ordeno-vos que a não abandoneis.

A sultana ia protestar, porém conteve-se perante um olhar imperioso do sultão.

Em vão, a cólera deste estava declarada.

Murah vira a má vontade com que Carlée recebera a ordem e com um gesto impôs respeito à *hanum*.

Uma das sultanas destacou-se então do grupo e, ajoelhando-se, depôs um ósculo na farda do sultão.

⁶³ No original está escrito “salamlik”, o que entendemos como um erro tipográfico.

Este a levantou brandamente e, com doçura, disse:

– Levantai-vos, Aimée; cumpri o que ordenei a Carlée, e que Raquel não se aborreça até amanhã.

A judia os observava de longe e sentiu um calafrio percorrer-lhe os membros.

Aimée correu a ela e, com passo cerimonioso, curvou-a aos pés do sultão, dizendo-lhe:

– Raquel, ainda não sabes a etiqueta, por isso nosso glorioso senhor te perdoa; mas... beija a sua mão porque, de hoje em diante, és uma sultana! Esperando só enquanto chega o sacerdote de Maomé para sê-lo verdadeiramente.

Murah sorriu docemente e ia retirar-se, quando Aimée o deteve:

– Real senhor, peço-vos que mandeis servir-nos o *tandour* antes da noite.

O sultão fez um sinal de assentimento e retirou-se, acompanhado de Yarkina, que, após haver beijado a judia na frente, saiu do harém.

Momentos depois estava Raquel indolentemente reclinada num luxuoso divã bordado a ouro, tendo a seu lado uma *alaik* e Aimée, sua colega e amiga.

No dia seguinte, o seu trajo era trocado por um rico vestido à turca, e o seu nome de judia substituído pelo de sultana.

VII

INTRIGAS ORIENTAIS

Dois meses são passados que a sultana Raquel habitava o real harém de Murah.

Entre as *hanuns* reina a maior discórdia; somente dão-se bem as sultanas Raquel e Aimée.

A *alaik* de honra da sultana Raquel era uma antiga favorita do sultão que, após muitos anos de vida regalada, comportou-se mal, e Murah rebaixou-a, fazendo-a servir a Raquel.

A de Aimée era uma georgiana um tanto idosa, mas terna como sua jovem senhora, a quem ama em extremo, em razão de serem ambas filhas do mesmo país.

Chama-se Vanka.

Tinha perto de quarenta anos e era séria e de conduta exemplar, na sua classe de *alaik* de sultana.

Aimée servia-se desta mulher para levar ao *selamlik* os recados que todos os dias era obrigada a mandar ao sultão, não o podendo fazer pelos eunucos, que se haviam vendido ao outro partido.

Dizemos ao outro partido, porque entre as sultanas havia enorme rivalidade.

Finalmente tinham-se retirado da comunidade diversas *hanuns*, favoritas, *alaiks* e eunucos, comandados pelas sultanas Carlée e Yaminée.

Porém el-rei o sultão em parte ignorava o que se passava no seu harém.

A sultana Raquel, cuja esplêndida formosura desabrochava de dia a dia, tornava-se mais formosa.

Aimée não o era menos, daí a rivalidade das outras sultanas.

O Sol começava a esconder-se no ocaso.

As sultanas dirigiram-se ao jardim e esperavam o sultão, que mandara avisar que cearia com elas.

Aimée, sabendo que não era esse seu costume, em sua fina inteligência percebeu que alguém havia dito a Murah o que há dias se passava no real harém.

– Vanka – disse ela –, vai à porta do *selamlik* e dize a Saudah *effendi* que peça ao grão senhor de se dignar conversar dois momentos comigo.

A criada ia cumprir a ordem de sua senhora, quando sentiu uma chicotada sobre os ombros.

Voltou-se vivamente e viu um eunuco baixo e carrancudo, que a fitava com ódio.

A pobre *alaik* deu um grito e tentou passar.

Outra chicotada fez-se sentir, e a *alaik*, interdita, não sabia se devia obedecer ao eunuco, se à sultana Aimée, sua senhora.

– Vai! – gritou Aimée com império. – Senão mostrarei que a terceira esposa do glorioso Murah sabe fazer-se respeitar!...

A *alaik* deu um passo.

Pela terceira vez o eunuco castigou a criada, que, ocultando o rosto nas mãos, chorava.

A sultana Carlée deu uma gargalhada.

Yaminée imitou-a.

– Deixe-as, boa Aimée – disse brandamente Raquel –, não é justo que sofra afrontas por minha causa.

E ambas, inclinando a face na mão, começaram a chorar em silêncio.

Nesse instante, ouviu-se rumor de passos.

As duas moças limpavam os olhos, imediatamente.

Era tempo.

O sultão chegava com sua corte.

– Podem retirar-se – ordenou ele aos que o acompanhavam; e dirigiu-se à cabeceira da mesa colocada no centro do jardim.

As sultanas, depois de haverem cerimoniosamente beijado a mão de Murah, iam tomar seus lugares na mesa.

Este o impediu.

– Não! – disse-lhes ele. – Não sou daqueles que servem a dois senhores! – E prosseguiu com força: – Se em meu harém há dois partidos, eu, por minha dignidade, não devo sentar-me à mesa sem fazer justiça. Aquela que se julgar ofendida, sente-se e dê-me a razão de sua queixa.

Um raio caído no harém não produziria maior efeito.

Carlée quis aproximar-se, mas, ao olhar investigador de Murah, estacou!...

A judia deu um passo.

O mesmo olhar do sultão a fitava, porém a corajosa sultana afrontou-o e, tomando assento junto dele, começou sua queixa.

As *hanuns* soltaram gritos sufocados, ao ver a intrepidez de Raquel.

– Não preciso ouvir-vos, sultana formosa – disse Murah. – Quem vê não carece ouvir, e, demais, a vossa coragem em afrontar minha

cólera é uma ação louvável. Além disso, não admito que alguém ouse ofendê-la!

Raquel ganhara ânimo com as palavras do sultão. Julgara mesmo que ele lhe perdoaria as intrigas que haviam forjado contra ela.

As sultanas, a custo, continham a cólera, prestes a irromper-lhes dos lábios.

– Que tem, Vanka? – perguntou ele à *alaik*.

– Justiceiro senhor, fui castigada, e sou inocente. O meu crime consiste em obedecer à sultana Aimée, vossa amada esposa.

– Aimée – prosseguiu o sultão –, não sabeis que em meu harém reina a justiça?

– Sim, glorioso senhor.

– Pois, terminada a ceia, ela será feita, conforme manda o Alcorão, e, se Alá nos protege, eu a farei de modo que não haja sangue nem vítimas.

As sultanas estremeceram.

– Sentai-vos, formosas filhas de Alá.

Estas obedeceram e tomaram seus lugares à mesa.

Uma enorme ave multicolor entrou no jardim e começou a voar em derredor da mesa, e o som da música que se fazia ouvir, partindo do *selamlík*, embelezava um magnífico quadro da vida oriental.

– Oh!... que lindo pássaro! – exclamou a sultana Raquel. – Se fosse possível, glorioso senhor, eu vos pediria que se dignasse dar-ma.

– Oh! com muito prazer, bela Raquel, é vossa e, para que a justiça seja igual, é também para as outras três sultanas que dou a *formosa ave-do-paraíso*.

– *Ave-do-paraíso!* – exclamaram a um tempo as quatro.

– Sultanas!... ouvi bem o que vos digo; vou agora fazer justiça. O eunuco que castigou a Vanka sê-lo-á também por mim. A sultana que assim mandou proceder não me verá durante muitos dias; e finalmente... se não se unirem neste momento...⁶⁴

– Meu senhor, nós nos uniremos – disse com servilismo Carlée.

⁶⁴ As duas últimas frases estavam, no original, em um novo parágrafo e foram juntadas ao anterior para deixar claro que se trata, ainda, da fala de Murah.

Aimée e Raquel estenderam as mãos às outras sultanas, e o sultão, sorrindo, ordenou que se servisse a ceia.

Finda esta, as sultanas começaram a fumar seus compridos *tichiboucs*⁶⁵ de âmbar, cuja fumaça acompanhavam indolentemente.

Raquel aproximou-se da linda ave e examinava-a atentamente, quando sentiu alguém atrás de si.

– Sultana Raquel – disse Aimée, porque era ela –, largue essa ave. O sultão, longe de apaziguar-se convosco, está apenas simulando. Olhe com que atenção fala ele com Carlée.

Raquel voltou-se e viu Murah atento ao que Carlée e Yaminée lhe diziam. Por fim, chamaram dois eunucos e Edena, *alaik* da judia, e interrogaram-nos.

A moça deu um grande suspiro.

A pobrezinha entrevera o que diziam as *hanuns* ao sultão.

– Ah!... de hoje em diante começa o ponto negro que outrora me perseguia, a escurecer o brilhante futuro que me esperava!... Oh!... maldita sina a minha!... Parece que a raça judaica tem sobre si a cólera de Alá!...

– Bela Raquel – disse o sultão com ironia que não escapou à moça –, estou contente convosco, e amanhã nos veremos.

Dirigindo-se a Aimée:

– Formosa georgiana, merecis minha indulgência.

E saiu do jardim, deixando as duas moças entregues a seus aflitivos pensamentos.

VIII

UMA COROA PESADA

No dia seguinte àquele em que Murah ceara com suas esposas, grandes coisas se haviam passado no cérebro do imperador muçulmano.

Os turcos são extremamente volúveis e muito fáceis em acreditar em enredos e toda a sorte de intrigas.

⁶⁵ Chibuque: longo cachimbo oriental. Do turco *çibik*, *çubuk*.

As próprias sultanas tinham arranjado um enredo cujo fim era provocar, no ânimo do sultão, suspeitas contra sua quarta esposa.

Elas haviam dito que tratasse de apartar a sultana Raquel de Aimée, porque, diziam, tentavam fugir do harém, favorecidas por um *effendi* traidor a Murah.

E acrescentaram as implicantes *hanuns*:

– Mandamos ontem castigar a Vanka, porque ela ia, sob pretexto de chamar Soudah⁶⁶ *effendi*, entregar a alguém um bilhete enviado pela Raquel.

– Oh! – disse colérico Murah. – Bem via que a judia era culpada!... Não se portou como sultana, portanto merece morrer como uma vil *alaik!*...

– O que ides fazer de Raquel? – perguntou timidamente Yaminée.

– Isso não vos compete saber – respondeu aquele.

A intriga continuava cada vez a pior.

Um olhar de Raquel para Carlée exprimia um mau pensamento, um gesto era tentativa de discórdia, uma palavra que dirigisse a Aimée, as sultanas faziam comentários de horas inteiras.

Raquel, cansada de sofrer, disse um dia a Aimée:

– Minha amiga, deixo de te mostrar amizade de agora em diante, finjamos uma briga e irás reunir-te a Carlée e Yaminée. Quanto a mim, desde que recebi o recado do sultão, parece que vejo a morte pairar sobre minha cabeça!! Já o astro do dia não me surpreende dormindo, já as iguarias não me agradam!...

– Mas o que te mandou ele dizer?

– Ora!... ironias que ainda mais me acabrunham!...

– Pobre Raquel!... não sabes o que te espera!... Oh!... é medonho o que ouvi as sultanas dizerem... porém... não... não devo...

– Podes dizer-me, não temo a morte! – disse com coragem a judia.

– Também eu não a temeria, se fora natural, porém, um suplício!...

– Embora!... não o temo! – tornou afoitamente Raquel.

⁶⁶ No capítulo anterior está grafado “Soudah”.

– Ah! Raquel, estás fazendo-te de corajosa, mas a palidez de teu rosto denota o terror de que está possuída. Bem, serei tua inimiga aparente, para saber do sultão qual o gênero de suplício que te espera, e arranjarei a nossa inimizade do melhor modo possível.

Aimée ergueu-se e gritou com força, como se estivesse furiosa:

– Carlée!... Yaminée!... vinde ver como Raquel é grosseira!!... Está chamando-me de caixa do serralho, de sultana sem dignidade!... e a vós também!

O semblante de Carlée irradiou⁶⁷ de alegria selvagem.

– Oh! – disse consigo. – Se Aimée, a formosa, vem para o nosso lado, o sultão fará tudo por nós.

Encaminhou-se para Aimée e, passando-lhe o braço pela cintura, convidou-a a vir com ela.

Aimée seguiu-a, dirigindo frases grosseiras à judia, que do íntimo admirava a inteligência da gentil georgiana.

Ouviram-se⁶⁸ passos no portão, e um eunuco apareceu, trajando à corte.

– Reais sultanas, o sultão glorioso vos envia estes presentes.

E entregou um grande cofre, com joias e adereços de pedras finas, que as sultanas haviam mandado pedir a Murah.

O eunuco acrescentou:

– O colar de pedras azuis o grão senhor manda, em particular, para a sultana Aimée.

A georgiana, dando uma risada de contentamento, correu a mostrá-lo a Yaminée, que estava a um canto.

Raquel aproveitou o ensejo e, chegando-se à sua amiga:

– Dê-me esse colar, Aimée *hanum*; foi para mim que o bom sultão mandou, e não para vós, uma sultana tão feia!!...

– Ah!... como está ela!... Sois então muito bonita, sultana Raquel!...

– Dê-me!... ou eu te arranco o colar – continuou a judia.

– Não o dou!... é meu! – tornou Aimée.

⁶⁷ No original está escrito “irradio”, o que entendemos como erro tipográfico.

⁶⁸ No original está “ouviu-se”.

– Não dê, que é desaforo! – acudiu Carlée. – Não viu como ela teve a ousadia de pedir a ave ao sultão?... Essa *hanum* gosta que lhe seja feita a vontade.

– Tendes razão, Carlée; essa sultana é muito imperiosa!...

Raquel arremessou-se sobre o colar e, em um instante, arreben-
tou-o e quebrou debaixo dos pés.

Aimée começou a chorar em altas vozes.

– Acudam-me!... a sultana Raquel está me afrontando!

Um homem apontou no pátio.

– *Aziz-hein*, *emir* de sua majestade o sultão! – exclamaram as *hanuns*.

Realmente, sob o gradil que deitava para os corredores do *selamlík*, estava um homem de trinta anos de idade, e cujas feições um bom fisionomista adotaria como tipo de um homem sem dignidade e traidor.

Era o *emir* de que falamos, inimigo ou antes adorador oculto da judia.

– Irei participar ao grão senhor o que vejo – disse o *emir*.

– Não! Não diga nada ao sultão, e eu me encarregarei de apaziguar as sultanas – interveio uma delas.

Porém de balde o dissera.

Aimée continuava a disputar com Raquel.

Carlée, temendo as iras de Murah, correria à grade e pediu ao *emir* de nada dizer ao sultão.

Aziz-hein prometeu e desapareceu pelo corredor.

Dáí a momentos as quatro sultanas eram avisadas para compare-
cerem à presença do sultão.

Achava-se ele na grande sala de mármore, rodeada de tapeçarias, e interrogava os eunucos.

Depois de ouvi-los e fitar um olhar investigador em suas esposas, Murah disse secamente:

– Podem retirar-se, *hanuns*, quero conversar a sós com a sultana Aimée.

As três retiraram-se.

Aimée ajoelhou-se aos pés do sultão, banhada em pranto.

– Quem ousa fazer a formosa Aimée verter lágrimas?

Aimée calou-se e não se moveu.

– Vamos... bela georgiana, o que tendes?

– Nada foi, glorioso senhor.

– Como!... se vejo seus formosos olhos circulados de uma aréola negra!...

– Glorioso senhor, apenas uma pequena questão que tive com a sultana Raquel – respondeu Aimée.

– Ah! – disse, colérico, Murah. – Foi a sultana Raquel quem fez chorar a terceira esposa adorada do sultão!... Ela o pagará!... O que quereis que faça de Raquel?

Aimée, um tanto contrariada, respondeu:

– Que se cosa ao *tchouval*⁶⁹ a sultana.

– O *tchouval* é pouco, bela Aimée, pretendo dar-lhe um suplício maior...

A inteligente moça começava a entrever o resultado de sua farsa.

– Qual é ele? Glorioso senhor, peço-vos que mo digais, a fim de saborear minha vingança das afrontas feitas por essa imperiosa *hanum*.

Murah disse-lhe ao ouvido algumas palavras; depois, beijando-a, despediu-a com um aceno amigável.

Retirando-se ao seu *oda*, Aimée murmurou estas palavras que bem denotavam a sua comoção.

– Desditosa Raquel!... tão moça e tão formosa, ser lançada na jaula dos tigres-de-bengala⁷⁰!... mas... devo avisá-la, porque foi para saber qual o seu suplício que assim procedi; mesmo que já estou ansiosa por abraçá-la.

Dirigiu-se apressada e às ocultas ao *oda* de Raquel.

⁶⁹ Manta de sela.

⁷⁰ Também conhecido como tigre-indiano, é um grande felino e uma das seis subespécies de tigre restantes, sendo a segunda maior entre elas, ficando atrás apenas do tigre-siberiano. Seu nome deve-se à sua presença em Bengala ocidental, próxima ao Golfo de Bengala.

IX

A AVE-DO-PARAÍSO

Estavam as coisas neste ponto, quando Murah foi obrigado a partir para Constantinopla, sede de seu império.

Esquecemos de dizer no começo da narrativa que o sultão Murah estava então em guerra com os cristãos.

Chamado a Constantinopla por circunstâncias imprevistas, dadas em seu exército, está claro que o acompanhou todo o harém.

O sultão, ocupadíssimo com as operações militares, deu tréguas às intrigas, que, qual emaranhada rede, teciam em torno da gentil cabeça de Raquel.

O cioso imperador, conquanto estivesse desconfiado de sua quarta esposa, contudo não podia resolver-se a mandá-la matar, sem mais provas além do que lhe haviam dito.

Limitou-se a tratá-la com frieza, esperando uma prova cabal de sua infidelidade.

Murah já havia passado dos quarenta anos, e é, nessa idade, mais violento o amor, talvez por ser tardio.

O imperador bizantino não podia deixar de reconhecer que amava sempre Raquel; mas sua dignidade obrigava-o a simular a severidade que jamais merecia a judia.

Em sua ausência, desesperado pelo ciúme, imaginava mil tormentos para ela; porém, no momento em que Raquel vinha à sua presença e envolvia-o no seu doce olhar, Murah ficava desarmado e a custo se continha para não cair aos pés de sua escrava, pedindo-lhe que o castigasse.

Sua interdição foi causa de aumentar ainda mais a raiva das sultanas, que, atônitas, não podiam atinar o que continha o irascível monarca, que, como seus antepassados, à menor suspeita de infidelidade de suas esposas, as mandava coser no *tchouval* e lançá-las no Bósforo⁷¹.

⁷¹ Estreito que liga o mar Negro ao mar de Mármara e marca o limite dos continentes asiático e europeu na Turquia.

Em suas longas noites de insônias, a judia passava e repassava muitas vezes pela mente as palavras da cabalista, em parte incompreensíveis. Num instante de lucidez, descobriu que a amizade sincera de que lhe falara a velha de Andrinopla se cumpria na terna afeição que lhe testemunhara a bela georgiana.

Aimée intercedera pela sultana Raquel.

Murah, simulando admirar o procedimento de sua terceira esposa, deu-lhe algumas esperanças de um dia ainda se harmonizar com a judia.

Em realidade não era isto que o detinha.

Como sabemos, esperava ele a justificação de suas suspeitas, para mandá-la lançar na jaula das feras.

Essa prova certamente não tardaria, porque as sultanas não estavam em inação.

Murah partira para o acampamento de suas tropas, deixando o pessoal do harém, levando somente consigo as sultanas suas esposas, algumas *alaiks* de honra das mesmas e eunucos.

Desnecessário é dizer que o traidor *emir*, seu favorito, ia com ele.

Uma tarde, em que o sultão e suas esposas gozavam do fresco, a um lado da tenda, aproximou-se um ajudante de campo e disse que desejava falar a Murah.

A etiqueta turca estava um pouco modificada, devido às circunstâncias anormais em que se achavam.

Um harém em acampamento não pode ser tão interdito como noutra parte; todavia, o mesmo regime o regulava.

Quando o sultão estava com suas esposas, apenas recebia seus ajudantes de ordem e generais, em sua presença, se estes necessitavam dar-lhe sem demora notícias relativas ao exército.

Voltemos ao ajudante.

– Aproxime-se, *emir*, e diga-me o que o traz aqui!

– Importantes revelações sobre a última batalha.

O ajudante de campo pôs-se a referir ao sultão as peripécias do combate, que pouco nos importa conhecer.

Era uma guerra pequena, entre mouros e cristãos, e não uma cruzada. No reinado de Murah não a houve.

Como é de prever, as sultanas afastaram-se e foram entreter-se com a *ave-do-paráiso*, que, não fugindo, andava solta pelo acampamento, segundo seu costume.

Raquel deixou-se ficar a alguns passos distante, de onde podia ouvir as palavras do sultão.

Sentada no tapete estendido por Edena, entretinha-se ela em correr as pérolas de um fio que adornava seus cabelos.

A princípio, indiferente ao que dizia o ajudante, começou em breve a interessar-lhe a narrativa do turco.

– E quem é ele? – interrogou o sultão ao guerreiro.

– Ignora-se, grão senhor; no exército chamam-no o Príncipe Negro por causa de seu elmo e couraça, que têm a cor de anjo negro, mas creio que o nome de *príncipe* é alcunha. Sabe-se que ocupa um posto elevado no exército cristão e que é muito valoroso, sobretudo terno e compassivo para com os prisioneiros rendidos à sua espada.

– Um cristão! – exclamou Raquel consigo. – Oh!... é ele!... o meu salvador, predito pela cabalista. Sim! – prosseguiu com exaltação. – Visto que é bom para os prisioneiros, sê-lo-á igualmente para comigo, uma desgraçada mulher, cuja existência é miserável no meio de todo este luxo que me cerca!... Mas... – continuou tristemente – qual o modo de fazê-lo abraçar minha causa!... isolada, com um exército em torno de mim, rodeada de traidores!... Eis ainda o que me predisse a boêmia!... com mil homens em derredor, estou só!... só, com o meu infortúnio!... e a minha doce Aimée!... Pobre amiga!... o que poderá ela fazer por mim!... Nas mesmas circunstâncias talvez que ainda se ache a terceira esposa adorada do sultão!... Não percamos tempo... se ainda estou viva, devo à terna influência que Aimée exerce no ânimo de Murah. Porém essa causa pode repentinamente cessar, e então... serei lançada na jaula dos tigres!... Oh!... não!... não quero morrer de morte tão horrível!... tenho medo!...

O ajudante retirou-se, e as sultanas voltaram para junto de Murah.

Raquel acompanhou-as e, dando a mão a Aimée, segredou-lhe que desejava falar-lhe.

Ao cair da noite, encaminharam-se para o harém, situado ao exterior da tenda do sultão, isto é, com comunicação para o outro lado, por onde saíam e entravam as sultanas.

Reclinadas em um *sofá*, Raquel e Aimée tratavam de achar um meio de fazer chegar uma missiva ao herói do acampamento cristão.

De repente a judia exclamou alegre.

– Achei!... minha pérola azul.

Era assim que ela chamava Aimée, em alusão a seus lindos olhos da cor do céu.

– O quê!... diga depressa, Raquel *hanum*.

– *A ave-do-paraíso!* – disse.

– Sim!... excelente ideia!... essa ave é um mensageiro enviado por Alá!...

– Falas brincando, minha pérola, e em verdade o é!... a cabalista falou-me dela!... foi por isso que a pedi ao nosso glorioso senhor – acudiu radiante a judia.

A ave-do-paraíso dada pelo sultão às suas esposas, em Andrinopla, era tão inteligente quanto podia sê-lo um pássaro.

As sultanas haviam ensinado a ave a levar, de um extremo a outro do jardim e mesmo ao interior de um *oda* marcado, joias e flores.

Assim, se as *hanuns* estavam no salão e mandavam o pássaro conduzir ao jardim qualquer objeto pequeno, como um anel passado em torno de suas penas, o volátil o fazia depositando sobre qualquer banco o que trouxera.

Sua habilidade chegava ao ponto de levar uma flor de uma para outra sultana e bicava aqueles que, em seu caminho, intentavam, por graça, tomar-lhe o que levava.

Realmente, seria um bom mensageiro; porém, Raquel temia que a ave se deixasse pegar pelos soldados turcos, e então que seria dela?

À noite, fechada em seu aposento particular, a sultana traçou algumas linhas ditadas pelo desespero, dirigidas ao herói cristão.

Acabando de escrever, dobrou diversas vezes o papel e escondeu-o no seio, e adormeceu tranquila.

X

AS SANDÁLIAS DOURADAS

A sultana Aimée estava triste.

À hora do almoço, Aimée deu por falta da *ave-do-paraíso*, que, segundo o costume, não voltejava em torno das *hanuns*.

A georgiana, simulando pesar imenso pelo desaparecimento do pássaro, acabou por chorar.

Com este procedimento, tinha em vista a sultana impedir que, à chegada da ave de volta do acampamento cristão, alguém se entretivesse com ela.

Vendo todos ser Aimée a mais empenhada pela ave, era provável que lha entregassem assim que se apresentasse.

À tarde, Murah, sabendo que sua terceira esposa passara contrariada o dia, mandou chamá-la.

– Qual é a causa de vossos desgostos, bela georgiana?

Aimée, fingindo calma que não tinha, respondeu:

– Pouca coisa, glorioso senhor.

– Então por uma ninharia a tristeza enubla o rosto encantador da esposa amada do sultão?

Aimée rompeu em soluços.

Murah, ao ver correr as lágrimas da linda moça, não se conteve mais e disse:

– Depressa!... sultana Aimée, diga-me qual é a causa de seu pranto, que, por Alá o juro, remediá-lo-ei!... Ainda que fora a vitória de minhas tropas, daria neste instante, para fazer cessar as pérolas que vertem os dois luzeiros do *harém*!

– Glorioso senhor, vou dizê-lo: a *ave-do-paraíso* que tivestes a bondade de nos dar desapareceu desde ontem e até agora não foi vista!... Como sabeis, amo esse pássaro, por ter vindo da mão gloriosa de meu amado senhor!...

Dizendo isto, beijava com ardor a mão de Murah.

– É só isso que vos faz chorar? – acudiu o sultão, encantado pela lisonja de amor que a georgiana lhe testemunhava.

– Sim!... glorioso senhor, achais que não devia sentir?... As outras sultanas, como não o amam tanto como eu, pouco apreço ligarão à *ave*, que o seu real esposo teve a delicadeza de ceder-lhes!...

Murah perturbou-se vivamente com o que lhe dizia sua esposa; jamais a vira tão terna e expansiva!...

– Ficai sossegada, sultana formosa!... Se a *ave-do-paraíso* esta noite não voltar, prometo mandar amanhã um expresso ao Cairo, a fim de trazer outra.

– Oh! Meu Senhor! – disse Aimée caindo de joelhos. – Não pode haver em todo o orbe sultão mais magnânimo que o sultão Murah, nosso amado esposo!...

Murah ergueu-a ternamente e pôs-se a tratar de outro assunto.

– Diga-me, sultana Aimée; a sultana Raquel continua sempre triste?...

– Certamente!... glorioso senhor, tem razão para isso! Ter perdido, como ela perdeu, o afeto do pai dos crentes, do grande sultão Murah!...

Murah estremeceu.

– Não é por isso, bela Aimée; se a sultana Raquel está triste, a causa é outra; a *hanum* se aborrece no acampamento!...

A amiga da judia presentiu outra calúnia contra Raquel e desejou saber para avisá-la do que houvesse.

– Por que o faria! Glorioso senhor.

– Porque talvez preferisse ter ficado em Andrinopla, onde deixou o pensamento nas grades do *selamlík*.

Aimée compreendeu tudo.

– Se assim for, o que pretendeis fazer de Raquel *hanum*? – interrogou ela com manifesta indiferença.

– Oh! Já vos disse – continuou ele –, simplesmente isto. Visto enfastiar-se no *harém*, mandá-la-ei servir de pasto às feras de Bengala, em companhia do seu adorador, o feliz *effendi* de minha guarda.

Aparentando firmeza, Aimée continuou.

– Tendes provas do seu procedimento?

– Demasiado as possuo – concluiu Murah.

O sultão contraiu o sobrolho⁷², e tão ameaçador era o aspecto de sua fisionomia que a georgiana, malgrado seu, sentiu-se tomada de inexplicável terror.

Se assim sucedia a ela, a esposa predileta do sultão, o que seria da infeliz que tivesse a desgraça de cair no seu desagrado!...

O sultão despediu Aimée, que saiu depois de beijar a mão de Murah.

Em seguida chamou o *emir* seu favorito.

Este se apresentou muito pálido; o soberano interrogou-o, e o agente da traição narrou-lhe a causa.

– Grão senhor, estou duplamente aflito, e a minha dor aumenta por ter de descarregar, apesar de involuntariamente, um golpe afli-tivo sobre a cabeça do grande imperador muçulmano, a quem Alá protege!...

O sultão julgou que o *emir* queria se referir a alguma má notícia relativa à guerra e não se moveu.

Nesse momento, uma guerra se agitava em seu cérebro, mas era de outra espécie.

– Fala, *emir* – ordenou com voz segura.

– Já que assim mo ordena, falarei. Acabo de ser avisado de que o *effendi* a quem a sultana Raquel ama em segredo enviou-lhe um par de sandálias de ouro, que, esta tarde, foi encontrado em seu *oda*!...

Murah desembainhou a espada.

– *Emir*!... se o que acabas de dizer-me não for verdade... e castigar injustamente a sultana, provocando a cólera de Alá sobre meu exército, decepar-te-ei a cabeça como a um cão!...

O *emir* prosseguiu em tom respeitoso.

– Grão senhor, sois justo!... se não for como digo podeis cortar-me a cabeça!... Pelo rosário de Maomé em como é verdade!... podeis mandar buscar as sandálias, real senhor!

– Retira-te, *emir*, e faz vir à minha presença a sultana culpada.

⁷² Supercílio; sobrançelha.

Raquel, ao receber o aviso, sem saber de que se tratava, sentiu frio suor por todo o corpo. Adivinhava alguma coisa extraordinária que se ia passar, caiu de joelhos e murmurou esta singela prece:

– Oh! Bem-aventurada mãe de Alá!... salvai a desditosa judia... fazei que a minha inocência se manifeste em meus olhos... aplacai a cólera do sultão contra mim...

Raquel encaminhou-se com passo firme para onde se achava o sultão.

O irascível soberano dissera consigo:

– Verei se com efeito é culpada!...

Ao deparar com o semblante irado do sultão, a judia presentira ser gravíssimo o que ele tinha a dizer-lhe.

Impávida, adiantou-se e, depondo um ósculo na farda de Murah, com a cabeça baixa, esperou que ele a interrogasse.

– Sultana Raquel – começou o sultão –, sei que hoje foram encontradas em vosso *oda* umas sandálias douradas que vos enviaram de longe... o que tendes a responder a respeito?...

Murah, ao pronunciar estas palavras, cravava em Raquel seu olhar investigador e frio como a lâmina de um punhal.

A judia não pestanejou.

– Glorioso senhor, tenho a dizer-vos que ignoro absolutamente de onde proveio tal objeto... e... se o encontraram em meu *oda*, foi porque certamente alguém lá o colocou.

O sultão prosseguiu:

– De quem desconfiais?... das outras *hanuns*?... das *alaiks*?... dos eunucos!... vamos!... justificai-vos!...

Raquel, ignorando o autor da traição, antes quis afrontar a cólera do sultão que fazer incorrer em sua ira um inocente.

Respondeu unicamente:

– Se nomeasse um nome, poderia enganar-me e cometer injustiça!...

Murah rompeu em imprecações.

– Oh!... vos atreveis a falar em injustiça, sultana Raquel!?!... Vós!... a quem tenho coberto com o escudo da justiça por mais de uma vez

e que, em lugar de vos mostrardes agradecida, me respondeis com império!!...

A moça debulhou-se em lágrimas.

– Basta de comédia!... Estou enfasiado de ver lágrimas nesse rosto!... Como não estais satisfeita na posição de sultana, dentro de pouco tempo, ficareis livre dessa coroa, pesada demais para vossa cabeça, vazia de todo o senso!...

Acabando de pronunciar estas frases impregnadas de vingança, o sultão ergueu-se e, apontando a saída com gesto imperioso a Raquel, acrescentou:

– Encerra-te no teu *oda*, enviar-te-ei um dervixe, pois dentro de poucos dias a tua alma negra comparecerá diante de Alá e de Maomé!...

Raquel deu um passo, vacilou e estendeu-se ao comprido no alto tapete que forrava a tenda do sultão.

Murah chamou dois eunucos que foram prevenir as *alaiks*, as quais conduziram Raquel desmaiada ao seu aposento.

A situação tornava-se ameaçadora, e a *ave-do-paráiso* não voltava!... Era noite.

Raquel recobrava os sentidos, mas permanecia em uma apatia próxima da loucura.

As sultanas e *alaiks*, sabendo o que esperava a Raquel, a formosa, como a chamavam, estavam no auge do contentamento.

Carlée, com suas intrigas, voltava às boas graças do sultão, e dupla devia ser sua alegria.

No aposento solitário da pobre judia, havia uma única pessoa, era Edena, sua *alaik* de honra, que, como se compreende, não podia ser afeiçoada à sua ama e rival!...

Em um divã de veludo verde, cercado de almofadas, jazia a judia com os negros cabelos esparsos por sobre os ombros morenos, de forma escultural.

A imobilidade da moça era tão continuada que se poderia julgá-la morta, se o seu seio, de quando em vez, não se agitasse sob a túnica de linho branco.

A criada fitava estupidamente os olhos e acompanhava com a vista as ramagens das ricas tapeçarias que ornavam o *oda*.

Uma lâmpada de prata suspensa ao teto com dúbia claridade iluminava aquele lúgubre quadro.

Edena continuava indiferente a sua senhora.

Parecia uma estátua, junto ao leito mortuário de uma virgem.

XI

O PRÍNCIPE NEGRO

Penetremos no acampamento cristão e travemos conhecimento com o guerreiro intitulado com esse estranho nome.

O capitão Roberto du Pensier era um desses devotados cruzados que abandonavam seus castelos, os entes que lhes eram caros, os conchegos do lar, e vinham de todos os pontos do globo alistar-se nas fileiras dos soldados da Cruz.

Tinham por fim libertar o túmulo de Cristo e fazer com que os peregrinos pudessem penetrar em segurança na Palestina⁷³, para onde se encaminhavam em piedosas romarias a visitar os lugares santos e o Calvário, onde se cometeu o mais horrível dos crimes que até hoje pesa sobre os judeus.

O herói cristão era ainda muito jovem e, como muitos de seus companheiros de campanha, pertencia a uma nobre família da Normandia.

Alistara-se, sob o estandarte da Cruz, nessa guerra em que se empenhava, a qual, como já dissemos, não era uma cruzada, mas simplesmente esse constante guerrear entre turcos e cristãos, cujos frequentes combates davam ocasião a denominar-se uma guerra contínua.

⁷³ Denominação histórica da área geográfica que atualmente cobre o Estado de Israel, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Até 1948, quando da fundação de Israel, Palestina era a denominação do mandato britânico e, antes disso, já era a designação da região durante a dominação do Império Otomano, que durou mais de 800 anos.

Roberto du Pensier, resolvendo tomar parte na primeira cruzada que se empreendesse, partira para essa guerra a fim de ganhar o hábito das batalhas contra os turcos, que brevemente lhe seria necessário.

Dotado de coração magnânimo, colocando, acima de tudo, a honra, sua espada estava sempre ao lado do fraco e do oprimido.

Tendo-se alistado como simples soldado, conseguiu que, em breve, sua coragem nunca desmentida, seu valor e, sobretudo, sua piedade extrema para com os desgraçados ganhassem-lhe o coração de todo o exército.

Os camaradas logo o elevaram a um alto posto.

Primeiro nos combates, era o último a se apresentar, na ocasião de repartirem-se⁷⁴ os despojos.

Terminada uma batalha, enquanto os guerreiros, em suas tendas, repousavam das fadigas, o intrépido soldado percorria as ambulâncias, e mais de uma vez viam-no, com um companheiro, carregar em improvisada maca algum ferido ou moribundo que ficara esquecido, exposto ao relento sob as patas dos animais dos vencedores, no campo, juncado de cadáveres de cristãos.

De inteligência rara e, de golpe de vista, seguro, os generais acatavam os conselhos do jovem batalhador.

Sempre que as dificuldades se apresentavam, uma única palavra sua bastava para animar os soldados a superarem-nas.

Até aqui, nos ocupamos da moral⁷⁵ de Roberto.

O seu físico era o de um belo normando, como quase todos os célebres campeões da antiga cavalaria.

É de regra, em todos os contos, os heróis possuírem encantos e serem de beleza rara. Nesse ponto não acompanhamos os escritores que emprestam aos seus personagens principais os atributos dos trovadores da Idade Média. Diremos apenas que Roberto não era lindo como um Narciso⁷⁶ nem feio como um pecado mortal.

⁷⁴ No original está “repartir-se”.

⁷⁵ No original, “do moral”.

⁷⁶ Na mitologia grega, era um herói do território de Téspias, Beócia, famoso por sua beleza e orgulho.

De elevada estatura, tinha o rosto bronzeado pelo sol do Egito e os cabelos negros; toda sua fisionomia ressentia-se de imensa simpatia.

Vestia constantemente uma couraça negra e o seu elmo com penacho da cor da noite; deram origem ao seu apelido, como depois ao seu êmulo⁷⁷, Eduardo de Gales⁷⁸, o Príncipe Negro, que com esse nome passou à história.

Sentado em frente da tenda, com a face na mão, o herói das fileiras cristãs viera, como de costume, assistir ao nascimento do astro do dia.

A luz indecisa ainda não clareava o vasto campo que se desenrolava à sua vista.

Seus lábios agitam-se e murmuram algumas palavras.

Será um plano de batalha que engendra o cérebro juvenil do guerreiro?

Não; o capitão ergue um hino ao Criador, ao contemplar os desvelos com que acode às necessidades dos homens. Depois invoca o santo guerreiro, para com sua espada gloriosa dar vitória ao exército.

Os soldados repousavam, e o maior silêncio reinava no acampamento.

De súbito Roberto deparou com um ponto negro, por entre a neblina da manhã, aproximando-se rapidamente para onde se achava.

Julgando ser um abutre, o capitão entrou na tenda, a fim de trazer a arma e atirar-lhe.

O pássaro, vendo que ali não havia ninguém, foi pousar no cimo de uma árvore, a poucos passos da tenda.

Ao voltar, du Pensier olhou em derredor e divisou a linda ave.

Aproximou-se lentamente e soltou um grito de admiração:

– Uma *ave-do-paráiso* nestas paragens!... Vejamos se consigo apANHÁ-la viva; se não puder, então atirarei, apesar de ser pena matá-la.

⁷⁷ Imitador.

⁷⁸ Eduardo de Woodstock, Príncipe de Gales (1330-1376), conhecido na história como o Príncipe Negro, foi o filho mais velho e herdeiro do rei Eduardo III de Inglaterra.

Escondendo-se pelas moitas, procurava alcançar a ave, quando esta, ao avistá-lo, lançou o voo ao seu encontro e pousou-lhe mansamente no ombro.

Oh! – disse o príncipe. – O pássaro é domesticado; certamente alguma ave dos turcos, que possuem, em pitorescos viveiros, exemplares da mais rara espécie.

Pôs-lhe a mão e não cansava de admirar as brilhantes penas.

Examinava uma das asas da ave, quando deparou com uma missiva de papel fino, delicadamente atada, completamente oculta sob a densa plumagem.

– O que vejo! – exclamou ele, admirado pelo achado. – É uma missiva, mas sem dúvida não era para mim; enviaram este pássaro a algum lugar costumado, e, por fantasia, desprendeu o voo e veio gozar da alvorada no cimo desta árvore.

Assim fraseando o capitão havia aberto o papel e, à tênue claridade da manhã, leu o seguinte:

“Uma infeliz sultana, cuja cabeça corre constante risco, apela ao Príncipe Negro que a salve, em nome do Cristo, em cujas fileiras combate. O mais horrível suplício espera a mísera Raquel, assim se chama a judia que teve a desdita de ser escolhida para quarta esposa do imperador muçulmano. O emissário de que se serve bem mostra a sua desesperada situação; essa ave é um expresso seguro; basta, ao enviá-la, dizer: vai junto à sultana Aimée. Três dias mais já será tarde. – *A sultana Raquel.*”

– Raquel! – repetiu o Príncipe Negro. – Uma das esposas do sultão!... Entretanto Raquel não é nome turco, as muçulmanas não costumam chamar-se assim.

Depois, refletindo, acrescentou:

– Mas... quem seria que lhe falou de mim, para ela chamar-me a salvá-la, por tão singulares meios!? Todavia... é uma infeliz, que clama por meu auxílio; não devo abandoná-la! Se o fizesse, seria justo que o Santo, a quem acabo de invocar em socorro de minhas tropas, também se tornasse surdo às minhas súplicas. Uma sultana!... como

salvá-la? Se fora apenas a mulher de um *paxá*, ou sua favorita, já não seria fácil; o que será tratando-se de uma das esposas do imperador! Ainda assim, tentá-lo-ei!...

Ficou alguns instantes pensativo; depois tirou do bolso um lápis e escreveu algumas palavras em um papel, atou-a com a mesma fita.

O pássaro, que permanecia junto de Roberto, deixou docilmente que ele atasse a missiva entre sua plumagem.

O guerreiro soltou a ave, que partiu sem hesitar pelo mesmo caminho, acompanhando-a Roberto com a vista, até sumir-se totalmente no horizonte.

– Singular acaso!... saber eu que neste momento chamam pelo Príncipe Negro quando... Não devemos perder tempo... A infeliz sultana diz-me que, dentro de três dias, talvez seja tarde!... Em tal caso, a hesitação seria um crime!

Roberto du Pensier seguiu para sua tenda, e esteve todo o dia numa agitação contínua.

Deixemos o capitão ocupado com os preparativos de sua perigosa excursão e tornemos ao harém real.

A judia havia achado meio de enviar a *ave-do-paraíso*, sem que o suspeitassem as outras sultanas.

Justamente no dia seguinte, ia ter lugar a partida do exército combatente.

Aimée mandara solicitar a Murah permissão para ela e as demais *hanuns* assistirem à partida das tropas.

Murah atendeu delicadamente ao pedido.

Ao romper da alva, estando ainda tão escuro que mal se divisavam os objetos, as sultanas e *alaiks*, com os olhos semicerrados, debruçavam-se na grade do pátio. Escusado é dizer que a judia não ia com elas.

As pérfidas, pela primeira vez depois de habitarem o *harém*, admiraram o nascer de Chriseo no carro de Apolo⁷⁹.

⁷⁹ Uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos. Filho de Zeus e Leto, e irmão gêmeo de Ártemis, possuía muitos atributos e funções e, possivelmente, depois de Zeus, foi o deus mais influente e venerado de toda a Antiguidade clássica.

– Como és inteligente! – disse Raquel logo que a georgiana a procurou. – Formosa e com essa viveza será de balde que as outras sultanas disputarão contigo a primazia; jamais conseguirão te suplantar... o verdadeiro poder existe no talento!

E regressaram todas para dentro.

As horas se passaram, e Raquel continuava contente.

Uma alegria interior manifestava-se em sua alma, há tão longo tempo imersa na mais profunda tristeza.

Porém foi ela de pouca duração.

À medida que o tempo decorria, sua inquietação aumentava.

A cada instante a moça cria ver chegar a *ave-do-paráiso*, em hora imprópria, as sultanas examinarem-na e encontrarem o fatal papel!...

Quanto à sua chegada ao acampamento dos cristãos, não lhe causava cuidados. Uma vez ali o pássaro, era provável que, acostumado a viver em liberdade no exército turco, se deixasse pegar pelos soldados, os quais, deparando com a missiva dirigida a um dos seus capitães, não hesitassem em entregá-la.

Como sabemos, melhor ainda que isto acontecera, e foi o próprio Roberto quem primeiro lobrigou⁸⁰ nos ares a *ave-do-paráiso*.

Assim se passou o dia.

Mas qual a razão por que o pássaro não voltava, quando o Príncipe Negro o enviara imediatamente?

Tê-lo-iam matado?

Não. Em seu caminho escapara várias vezes de cair sob a arma daqueles que, divisando-a, procuravam apanhá-la. Obrigada a ocultar-se entre as densas ramagens das árvores, subindo às grimpas, ora escondendo-se aqui, ora ali, a ave levava todo o dia em viagem e, ao escurecer, penetrou no harém real, onde foi pousar no colo de Aimée, que a esperava de há muito.

⁸⁰ Lobrigar: enxergar com dificuldade na escuridão ou penumbra; ver a custo; entrever.

XII

RELÍQUIAS DO PROFETA

A noite ia adiantada.

Vanka penetrou no aposento da judia e entregou-lhe o que sua senhora mandara. Era a resposta do Príncipe Negro.

Raquel estava só em seu *oda*.

Edena, sua *alaik*, havia ido dormir.

A moça ficou contentíssima ao saber que a *ave-do-paráiso* voltava sã e salva ao harém.

No dia seguinte, mal rompeu o dia, Raquel mandou pedir ao sultão lhe enviasse um *dervixe* para pôr sua alma em estado de comparecer à presença do grande Alá!...

Murah atendeu ao pedido da judia e ordenou ao dervixe do seu harém fosse ouvir a sultana culpada.

O que fizera com que Raquel dirigisse essa solicitação?

Judia, não podia ela seguir a religião do célebre mercador de Meca⁸¹; simulava apenas necessitar de sua pessoa.

Vejamos o que continha o bilhete enviado por Roberto du Pensier.

Eis seu conteúdo:

“Seu apelo foi ouvido pelo Príncipe Negro; amanhã ao anoitecer apresentar-me-ei no acampamento turco, em um balão que amarrarei a alguma distância da tenda real. A sultana fugitiva procurará os meios de alcançá-lo e, aí chegando, nada mais terá a recear, minha espada a defenderá.”

Meditando no que dizia o bilhete, veio-lhe a ideia que conseguiria sair do harém auxiliada pelo dervixe.

O dervixe era um santo homem. Fatalista, como todo muçulmano, acreditava que tudo o que sucedia ordenava-o Alá. Uma vez com

⁸¹ Cidade da Arábia Saudita considerada a mais sagrada no mundo para os muçulmanos, situada na província homônima.

o rosário na mão ou folheando as páginas do Alcorão, poderiam vir dizer-lhe que sua casa desabara ou suas roupas estavam em chamas que o sacerdote de Maomé não se moveria. Seus dedos descarnados continuariam a correr as contas de âmbar, e seus lábios murmurariam os versículos do código sagrado!

O dervixe não era mau, porém estava longe de imitar um sacerdote cristão, quando exerce puro o santo sacerdócio, que não conhece sacrifícios, tratando de socorrer as ovelhas de Cristo e levá-las ao aprisco do céu.

Era muito esmolar, o que não quer dizer que fosse caritativo, porque há quem peça muito e dê pouco; o dervixe em questão seguia esta norma. Se o sacerdote maometano recitasse a oração dominical, era bem provável que dissesse unicamente o *venha a nós o vosso reino*.

Costumava ir sempre esmolar no harém real, cujas almas estavam sob seu encargo conduzi-las ao paraíso de Maomé.

As sultanas o acolhiam com frieza e raramente o atendiam.

Somente Aimée e Raquel lhe davam alguns sequins de ouro, para os seus pobres, todas as vezes que o caridoso turco pedia; por isso, não seria de admirar que tivesse ele mais predileção pelas duas *hanuns*.

De posse de uma moeda, a judia não se servia de seu valor, a enviava logo ao dervixe, que em paga dizia ser a sultana Raquel de extrema piedade!...

Raquel tinha a certeza de que, dando-lhe uma avultada soma, o escrupuloso monge, sem se comprometer, auxiliá-la-ia; porém, a pobre moça não possuía sequer um sequim!...

Desde que caíra no desagrado do sultão, jamais este lhe enviara um só presente, e tudo quanto possuía de há muito que o dera ao importuno dervixe.

Lembrou-se de suas joias, que por si representavam um tesouro. A judia pensou em deixá-las na terra onde as ganhara à custa dos maiores sofrimentos; reuniu-as todas em um cofre de ouro e esperou, com aparente desespero, a chegada do dervixe.

O monge maometano encaminhou-se para o *oda* da sultana Raquel, seguido de dois eunucos negros, encarregados de vigiá-los a distância respeitosa.

Covardes vigias, os eunucos têm uma desgraçada missão.

Se cumprem restritamente as ordens do sultão, incorrem no desagrado das *hanuns*, as quais, com suas chinelas de ponta recurvada, deixam-lhes às vezes, no rosto, vestígios de sua cólera!...

Se não desempenham bem o papel de sentinela, e seu senhor tem a mais leve sombra de suspeita, manda-os castigar severamente e mesmo matar.

Então, nesta colisão, eles se servem do maquiavelismo e vão passando.

O dervixe saudou a sultana, e esta se lançou a seus pés para narrar suas culpas em voz baixa.

Minutos depois de Raquel começar a confissão, o dervixe voltou-se para os eunucos, dizendo em tom que não admitia réplica:

– Retirem-se alguns passos e voltem a face, pois a sua vista perturba a sultana Raquel.

Os eunucos obedeceram.

Ligeira como o vento, a judia tomou o cofre e passou-o às mãos do ambicioso monge.

Este o escondeu imediatamente debaixo do negro manto; levantando-se, deu a mão a beijar a Raquel e saiu acompanhado dos dois guardas.

Indo ter com o sultão, disse ter achado culpada a sultana e pediu permissão para enviar por um discípulo cenobita⁸² uma penitência à *hanum*.

Dizendo isto, o dervixe não falava verdade.

Recebera o cofre e anuíra ao que lhe pediu a moça.

Entretanto, a judia não explicara francamente ao sacerdote maometano o seu intento; se o fizesse, com certeza recusaria.

– Tenho importantes revelações a fazer; sei achar-se prisioneiro das tropas turcas um de meus irmãos; desejava uma pessoa fiel, que se encarregasse de transmitir-lhe minhas últimas vontades e nada mais.

⁸² Monge que vive em comunidades retiradas, geralmente com os mesmos interesses ou princípios.

O muçulmano iludiu-se e prometeu arranjar.

Exatamente havia no exército um turco a quem criara e que encontrara abandonado em pequenino nas ruas de Janina, quando peregrinava.

O dervixe respondia pela sua fidelidade.

Disfarçado em sacerdote veio encarregado de trazer um rosário à sultana e explicar-lhe a penitência ordenada pelo sacerdote de Maomé.

Introduzido junto de Raquel, ela expôs-lhe o seu verdadeiro fim.

O pseudo-cenobita anuiu, porque de há muito pretendia desertar, encantado pelas maravilhas que contavam do Príncipe Negro.

Com prazer acolheu a proposta, e ficou convencionado que Seledim, assim se chamava ele, incumbir-se-ia de procurar o modo de Raquel transpor as portas do harém.

À tarde, um dervixe esmoler aí se apresentou arrimado a um bordão, com a barba branca e longa, manto de peregrino e chapéu cheio de conchas.

Avistando os eunucos que guardavam a habitação das sultanas, com passo vagaroso, encaminhou-se para elas, suplicando uma esmola.

Os eunucos deram-lhe algumas moedas de cobre, e o dervixe agradeceu calorosamente e disse que ia recompensar sua caridade.

– Meus filhos, quem pouco tem, pouco dá – começou com a voz trêmula. – Eu, como sou mais rico, eis o que vos dou.

E mostrou diversos amuletos.

– Aqui têm, estas relíquias encerram a terra que cobre o túmulo do grande profeta de Alá!... Trouxe-as de Meca, de onde venho.

Os eunucos apossaram-se febrilmente dos patuás, disputando a sua posse, toda a caterva masculina do harém.

O monge prosseguiu:

– Não disputeis, filhos, aqui tem mais; estas santas relíquias conservam a saúde a quem as traz, porém é necessário beijá-las a miúdo.

Ditas estas palavras, afastou-se vagarosamente.

A noite havia chegado.

No harém real, reina silêncio de morte.

Nem um eunuco está desperto, nem uma só *alaik!*...

As sultanas Carlée e Yaminée de há muito estão na sua posição favorita, a horizontal, mergulhadas nos braços de Morfeu, talvez sonhando com o suplício de sua formosa rival, a judia.

Só velam Aimée e Raquel.

Ao aproximar-se o momento da fuga, as forças exaustas da moça falsearam. Não sabendo o que Seledim arranjava, receava sair.

A georgiana encarregou-se de examinar a praça, representada pelo pessoal do harém.

Saiu pé ante pé do seu *oda* e percorreu todo o harém.

Ninguém havia acordado. Sultanas, odaliscas e *alaiks* dormiam a sono solto.

A bela georgiana atreveu-se a ir até onde jaziam os seus guardas.

Os eunucos roncavam como bem-aventurados.

A sultana pôde chegar sem obstáculo até a porta, que abriu sem ruído.

O maior silêncio reinava em torno; nem um sopro, nem um suspiro veio ferir seus ouvidos!

Um pronunciado odor de ópio, partindo de onde estavam os eunucos, fez-lhe compreender que aquele profundo sono dos guardas do harém não era natural.

Apressada foi ter com Raquel, que esperava toda trêmula.

– Vai, Raquel *hanum*, Alá protege a tua fuga!... Os eunucos estão embriagados com ópio, e todo o harém mergulhado no sono.

A judia largou as chinelas turcas, envolveu-se em um *yashmarc*⁸³ e, depois de lançar um olhar para o seu soberbo *oda*, onde tanto havia sofrido, deu a mão a Aimée, havendo fechado à chave o seu aposento.

A georgiana seguiu-a até a porta e aí mostrou-lhe os eunucos adormecidos.

A porta do harém estava aberta de par em par.

Um vulto surgiu diante das duas moças, estacadas de repente, porém em seguida ele pronunciou em voz baixa:

⁸³ No original está “yaskmarc”, possivelmente um erro tipográfico. As autoras também usaram a grafia “yaschmarc” (ver nota 36).

– Nada temais, sultana Raquel, sou eu, Seledim; segui-me depressa, não percamos tempo.

Chegado o momento da separação, a judia não pôde conter as lágrimas ao despedir-se da boa Aimée, que tanto havia feito por ela, e acrescentou:

– Não te esqueças, bela Aimée, que o Príncipe Negro, assim como salvou-me, também fá-lo-á a ti!... Logo que sombria nuvem escurecer o límpido céu de tua vida, lembra-te da judia Raquel e envia-me, onde me achar, a ave-do-paraíso, e eu mandarei socorrer-te!...

Aimée agradeceu, e as duas moças abraçaram-se ternamente.

Seledim interrompeu-as, olhando para os eunucos.

– Vejo que as relíquias do grande profeta são miraculosas!...

Só então foi que as duas sultanas compreenderam que alguém fizera adormecer os guardas.

A georgiana beijou a judia e correu para dentro da habitação.

O turco trancou por fora a porta do harém e meteu a chave na algibeira.

Dando a mão a Raquel, foram arrastando-se pela relva, por cima das sentinelas, até a árvore onde estava amarrado o balão do Príncipe Negro.

XIII

DISCUSSÃO RELIGIOSA NAS NUVENS

De que modo se achava o aeróstato⁸⁴ do Príncipe Negro, preso a um sicômoro⁸⁵, alguma distância da tenda do sultão, sem que dessem por ele as sentinelas do acampamento turco?

Para os leitores compreenderem, é preciso que nos transportemos ao campo cristão e assistamos aos preparativos para a fuga da sultana Raquel.

⁸⁴ Balão; aparelho que, cheio de gás mais leve do que o ar, se eleva e desloca na atmosfera.

⁸⁵ Árvore da família das moráceas (*Ficus sycomorus*), cujo fruto é um figo comestível.

Assentado um plano, Roberto du Pensier recolheu-se à sua tenda e esperou que a noite seguinte favorecesse sua obra de salvação.

Ao escurecer, seguiu em companhia de um camarada, dos mais fiéis.

Caminharam algum tempo e, quando se achavam longe das vistas do exército, pararam.

O soldado tirou de sob o capote o que trouxera.

Era um aeróstato em todas as condições desejáveis para empreender uma ascensão.

Depois de arranjá-lo, amarrou-o a uma árvore e voltou com Roberto.

Os soldados, ao verem o seu capitão, descobriram-se em sinal de respeito.

O Príncipe Negro e seu companheiro entraram na tenda; daí a pouco voltavam ao mesmo lugar, porém desta vez passaram pelos guardas postados à entrada, e eles não se ergueram em presença de seu superior.

Chegados ao lugar designado, Roberto du Pensier e o soldado saltaram para o balão.

Cortada a corda, a locomotiva aérea partiu. Roberto não dera toda a força ao aeróstato; não pretendia subir muito. Levando pouco peso, a máquina deixou o acampamento e transpôs a distância que o separava do campo inimigo.

Ao atravessar o exército turco, o Príncipe Negro inclinou-se na barquinha e derramou no espaço por onde passava um pó sutil.

Sem o menor contratempo, o balão tocou no sicômoro fronteiro à tenda do sultão, do lado do harém.

A guarda real aí se achava postada; mas não dera pelo aeróstato, que descia lentamente até a árvore.

A atmosfera estava impregnada de ópio; todavia os tripulantes tinham seu reativo.

Roberto ordenou que amarrasse o balão, saltou em terra e encaminhou-se ao encontro da sultana fugitiva.

Seu companheiro imitou-o; aos primeiros passos, estacaram.

Dois vultos se aproximavam rapidamente.

O Príncipe Negro estava longe de pensar que fosse a mulher do sultão quem se lhe apresentaria tão depressa, após sua chegada.

Supunha ter-se-ia de haver com terríveis eunucos e soldados, antes que a sultana conseguisse sair do harém.

Foi, pois, com verdadeiro pasmo que avistou Raquel e Seledim, os quais apenas distantes da guarda ergueram-se e ganharam ligeiros a árvore, na ocasião em que os dois salvadores punham-se em marcha.

Vendo duas pessoas junto ao sicômoro, Raquel não hesitou mais.

Correu e lançou-se aos pés do Príncipe Negro.

– Eis, senhor, a desgraçada, a quem acabais de salvar do suplício! – exclamou ela.

Roberto, interdito, ergueu-a brandamente.

– Não é essa a posição que compete a uma sultana!... Erguei-vos, senhora, e partamos sem demora.

Fê-la subir ao balão e seguiu-a.

A moça deteve-o.

– Tenho a pedir-vos uma graça, Príncipe Negro.

– Oh! Sabeis meu apelido! – tornou admirado Roberto.

– Sim!... vossa fama transpôs já o nosso acampamento, foi por isso que me lembrei do herói cristão.

– O que desejais pedir-me? – disse ele, para desviar a judia de falar de sua pessoa.

– Que o meu companheiro de fuga nos acompanhe, Príncipe; ele o merece, pois arriscou sua cabeça por mim!...

– Bem!... virá!...

E ordenou ao soldado que fizesse subir para o balão o turco Seledim.

Acomodados todos na barquinha, o camarada de Roberto cortou a corda, e a máquina começou a andar.

– Como é possível que nenhuma sentinela desse pelo balão? – perguntou Raquel ao Príncipe Negro.

– Pela causa a mais natural, porque todos no acampamento dormem o sono da embriaguez.

– Então, tendes também as relíquias de Maomé? – perguntou ingenuamente a moça.

O Príncipe Negro sorriu-se.

– Oh! Não foram as relíquias que adormeceram os guardas turcos, sultana Raquel.

Ela estremeceu.

– Oh, por Alá! Não mais me chameis assim, Príncipe! De hoje em diante deixo de ser a sultana Raquel para tornar-me a judia de outrora, vossa escrava!...

Roberto du Pensier notou, pela primeira vez, o belo físico da esposa de Murah.

– Escrava? – repetiu ele. – Não, Raquel, nós os cristãos não damos esse tratamento às mulheres; sereis minha irmã!...

– Eu!... vossa irmã! – continuou a moça: – Então, não me salvastes para ser vossa escrava?

– Não; eu vos salvei por serdes uma filha do Cristo, que a todos nós salvou.

– Porém... não sou filha do Cristo, eu sou judia. – E prosseguiu: – Alá é o vosso Cristo?

– É!... sob o ponto de vista de entidade, mas não tem os atributos que os muçulmanos lhe emprestam!... Os homens conhecem-no por diversos nomes!...

Raquel ouvia-o com atenção.

– Eu sou cristão – continuou ele. – O nosso exército combate sob as fileiras do filho de Deus!... Os turcos que caem vencidos são por nós considerados irmãos, e não escravos, como fazem os muçulmanos!...

– Acabais de dizer-me que Alá é o Cristo; entretanto, que os cristãos não compram suas mulheres, como os muçulmanos; não mandam matar seus escravos, e não procedem como vós para com os prisioneiros?!... Como pode ser o mesmo?!...

– Explicar-vos-ei, Raquel. O nosso Deus não é como os muçulmanos pintam Alá!... iracundo com seus filhos, respirando vingança e cheio de maldições para todo aquele que não segue a religião de Maomé!... ao contrário; o Deus dos cristãos é um Nazareno páli-

do, de semblante melancólico, puro, como o não é a mais inocente donzela!... Está constantemente com os braços abertos àqueles que se voltam para ele; perdoa os maiores crimes, quando há verdadeiro arrependimento; todos são seus filhos e ele vem sempre em socorro de quem quer que o apele.

Raquel estava encantada; jamais uma linguagem tão suave ferira seus ouvidos de judia!...

O Príncipe Negro, vendo a impressão que suas palavras operavam no ânimo da esposa do sultão, continuou com ênfase:

– Como é bondoso o nosso Deus!... A justiça preside aos seus menores atos!... senão, vede como ele reparte igualmente o Sol, a chuva, o orvalho e o sereno; as trevas e a luz, o alimento, tudo!... tudo!... às criaturas; e, no entanto, nem todas são cristãs!... Mouros, judeus ou selvagens contemplam o astro do dia, gozam do perfume das flores, do sabor dos frutos!... O Alá dos muçulmanos não tem esses predicados. Como procedem os seus filhos?!... Nós somos considerados por eles como infiéis; cobrem de ultrajes os seus prisioneiros e dão-lhes o epíteto de cão!... E oram nas mesquitas, dão esmolas e praticam a circuncisão!... Ao passo que o Deus do meu exército manda chamá-los de irmãos e tratá-los como filhos do mesmo pai. Raquel – prosseguiu o herói normando –, quereis ser cristã, batizar-vos em nome de Cristo?...⁸⁶

– Não! – disse vivamente a moça. – Sigo a religião de Moisés, a religião de meus pais, e incorreria em sua cólera se a renegasse!... Se não fora judia, eu seguiria o Cristo bondoso que pintastes!...

– Não incorreríeis em maldição, Raquel, porque, como já vos disse, a vossa religião é a nossa. Imitado foi o que dizem os muçulmanos: Alá é Deus, e Maomé um profeta. Jesus Cristo teve-os; Moisés é um deles.

Dizendo isso, o Príncipe Negro lançara um olhar súplice para a judia.

– Sendo assim, eu quero ser cristã!...

⁸⁶ Esta última frase estava, no original, em um parágrafo separado e foi juntada ao anterior para deixar claro que se trata, ainda, da fala de Roberto.

– Oh!... graças vos dou, meu Deus, por terdes feito com que eu levasse uma alma para depô-la aos vossos pés!! – exclamou alegre o Príncipe Negro. – Sim, Raquel. O Deus dos cristãos vos recompensará em seu reino. Atendei, porém, a sua morada não é o paraíso de Maomé, e a recompensa, formosas *huris*⁸⁷, com que o profeta de Meca promete recompensar os filhos obedientes de Alá!... A nossa, a que Deus dá aos cristãos, é sua glória, é a contemplação de sua Face Divina, a estada a seu lado, é a vista daquele que tem poder sobre os elementos, sobre as coisas inanimadas, diante do qual a alma do réprobo desejaria ver abrir-se a terra, para tragá-lo!... tamanha a sua vergonha, tão grande o seu temor!... E ali, na mansão da Luz, onde habitam os justos, cantaremos hosanas e hinos pelos séculos dos séculos!!...

O Príncipe Negro concluíra.

A judia chorava, e os dois homens estavam enternecidos até às lágrimas.

O anjo da graça havia tocado por sobre as cabeças do turco e da judia.

Enquanto nas nuvens se tratava dessa questão religiosa, o balão chegava ao campo cristão.

Roberto fez descer o aeróstato, e rompia o dia, quando ele e a sultana que salvara entravam na tenda.

Os guardas acabavam de despertar e, vendo seu capitão com dois desconhecidos, recuaram cheios de espanto.

Roberto du Pensier bateu-lhes amigavelmente no ombro, dizendo:

– Guardastes bem a pessoa do Príncipe Negro, contra os alfanges⁸⁸ dos turcos, de cujo acampamento venho.

E, deixando os soldados envergonhados e confusos, penetrou na tenda.

⁸⁷ Huris ou *houris* tem várias definições: mulheres de grande beleza, prostitutas e, na tradição islâmica, as virgens prometidas aos homens bem-aventurados, como explicaram as autoras. Possui também outras grafias: *hūri*, *hūr* e *hūrīya*.

⁸⁸ Do árabe *al-khanjal* ou *al-khanjar*: punhal; sabre de folha larga e curva.

XIV

O BISPO SANTO

Roberto du Pensier convocou os capitães e deu parte do ocorrido...

Todo o conselho rompeu em vivas aclamações ao herói, pelo rasgo de valor que acabava de praticar.

Raquel continuava a ser a mesma moça dócil que Crenvosk comprara na estalagem do Cairo e da qual o sultão Murah fizera sua legítima esposa.

O capitão normando apaixonara-se pela formosa judia que salvara, e a cujas narrações de sucessivos cativeiros se comovera o seu magnânimo coração, tocado sempre das desgraças de outrem.

A princípio o Príncipe Negro começou a sentir por ela irresistível simpatia, depois substituída pela amizade a mais terna; e finalmente o amor ocupou aquele coração, que até ali só pulsara ao amor de Deus e da glória.

Da amizade ao mais ardente amor há apenas um passo; o Príncipe Negro e a judia Raquel o transpuseram numa tarde de verão.

Um parêntese.

Em missão evangélica, acompanhava o exército cristão Reginaldo, bispo, a cuja palavra eloquente rendiam-se, submissos, os muçulmanos que o acaso da guerra tornava prisioneiros.

O venerando ancião, sacerdote segundo as leis do Crucificado, não ficava indolente na sua cadeira da Igreja de Tarento⁸⁹. Como pobre peregrino, andava ele de um ponto a outro, onde sua presença era necessária, para acalmar, com o auxílio da religião, as almas que necessitavam desse poderoso escudo.

Nessa ocasião o santo bispo se achava no acampamento cristão. Recolhia o último suspiro do soldado moribundo e administrava os sacramentos aos prisioneiros que os solicitavam, tocados da unção católica saída das palavras de tal prelado.

⁸⁹ Tarento ou Taranto é uma cidade do sul da Itália.

Todas as tardes, Reginaldo costumava fazer prédica ao ar livre, a que assistiam os capitães e todo o exército.

O alimento da alma era partilhado por todos, pois até os feridos o ouviam, sendo, para isso, carregados em maca por seus camaradas, para o campo transformado em templo; mas tudo é templo para o Deus vivo, como diz Chateaubriand⁹⁰.

Criador do universo, não fica encerrado nas catedrais suntuosas, oculto sob o véu do tabernáculo, entre nuvens de incenso queimado pelos levitas⁹¹. Não! O Deus de tantas gerações reside muito alto! Tem o seu trono acima das estrelas; e, todavia, vê e ouve o que se passa na mais profunda caverna, nas grutas impenetráveis à vista humana, nas grimpas dos rochedos, acessíveis só às aves. Ele está em toda parte; somente não vai, não pode estar, no coração do malvado cujas maldades expelem toda a essência do espírito do Nazareno!...

O bispo habitava uma tenda de folhagem, situada numa encosta, de onde se descortinava um magnífico panorama de um acampamento, com suas inúmeras barracas dispersas pela verde relva, semelhando numeroso rebanho em vasta planície. Era ali que Reginaldo se retirava a orar e repousar das fadigas, quando suas funções, penosas já para sua avançada idade, permitiam-lhe o descanso.

A tenda do velho bispo de Tarento era como um *oásis* num deserto, rodeada de festões de flores agrestes, que as mulheres do acampamento traziam toda alva⁹². Colocavam na habitação de campanha cabazes de frutos e água fresca apanhada ao romper do dia. Essa morada parecia uma ermida isolada no meio da floresta, mas zelada pela piedade dos fiéis, os quais proviam de tudo o anacoreta que a habitava.

⁹⁰ François-René de Chateaubriand (1768-1848), também conhecido como visconde de Chateaubriand, foi um escritor, ensaísta, diplomata e político francês que se immortalizou pela sua magnífica obra literária de caráter pré-romântico. Chateaubriand exerceu uma profunda influência na literatura romântica de raiz europeia, incluindo a lusófona.

⁹¹ Indivíduo da tribo de Levi, a cujo cargo estava o serviço do templo; padre; clérigo; sacerdote; pessoa que ministra os sacramentos de uma igreja.

⁹² Alvorada.

Como vimos no capítulo antecedente, Raquel dissera que queria ser cristã, entretanto ainda estava interdita; temia a maldição de seus pais, aos quais esperava tornar a se reunir, e que, horrorizados, desprezá-la-iam vendo que renegara a religião dos judeus pela do Cristo, morto por eles. Por outro lado, receava, com sua relutância, desgostar seu salvador, o Príncipe Negro, a quem amava pela primeira vez em sua vida.

O coração da judia lutava, pois, horrivelmente.

Roberto igualmente temia que o Deus, por cuja causa combatia, não estivesse contente com ele, porque, depois de ter salvo a judia da morte física, pouco fizera para salvá-la da morte moral, fazendo que se rompessem as trevas que a separavam de sua Face Divina.

Depois da tentativa de conversão, intentada nas nuvens, raras vezes Roberto encetara essa questão, por ver que a judia sofria sempre que o fazia.

Além disso, o Príncipe Negro amava Raquel, e o amor verdadeiro é receoso de desagradar o seu ídolo.

Voltemos à antiga sultana, que o fora poucos meses.

Havia algum tempo que a moça notava profunda tristeza no semblante melancólico de Roberto du Pensier.

Raquel adivinhara a causa, mas desejou ter a certeza.

Uma tarde, o guerreiro, sentado debaixo de uma árvore, cismava tristemente.

Nos mais altos ramos, as avezinhas chilravam alegres, fazendo, com sua ruidosa alegria, aumentar mais a tristeza de Roberto.

Raquel aproximou-se lentamente.

– Em que pensais, Príncipe Negro? – interrogou timidamente a judia.

O soldado voltou-se.

– Para dizer a verdade, pensava em vós, Raquel.

A moça não pôde esconder um movimento de prazer.

– E quem sou eu, para ocupar o pensamento de um herói? – disse meigamente.

– Quem sois? – repetiu Roberto. – Sois uma ovelha do rebanho do Cristo, uma irmã querida, e eu me abismo em tristeza por não poder fazê-la cristã!...

– E se eu me tornasse cristã, dissipar-se-iam as vossas mágoas? – perguntou ela.

– As minhas mágoas são dobradas – prosseguiu o normando –, porque, amando-a, Raquel, e judia como sois, não posso fazê-la esposa do Príncipe Negro; compreendeis-me agora?

– Oh! – exclamou ela. – Se hesitasse mais seria indigna da proteção de Alá; quero o batismo, Príncipe Negro.

– Que ventura! – clamou o guerreiro. – Porém dizeis Alá!... sempre Alá!... Não, Raquel, deveis dizer: se hesitasse não mereceria o auxílio do Deus dos cristãos.

– Pois bem! Serei sua filha. As águas do batismo regenerar-me-ão do pecado! – disse com exaltação a judia.

– Vinde, Raquel... partamos em busca de Reginaldo, o bispo, e vamos ambos rogar-lhe que administre os sacramentos.

Ditas essas frases, Roberto ergue-se e com a moça dirigiram-se ao retiro do velho prelado.

Contra seu costume, Reginaldo não se achava à porta, com seu relicário.

Roberto e Raquel penetraram na habitaçãozinha e expuseram-lhe o fim de sua visita.

– Oh!... Que felicidade para mim!... converter uma judia, no momento em que vou deixar este mundo, é uma graça que me reservou o Eterno! – exclamou o venerando sacerdote.

O capitão não percebeu o sentido das palavras do velho.

O bispo de Tarento, depois de lançar as águas do batismo sobre a cabeça da judia, uniu-a pelos laços do himeneu⁹³ ao Príncipe Negro, em presença dos capitães, que haviam acudido ao seu chamado para assistirem a essa dupla cerimônia.

⁹³ Na mitologia grega, Himeneu, filho de Apolo e Afrodite, é o deus do casamento. Usado como sinônimo de casamento.

Acabando de abençoá-los, de um pequeno ramo de espinhos, trançou uma coroa e entregou-a à judia, dizendo:

– Eis a vossa coroa, foi com ela que a vossa raça coroou o meu Cristo e Senhor!...

Os guerreiros retiraram-se comovidos para suas tendas, e Raquel seguiu pensativa, com o estranho presente dado pelo bispo.

Na manhã seguinte, já o Sol estava fora e inundava com seus raios de ouro toda a planície, e Reginaldo ainda não saíra de sua habitação.

O exército, incomodado com a ausência de seu velho amigo, enviou alguns soldados à morada do bispo.

Ao aproximarem-se, ouviram um coro de vozes cantando no interior da rústica habitação.

Voltaram a contar aos guerreiros, que, admirados, põem-se em demanda da tenda do santo padre; mas, ao chegarem, veem um grande pássaro alvo como a neve, pousado sobre aquela morada.

– Soldados da cruz! Se quereis presenciar um quadro celeste, ofereçam a paz aos seus inimigos e entreguem os prisioneiros.

Os guerreiros prometem, a porta da tenda abre-se de par em par, e todos contemplam Reginaldo estendido na dura tábua que lhe serve de leito; parece dormir, tão sereno é o seu rosto, densa nuvem o rodeia. Por entre ela, distinguem vultos de bem-aventurados assim cantando:

– É este o santo bispo, por cuja palavra, convertendo-nos, alcançamos o céu, cantemos sua morte!...

Os guerreiros recuam horrorizados.

Acabam de reconhecer entre eles soldados turcos convertidos pelo virtuoso bispo de Tarento.

A porta fecha-se com estrondo, e a mesma voz prossegue:

– Até que a paz seja feita e suas promessas cumpridas, vivente algum se aproximará daqui!...

Violento furacão redemoinhando horrível, em torno da tenda, guarda-a como uma sentinela!...

Todos se retiraram, e, daí a pouco, reinava a calma e o silêncio em derredor do túmulo terrestre de Reginaldo.

XV

RUÍNA DE UM HARÉM

Tornemos a Constantinopla, ao harém real, no dia seguinte ao da fuga da judia.

Estando próxima a *Beyran*, festa maometana, o sultão desejava terminar o suplício de Raquel.

Rompera a manhã, e reinava a confusão no harém de Murah.

Foi com raiva extrema que soube do desaparecimento da sultana.

Eunucos e *alaiks* foram severamente castigados pelo seu descuido.

Carlée e Yaminée, repreendidas asperamente por Murah, desesperavam por não ter novas joias para a festa, tanto mais que ele lhes mandava dizer que, visto seu comportamento, as sultanas passariam encerradas todo o Ramadã⁹⁴, ou quaresma dos muçulmanos.

Nenhuma visita ao *bazar*, nem o *kalva*, nem sequer o *tandour* de luxo seria permitido para recreio dos pássaros da gaiola dourada do sultão Murah.

Aziz-hein⁹⁵, o *emir*, também fora contemplado.

O sultão, aborrecido de suas intrigas contra Raquel e gente do *selamlík*, demitiu-o logo de suas funções na régia morada.

Ofendido no seu amor-próprio, tocado na sua ambição de honras, Aziz-hein jurou vingar-se do sultão e de Raquel, causa involuntária de sua decaída.

Murah procedeu às mais rigorosas pesquisas, em toda a capital e seus arredores, e, desesperado de não encontrar a sultana, caiu em profunda hipocondria.

Tornou-se irascível e insuportável no *selamlík* e descarregava seu mau humor nos *serashier*⁹⁶, *emirs* e *effendis* que o rodeavam, não exce- tuando o *grão-vizir*, poderosa personagem turca.

⁹⁴ Nono mês do ano lunar muçulmano, consagrado ao jejum absoluto durante o dia.

⁹⁵ No original, esta e outras ocorrências foram grafadas “Aziz-kein”. Mantivemos “Aziz-hein”, conforme inicialmente registrado.

⁹⁶ A grafia mais usual é *serasker* ou *seraskier*. É um comandante do exército turco.

Quanto ao harém real, o pessoal ressentia-se dos desgostos do sultão.

Debalde as sultanas mandavam pedir a Murah qualquer obséquo, o sultão não atendia, ou antes fazia-o tardiamente.

Tinha frequentes acessos de furor ao lembrar-se que talvez a fugitiva fosse inocente e que, desesperada pelas intrigas das outras *hanuns*, buscasse na fuga alívio a seus males. O sultão encarava Yaminée e Carlée como perseguidoras da judia, e, se já não amava as duas esposas suas compatriotas, o seu desdém tornou-se em completa indiferença.

Somente a georgiana permanecia tranquila e contente por ver falhado o intento das duas muçulmanas, suas colegas.

Murah mandara afixar editais em Constantinopla, oferecendo seiscentos mil sequins de ouro a quem apreendesse a sultana Raquel, fugitiva do harém real.

Porém... os turcos, ocupados com a guerra, pouco caso fizeram da tentadora proposta. Um único homem ocupou-se dela.

Era Aziz-hein, o ex-*emir*.

Aimée continuava a imperar no ânimo do sultão.

As duas outras sultanas, despeitadas por ver que só a georgiana conseguia as boas graças de Murah, intentaram fazer com ela o que haviam feito com a judia.

Aimée não as deixou conseguir os seus fins.

Um dia em que Vanka lhe referira que as duas *hanuns* tramavam contra ela, mandou solicitar uma audiência do grão senhor.

Recebendo resposta afirmativa, a georgiana dirigiu-se ao seu *oda*.

Trajou para a entrevista um custoso *antarai*⁹⁷ cravejado de pedras preciosas, entrelaçou os dourados cabelos com um fio de pérolas, adornou-se com inúmeras joias e depois se envolveu num véu carmesim.

Ao sair do aposento as *alaiks* soltaram gritos de espanto, tal era a admiração que causava o esplêndido vestuário da sultana.

Carlée correra a ver sua colega e voltara-lhe as costas com desdém.

A georgiana olhou com comiseração para a insuportável *hanum*

⁹⁷ A grafia correta é *antari*, já referido na nota 37.

e atravessou com passo firme a turba de escravos que admiravam a formosura da moça.

Jamais a tinham visto tão encantadora.

Chegando à grade que dava acesso para a galeria que levava ao *selamlık*, Aimée foi conduzida à presença de Murah por um camarista, acompanhando-a sua *alaık* Vanka.

Murah, reclinado numa poltrona, meditava, com o semblante irado.

Ao ruído dos passos ergue o rosto e, ao contemplar sua terceira esposa, revestiu um ar jovial e ordenou aos camaristas que o deixassem a sós com a sultana.

Aimée pressentiu o olhar e, depois de beijar a mão do soberano, ia falar, quando Murah antecedeu sua frase, dizendo com afago:

– O que vos traz aqui, bela sultana?

– Um fato insignificante, glorioso sultão, porém que pode ter sérias consequências.

– Relatai-mo, cara sultana, ouço-a sempre com prazer...

– É... implorar a vós que não dê ouvidos à trama que as *hanuns* inimigas de Raquel... ousem tecer contra mim – respondeu Aimée.

– Elas ousarão tentar indispor-me?

– Sim, meu glorioso senhor; não contentes com causar-vos tantos dissabores.

– Sim, bastantes dissabores – tornou Murah em tom áspero.

A georgiana prosseguiu:

– E ousou dizer, sem razão de ser, amado esposo.

O sultão ergueu-se de um salto.

– Quê! A sultana Raquel...

– É inocente! – respondeu Aimée com calma.

O rosto do imperador anuviou-se e ele lançou um olhar colérico a Aimée, que lhe falava de pé com o busto inclinado.

– O que pensar de sua ousadia? – disse consigo o sultão.

Aimée, longe de perturbar-se, permaneceu calma, ao menos na aparência.

Vendo a expressão de tranquilidade da moça, o imperador muçulmano afastou de si qualquer suspeita e prosseguiu:

– Tendes a prova do que falastes?

– Não tenho, glorioso senhor, porém sou capaz de jurar diante da imagem de Alá como Raquel *hanum* não vos foi infiel!...

– E... ousais repetir... sem ter provas!...

Aimée fez um gesto de contrariedade e levou a mão ao rosto.

– Nada de prantos! – tornou Murah. – Vamos, dê-me uma explicação sobre o motivo que tendes para defender a sultana desleal.

E prosseguiu; arrastando para junto de si um coxim de damasco.

– Sentai-vos primeiramente.

Aimée obedeceu.

Essa honra era uma das mais raras na regência de Murah, por isso Aimée sentiu-se orgulhosa de recebê-la.

– Vamos... – disse o sultão – achais que Raquel era inocente?

– Sim, meu amado senhor, e todas as provas que vos apresentaram são falsas! Foi por saber que vossas outras duas esposas são habi-líssimas em arranjá-las.... que vim pô-lo de sobreaviso, para quando fornecerem-lhas contra mim.

– Jurais como é verdade o que me dizeis?...

– Por Alá e Maomé! – respondeu a moça.

– Então, obrei injustamente!... Alá me castigará! – exclamou penalizado o sultão.

– Não, porque foste enganado, glorioso senhor, e rogarei a Alá para aplacar sua cólera contra vós.

Murah sorriu tristemente e depois:

– Sois muito boa, doce Aimée, ide em paz que vos prometo castigar todo aquele que vos causar desgostos!...

A georgiana ergueu-se satisfeitíssima e, depois de despedir-se do sultão, saiu acompanhada de Vanka.

Murah contemplou a elegância de sua terceira esposa até que esta desapareceu.

Daí a pouco, os camaristas voltaram para junto do soberano, e este ordenou a um oficial que lavrasse a sentença de repúdio da sultana

Carlée, alegando que a sultana havia desobedecido às ordens régias, feito o que assinou.

À tarde Carlée saía do harém real, escoltada por eunucos. Na mesma ocasião, Yaminée, que disputava com Aimée, imputando-lhe ser ela a causa da decaída de sua amiga, encontrada em transgressão de lei, em flagrante, era conduzida para a galeria subterrânea onde devia passar encarcerada o *Ramadã*.

Decorridos muitos dias, Murah estava uma manhã fumando indolentemente recostado em coxins, quando entrou o grão-vizir; Murah fê-lo sentar-se e ouvia-o atentamente.

O exército cristão mandara oferecer a paz ao imperador muçulmano.

O grão-vizir, depois de ouvir o *reiss-effendi*, grande chanceler do império, havia obtido o *fetfa* ou decisão conforme do *mufti*.

O *mufti* é o chefe supremo da Igreja e, ao mesmo tempo, do *ulemá*, corpo de doutores em teologia e jurisprudência.

Murah, depois que o grão-vizir concluiu, tomou da pena e ia assinar a paz quando um *emir* precipitou-se no *divã*, sala de conselho, bradando:

– Socorro!... o harém está em chamas!...

Os cortesãos ergueram-se desvairados, e o sultão exclamou em altas vozes:

– Seiscentas piastras⁹⁸ a quem salvar a sultana Aimée!...

– É inútil!... a sultana Aimée desapareceu – disse tremulamente um eunuco.

Murah, ao ouvir esta notícia, precipitou-se para o escravo, bradando:

– Morre!... filho de cão; quem te perguntou nada?...

E avançou para o eunuco, com o alfange erguido, quando, esbarrando num coxim, caiu de bruços sobre o alfange, alagando o solo de sangue.

⁹⁸ Tipo de moeda.

O sultão trazia o seu *yatagan*⁹⁹ envenenado, e justo era que morresse por ele.

O escravo dissera a verdade.

Aimée, aproveitando a confusão do incêndio, achara meio de fugir do harém, auxiliada por um eunuco e Vanka.

Os camaristas acudiram ao sultão e transportaram-no para o leito quase sem vida, onde pouco depois expirava.

Carlée, a repudiada, para vingar-se de Aimée e do sultão, fora quem mandara atear fogo ao harém, sem importar-se com sua amiga Yaminée, que provavelmente devia perecer no incêndio.

Quanto ao *ex-emir*, vingado do sultão, tratou de encontrar a judia e, sendo avisado por um soldado que conseguira voltar do campo cristão de que Raquel casara com o Príncipe Negro, maquinou um plano de ataque.

Carlée, querendo fazer mal a Aimée, concorrera para sua felicidade, pois, meses depois da decaída de Aziz-hein, de Carlée, da morte de Murah e Yaminée, escrevia a bela georgiana a Raquel, dando-lhe a nova de que estava na casa de seus pais na Geórgia.

Com esses lamentáveis acontecimentos, foi completa a ruína do harém real, do grande imperador da antiga Bizâncio¹⁰⁰.

XVI

MARSAINT E O CÃO

Algum tempo se passou depois da morte do sultão Murah.

O grão-vizir negociava a paz, que ainda não estava concluída.

Passemos ao campo cristão.

Raquel começou a receber avisos misteriosos.

⁹⁹ Yatagan, iatagan ou iatagã: um facão longo ou sabre curto, desprovido de guarda e cuja lâmina descreve uma curva em dois sentidos diferentes.

¹⁰⁰ Bizâncio é como era chamada, antigamente, a cidade de Constantinopla, capital do Império Bizantino. Atualmente é Istambul, a maior cidade da Turquia.

Uma manhã, aparecera, pregado em uma árvore do acampamento, um dos editais mandados afixar pelo sultão, nas ruas de Constantinopla, oferecendo um prêmio pela entrega da ex-sultana; porém jamais se soube quem ali o pusera.

O Príncipe Negro não temia um ataque de corpo a corpo, mas a traição tinha que reecar.

Roberto du Pensier inquietou-se extremamente do incidente e fez as mais minuciosas pesquisas, a ver se descobria quem tinha tido a ousadia de pregar o tal cartaz.

O resultado fora nulo.

O capitão normando ocultou o acontecimento de Raquel e pôs de sobreaviso dois soldados subalternos para que procurassem descobrir qualquer indício do desconhecido.

Entretanto rara era a manhã que não amanhecesse, junto à tenda do capitão, uma palavra de ameaça, traçada numa tira de papel, em caracteres turcos.

A judia, sempre que tomava conhecimento do fato, deixava pender tristemente a cabeça, murmurando como todos os fatalistas:

– É a minha sina, sofrer continuamente!...

Roberto solicitou dos chefes da cruzada a substituição dos dois guardas de sua tenda.

Imediatamente foi atendido.

O capitão du Pensier tinha em vista certificar-se se eram eles quem introduziam tais avisos.

À noite, quando as cruzadas já se haviam recolhido, o Príncipe Negro protestou a Raquel que ia visitar um camarada que enfermara e saiu da tenda.

A judia, crendo no que lhe dizia Roberto, adormeceu não sem algum custo.

O Príncipe Negro atravessou algumas tendas dos principais guerreiros e, depois de dez minutos de marcha, parou junto a uma barraca que ficava justamente em frente à sua.

Desse modo podia observar toda a noite sua tenda sem ser visto, pois o guerreiro abaixara-se a um canto da barraca.

As horas sucederam-se e todo o acampamento repousava, placidamente.

Apenas o silêncio da noite era perturbado de tempos a tempos pelo grito áspero das sentinelas, chamando ao posto as que estavam de folga.

No entanto Roberto, sempre com os olhos fitos na sua barraca, não descobria ainda vestígios do misterioso autor dos avisos.

– Ainda que tenha de passar vinte noites deste modo – pensou o Príncipe Negro –, hei de descobrir o inimigo de Raquel.

Com essa firme resolução tomada, o moço deixou-se ficar toda a noite de espreita, sem que visse movimento sequer suspeito do guarda que deixara junto à sua tenda, para proteger Raquel em caso imprevisto.

Aos primeiros alvares da manhã, quando as formas alvas das tendas foram-se desenhando mais claramente aos olhos do guerreiro, este, com a fadiga pintada no rosto, transpôs a entrada da sua barraca.

Fazendo o menor ruído possível a fim de não despertar a ex-sultana.

Roberto du Pensier encostou-se ao leito e adormeceu.

Quando despertou, vestiu-se às pressas e entregou-se aos labores da guerra.

À tarde, Raquel, enfasiada de estar só, saiu a passear pelo acampamento.

O semblante melancólico da judia estava sulcado de linhas que demonstravam os sofrimentos morais por que passava.

Nos arredores de sua barraca não se via ninguém.

Raquel passeava vagando o olhar indiferente em torno de si.

Subitamente um ruído seco fê-la erguer a cabeça.

A moça soltou um grito de admiração.

Dir-se-ia que sua voz foi conhecida, pois a linda *ave-do-paráiso*, que voltejava em torno dela, como que querendo certificar-se de sua identidade, pousou em seu ombro.

– Que ventura! – disse a judia e prosseguiu alisando a plumagem do pássaro. – Foi enviado certamente por minha doce Aimée!... vejamos se me envia novas suas!...

E, enquanto falava, a moça passava delicadamente os dedos entre as penas do volátil.

Ao deparar com o quer que fosse, a judia estremeceu de alegria; e disse:

– É uma missiva!

Ao tempo que falava, a mulher do Príncipe Negro abria e corria os olhos por um papel negro traçado de caracteres com tinta branca.

A moça, ao terminar a leitura, derreou o corpo e caiu pesadamente na relva.

Suas faces tingiram-se de uma cor lívida e todos seus membros estorciam-se em convulsão.

A judia fez ainda um esforço sobre-humano e deixou escapar um grito rouco, como um estertor.

Uma vivandeira, que ficara no campo por adoentada, saiu correndo de uma das barracas ao grito de Raquel.

Voou a amparar a judia e ao mesmo tempo gritava com força:

– Socorro!... a Princesa Raquel está morrendo!...

Nem uma voz sequer respondeu ao seu apelo.

Entretanto, não mui distante soava a corneta, e ouvia-se um rumor surdo que partia do desfiladeiro.

– Água!... água!... a princesa morre em meus braços! – clamava a mulher, com desespero.

Seus gritos aflitivos chegaram alfin aos ouvidos de um soldado, que se precipitou para o lugar donde partia o eco, levando a água.

A vivandeira espargiu o rosto de Raquel.

– Vá chamar o Príncipe Negro! – ordenou a mulher ao soldado.

Este obedeceu.

Nesse ínterim, Raquel entreabriu os olhos e perguntou:

– Onde estou eu?... Roberto!...

– Foram chamá-lo já, princesa – respondeu a mulher –, quereis ir para a vossa barraca?...

– Sim! – balbuciou a esposa do Príncipe Negro.

Este, sabendo do ocorrido, voou à sua tenda, onde encontrou Raquel estendida no leito, com o semblante encantador todo desfigurado.

Roberto indagou da causa, porém ninguém lhe respondeu qual fora.

Ignoravam todos dois o que sucedera.

Du Pensier socorreu a judia, com aflição indescritível, fazendo a si próprio mil perguntas.

Foi somente daí a duas horas que Roberto teve explicação do fato, quando a crise cedeu e a judia entreabriu a mão que continha ainda a missiva amarrotada.

Roberto du Pensier tomou-a com sofreguidão e correu os olhos pelo papel.

Um grito rouco escapou-se-lhe da garganta.

– Miserável muçulmano! – exclamou. – Ousas fazer tal afronta ameaçando a esposa do Príncipe Negro?... Oh!... pagar-me-ás caro!... cada lágrima que fizeste e fazes Raquel derramar custar-te-á o triplo!...

Roberto falava com crescente frenesi e em voz tão alta que chegou a despertar a judia, que permanecia em modorra.

A moça ergueu-se a custo e, olhando para o capitão normando, disse:

– Vê, Príncipe, o que me manda dizer o antigo *emir* de Murah?...

E assim falando Raquel chorava.

– Acalma-te, Raquel – interveio o guerreiro –, esse monstro não porá em prática o seu intento, juro-te!... Vigiarei, se possível for, todas as noites, com sentinelas para que esse maldito turco não se aproxime da nossa tenda.

E prosseguiu com força:

– E ai dele! se o fizer; a minha espada atravessar-lhe-á o pérfido coração!... dando-lhe assim o castigo de seus crimes!...

– Oh! Tentais tranquilizar-me, em vão, Roberto!... Aziz-hein poderia fazer o que promete, porque sabe ocultar-se no reino de El-bis!... o anjo das trevas!...

– Não confias em mim? – acudiu Roberto.

– Oh, muito! Príncipe, porém, o que podereis fazer tendo em vossa frente o inimigo... não o podereis neste transe horrível!...

– Prometo-te que triunfarei dele! – tornou o capitão, com tamanha expressão e tão enérgico gesto que a ex-sultana sentiu-se quase tranquila. E ambos ficaram entregues à meditação.

Deixemo-los buscar um meio de fugirem às ameaças do ex-emir e vejamos o que continha a negra missiva.

Constava das seguintes linhas:

“É inútil esconderem, onde quer que seja, o filho da sultana Raquel; a jaula dos tigres-de-bengala que a esperava no harém real está reservada para nela ser lançado seu filho.

Quem descobriu seu refúgio adivinhará o do filho do Príncipe Negro.

Aziz-hein, o implacável.”

Raquel era judia, e os judeus são extremamente supersticiosos, por isso, apoiando a atenção no lado supersticioso da missiva, julgou impossível salvar seu filho, prestes a nascer, das iras do *emir*.

O próprio Roberto inquietava-se imenso com o aviso, porém disfarçava quanto podia os pensamentos aterradores a que se entregava seu espírito.

A judia, adivinhando as inquietações do Príncipe Negro, redobrou de aflições, sendo assim a pobre moça desgraçada em qualquer posição que se achasse; como escrava, como *almée*, como sultana, ou como Princesa.

O martírio a perseguia sempre.

Alguns dias se passaram.

Terminado o jantar, Raquel e o Príncipe Negro conversavam tristemente sobre o motivo de suas mágoas, quando entrou na barraca um ajudante de ordens.

O colóquio foi interrompido, e Roberto prestou a atenção ao recém-chegado.

Este lhe expôs um fato singular de que fora testemunha.

Era que entre os soldados moribundos se achava um que fora sempre acompanhado por um soberbo cão da Terra-Nova, que,

tendo visto morrer o soldado, não queria separar-se dele, uivando dolorosamente.

– Ora – disse Roberto, quando o ajudante terminou –, é unicamente para isso que vens interromper minha conversação, no momento em que estou ralado de desgostos?... Esse episódio é vulgaríssimo nas guerras!... tem-se visto cavalos e cães lastimarem a morte de seus donos, e portanto esse fato não tem grande interesse; deixa-me.

O ajudante de ordens inclinou-se e ia sair quando Raquel interveio dizendo:

– Veja se pode trazer esse cão, talvez nos ganhe amizade...

O soldado saiu.

Então Raquel disse ao guerreiro normando:

– Ouça-me, príncipe: rogava à Virgem para enviar um ente para salvar nosso filho, quando esse soldado entrava, e julgo que talvez possamos tirar proveito dessa história que nos relatou...

– Não te compreendo, Raquel!... por acaso lembras-te de confiar nosso filho a...

– Oh! – disse Raquel. – A cabalista me havia predito que, depois de ter orado à Virgem de Nazaré, atendesse a qualquer ente que se me apresentasse.

– Sim, mas um cão não é um ser humano em quem se possa confiar, a menos que ele não seja qual o animal milagroso que se chamava o *cão de Nossa Senhora*¹⁰¹ e que no sítio *d'África*¹⁰² advertia os cristãos da presença do inimigo – tornou Roberto.

– E quem nos diz que esse animal não é mandado por Deus para salvar nosso filho?

– Convenho na tua suposição, porém arranjemos uma pessoa que o acompanhe.

O diálogo foi interrompido pela chegada do soldado que trazia consigo um soberbo cão, que entregou a Raquel.

¹⁰¹ Histórico (nota das autoras).

¹⁰² Cidade (nota das autoras).

Esta tomou a cordinha da coleira e pôs-se a alisar tristemente o acetinado pelo do animal.

– Achei a pessoa que desejava – disse de repente du Pensier.

– Quem é?

– Aniceta, a vivandeira.

– Excelente! Roberto.

Dias depois, ao romper do *sabah*¹⁰³, uma pequena caravana partia do acampamento cristão.

Compunha-se de uma velha e um cão que carregava uma cestinha de vime.

Chegara a Roma a caravana; no momento, porém, em que atravessava a primeira rua da cidade, um grupo de bandidos precipitou-se sobre ela.

Era noite escura, e ameaçava horrenda tempestade.

– Foge, Galeno! – gritou a mulher. – E entrega-a à Madona.

Viu-se um vulto negro avançar rapidamente.

Era tempo. Aniceta acabava de ser agarrada por salteadores noturnos que infestavam Roma.

Pouco depois ouviu-se um ruído e um gemido ecoou no silêncio da noite.

Os salteadores, não encontrando ouro com a mulher, haviam-na atirado ao Tibre¹⁰⁴, que banha a cidade eterna.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

¹⁰³ Alva, no Oriente (nota das autoras). Alvorada.

¹⁰⁴ Rio no território italiano, com nascente na Emília-Romana. Atravessa a Toscana, a Úmbria, depois o Lácio (Orte e Roma) e deságua no mar Tirreno.

A JUDIA RAQUEL



SEGUNDA PARTE



I

A FILHA DO PRÍNCIPE NEGRO

Muitos anos são decorridos depois da fuga de Raquel do real harém de Constantinopla.

Roberto havia voltado à Itália e repousava das fadigas da guerra. Raquel o acompanhava, bem assim o turco Seledim, tão valente quanto fiel à amizade que consagrava aos seus novos irmãos, os cristãos.

Parecia que a felicidade devia ter chegado enfim para a judia Raquel; porém outra coisa sucedia.

Jamais os pais da inocente criança tinham recebido notícias dela e da velha Aniceta, que a acompanhara à casa de expostos da cidade de Roma.

Regressando à Europa, em vão o capitão normando removera¹⁰⁵ toda a Itália em busca de vestígios de sua filha; nada encontrara.

Desacoroçoado de que a velha enfermeira não tinha conseguido chegar a Roma, partiu com Raquel para Normandia, seu país natal.

Contudo, não podia acreditar que Aniceta se achasse em alguma outra parte, pois que, onde quer que estivesse, teria feito chegar uma notícia sua e da criança que lhe fora entregue ao Príncipe Negro e a Raquel, cujo desespero é bem fácil de imaginar qual fosse.

Não havia que duvidar. A pequena caravana fora atacada em seu caminho, e mortos os que a acompanhavam.

A dor de Raquel fora extrema, mas depois, resignando-se¹⁰⁶ com seu negro destino, conheceu que talvez fosse para bem que assim sucedia.

¹⁰⁵ O mesmo que revolvera.

¹⁰⁶ No original a palavra aparece incompleta. Inferimos que é “resignando-se”.

Entretanto, um vago pressentimento, talvez próprio das mães, avisava-a invisivelmente de que sua filha vivia.

Deixara, não sem pesar, a pátria dos guerreiros normandos para aventurar-se, pela segunda vez, na trabalhosa vida da guerra.

Tratava-se de uma cruzada, a sexta, em que os cristãos pretendiam apossar-se de Jerusalém.

Dentro de um mês, a tropa que seguia para Ásia estava reunida no porto de Brindes¹⁰⁷.

A frota que conduzia os preparativos de guerra era uma das maiores que dali havia saído.

Do grupo, destacava-se uma que por singularidade era a mais bem acondicionada.

Era uma nau de guerra, de estilo grego: uma enorme bandeira, tendo no centro uma cruz, indicava à primeira vista o destino da frota.

Foi nesta embarcação que Roberto, o Príncipe Negro, saiu, com sua inconsolável mulher, para a Ásia.

Vejam os leitores o que era feito da criança que Raquel confiara a Aniceta. Sabem os leitores onde parava ela.

Quanto à vivandeira tão cruelmente lançada ao Tibre pelos noturnos saltadores da cidade eterna, o que era feito dela?

Morrera¹⁰⁸ ela? Era provável, visto o resultado das investigações do capitão normando haver sido nulo.

Marsaint, o protetor da abandonada do alpendre da catedral de S. Pedro, sendo solteiro, tomara para a criança uma aia¹⁰⁹, que a criava com carinho maternal.

Chamava-se Amanda, e sua docilidade e extrema ternura para com a pobrezinha fazia com que Rodolfo Marsaint a estimasse muito.

Já havia muitos anos que Marsaint se intitulava pai de Judite, assim se chamava a menina abandonada. Marsaint achava-se em seu

¹⁰⁷ Brindes, Brundísio ou Brindisi é uma cidade do sul da Itália, na região da Apúlia, de frente para o mar Adriático.

¹⁰⁸ No original está “morreria”, que consideramos um erro tipográfico.

¹⁰⁹ Dama de companhia, empregada de quarto, camareira.

aposento, numa habitaçãozinha de Otranto¹¹⁰, cidade marítima sobre o Adriático.

Rodolfo e sua filha adotiva caminhavam em demanda do acampamento por um atalho¹¹¹, para que chegassem mais depressa, visto que a noite se aproximava, e, após pequena parada para descansarem, ouviram gritos dilacerantes, mui perto de si; ao voltarem-se, medonha cena se lhes apresentava aos olhos. Um dos tigres do harém do Sultão, que demorava perto do acampamento, tendo fugido da jaula, havia transposto o acampamento e caíra sobre um traidor que, para espionar o acampamento de Cristo, achava-se oculto em uma pequena volta do caminho.

Este traidor era *Aziz-hein*, antigo *emir* do Sultão Murah. O capitão Marsaint, veloz como¹¹² uma seta, transpassou a fera com sua espada; Judite, atônita, pedia socorro em altos gritos, para o infeliz que jazia desacordado e ferido pelas patas do feroz animal. Qualquer movimento a morte teria sido o único remédio, nas aflitivas circunstâncias em que se achava o ferido, banhado em sangue. O socorro chegou a tempo, e a moça, enquanto o esperava das mãos dos homens, implorava-o a Deus em fervorosa prece. Foi atendida, pois o capitão trouxera-o ao desgraçado. Abrindo este os olhos, viu que se achava com a cabeça recostada sobre o¹¹³ regaço da caritativa moça e que lhe suplicava que chamasse pela Madona para salvar sua alma.

O antigo *emir* *Aziz-hein* perguntou-lhe com estas palavras: – Quem sois?

Judite respondeu-lhe: sou filha da Madona.

¹¹⁰ Otranto ou, muito raramente, Hidrunto é uma comuna italiana da região da Puglia, província de Lecce.

¹¹¹ Observa-se uma mudança de cenário em relação ao parágrafo anterior. A cena passa da Itália para, possivelmente, a região de Istambul, como mencionado pelo personagem Roberto ao se referir a *Aziz-hein*, na p. 146 (“o muçulmano de Istambul”). Destaca-se que o texto está conforme a edição original.

¹¹² No original há um espaço em branco após “com”; foi inserida a letra “o”.

¹¹³ No original há um espaço em branco entre “sobre” e “regaço”; foi inserido artigo “o”.

– Porém não é possível, *hanum*, és uma criatura, enquanto que a mãe de Alá é invisível e, portanto, não podes ser sua filha.

– O que sois? – perguntou a moça.

– Um filho de Alá – respondeu o turco.

– Pois aí está decifrado! Sois um dos filhos de Deus e eu, sendo da Madona, somos irmãos.

Marsaint se havia aproximado e ouvia quedo¹¹⁴ aquele raciocínio de Judite, que não tivera uma mãe que lho ensinasse.

– Então as *hanuns* são filhas da mãe de Alá? – interrogou Aziz-hein.

– Sim – respondeu Judite –, os filhos da Madona são irmãos dos filhos de Alá.

Aziz-hein, que nunca vira tão sedutora criatura de sua idade raciocinar de modo que ele mesmo não compreendia, ficou atônito e calado.

– Quer então conhecer nossa Madona? – disse Judite, que, como outrora seu pai, se empenhava em converter almas ao Deus dos cristãos.

– Aonde habita ela eu não poderei ir – tornou o *emir* –, visto que eu já tenho pecado muito, confesso-o.

– Que tem feito – tornou a moça –, certamente deixado de seguir esse grande livro que chamais o Alcorão?

– Sim, principalmente quando ele diz: não te procures salvar quando chegar o perigo, e eu tenho muitas vezes procurado salvar-me.

– Oh! – exclamou a moça. – Se não tens outros pecados, esse não é que obstará de poderes ver a Madona.

Aziz-hein, perturbadíssimo em frente à sua improvisada confessoria, não podia, contudo, esquivar-se a tão linda interlocutora.

– Quer ou não ver a nossa Madona? – perguntou impaciente a filha do Príncipe Negro.

– Alá nos proíbe renegar a nossa religião – respondeu Aziz.

– Ora! – disse tristemente Judite. – Fez-me perder tanto tempo que eu poderia ter empregado bem e não me dá uma esperança!

¹¹⁴ Quieto.

– Por Maomé! *Hanum!* Suas palavras parecem sair como um eco dos lábios do profeta.

– Promete-me então uma coisa – disse Judite –, é de, quando for à nossa terra, examinar a Madona da basílica de S. Paulo, em Roma, se ela não se parecer muito comigo, não renegará a sua religião.

– A mãe de Alá é formosa como a *hanum*? – exclamou Aziz dando um salto.

– Mais formosa ainda – redarguiu Judite –, porém responda-me. Sim ou não?

– Sim – disse resolutamente o antigo *emir* de Murah –, e, logo que terminar esta guerra, eu irei à mesquita dos infiéis, examinar a mãe de Alá.

A noite chegava rapidamente.

Marsaint e Amanda de parte assistiam àquela cena estranha e, como os dois espectadores mudos do balão do Príncipe Negro, sentiam lágrimas furtivas umedecerem-lhes as faces.

– Vamos, Judite – disse Rodolfo à filha –, faz-se noite.

O capitão despediu-se de Aziz-hein, e a moça, ao despedir-se do turco que, por sua vez, o salvara da morte, acrescentou:

– Não se esqueça de sua promessa, pois que Deus não se esquece das suas.

Retiraram-se os três.

Ficando só, o *emir* repassou na mente os seus antigos crimes e aquele singular encontro.

O seu cérebro trabalhou muito tempo, e sobretudo foi o episódio do tigre que mais o intrigou.

O turco recordava-se do seu desígnio, de há muitos anos, de lançar na jaula dos tigres o filho ou filha da sultana Raquel, e pensou que bem podia ser que aquela formosa criatura que o salvara das garras da fera fosse essa mesma criança, de cuja¹¹⁵ mãe era cruel inimigo.

É provável que esses bons sentimentos de arrependimento lhe fossem sugeridos pelo seu anjo da guarda.

¹¹⁵ Foi acrescentada a palavra “cuja”, visto que no original há um espaço em branco.

Aziz-hein, porém, nunca ouvira falar nesse protetor invisível.

Permaneceu muito tempo pensativo, meditando, e depois se ergueu resolutamente e seguiu para sua habitação.

No dia seguinte desaparecia.

Ninguém jamais ouviu falar do pérfido e traidor Aziz-hein, antigo *emir* de Murah, bem conhecido em Constantinopla.

Morreria de seus ferimentos?

Era o que todos ignoravam.

Quanto a Judite, não sabia ela que a escrava por quem se interessara na véspera¹¹⁶ fora a sua salvadora, a velha Aniceta, que estivera cativa em Marrocos¹¹⁷, e que o turco a quem duas vezes salvara o corpo, e cuja alma procurava também salvar, era o mesmo por cujas intrigas quase morrera sua mãe e que a tinha tentado matar.

As ameaças de Aziz-hein haviam feito com que a moça perdesse sua mãe, a judia Raquel, e essa mesma moça esforçava-se por dar-lhe uma mãe espiritual, a Madona.

O capitão Marsaint mandara tirar a pele do tigre e a oferecera a Judite, para que, ao descansar nela, se recordasse da sua boa ação.

II

O SACERDOTE PAGÃO

No dia seguinte ao da conversação de Aziz-hein, os cruzados vão decidir de seus planos.

Já haviam partido os embaixadores a fim de deliberarem, quando, no meio do acampamento, apresentara-se um homem, moço ainda, e que trajava um vestuário à moda dos sacerdotes gregos.

– A paz seja feita – disse ele levantando os braços e exclamando em grego outras palavras, as mais cujo sentido as sentinelas não compreenderam.

¹¹⁶ Não há menção a essa cena na edição original.

¹¹⁷ País do norte da África.

– Quero passar – disse ele acenando à sentinela –, há aí um descendente meu por quem me interessa.

As sentinelas, não compreendendo a linguagem do pagão, apontaram suas armas e iam disparar.

O sacerdote, adivinhando a intenção dos soldados, descobriu o peito e deixou ver, entrelaçadas, duas imagens de deuses que trazia suspensas ao pescoço por um cordão e com olhar súplice interrogava-os.

Um dos soldados, a mandado do outro, correrá à barraca mais próxima.

Aí chegado, encontrara reunidos vários oficiais a quem deu parte do ocorrido.

– Faça-o esperar – ordenou um deles –, certamente vem pedir permissão para ver seu compatriota que aprisionamos ontem.

O soldado, cumprimentando-os respeitosamente, saiu da barraca.

O sargento Renato, que era o que havia falado, tomou seu sabre e, acompanhado de alguns¹¹⁸ praças, dirigiu-se ao lugar onde formava as divisas do acampamento.

Ao aproximar-se, porém, e ao avistar o pagão, sentiu-se tocado de compaixão.

Exclamando em altas vozes e arrebatado por imenso entusiasmo, o pagão parecia louco. Várias vezes ele se deixava arrebatado por pensamentos verdadeiramente cristãos, porém, pouco a pouco iam-se esvaecendo de seu exaltado cérebro, para deixar novamente lugar às crenças da antiga Grécia.

Sua fisionomia um tanto agradável tinha assumido um ar de humildade tamanha que as próprias sentinelas começavam a interessar-se por ele.

O sargento Renato aproximou-se de sabre em punho e interrogou-o primeiramente em latim.

O pagão parecia não o ouvir.

Renato renovou sua tentativa.

¹¹⁸ No original está “algumas”. O termo foi trocado para “alguns”, visto que “praça”, no sentido de militar sem patente, é, tendo em vista a época em que se passa a história, substantivo predominantemente masculino.

Não obtive nenhum resultado e, querendo saber o motivo que o trouxera e não o podendo fazer, o sargento ordenou a um soldado que fosse chamar um dos oficiais que pudesse compreendê-lo, acrescentando que, a julgar pelos seus traços, era ele um grego.

Momentos depois, apresentavam-se dois oficiais no lugar onde se achava o pagão.

Rodolfo, que também fora chamado, ao fato do que havia, pediu permissão para interrogá-lo.

– Como se chama? – inquiriu ele, em grego.

O pagão, despertado de súbito de suas azafamáticas¹¹⁹ ideias, ouvindo uma frase em sua linguagem, de pronto caiu de joelhos e respondeu: Meroveu.

– Que deseja? – tornou Rodolfo.

Sempre prostrado, e humildemente, Meroveu respondeu:

– Orava eu há dias, no templo de Minerva¹²⁰, quando fui arrebatado de súbito. Um de meus filhos, pois que tenho muitos na Moreia¹²¹, avisou-me de que uma grande quantidade de povo estrangeiro pretendia apoderar-se de nossas propriedades e invadir a cidade. Fui altamente traído – continuou com força –, ia sair do templo, quando senti que uma mão me tocava. Voltei-me e vi um fiel filho de Júpiter¹²² que, trêmulo, expôs-me que não saísse dali, porque eu fora enganado, e que eles esperavam somente eu sair da casa da deusa para assassinar-me. Trocadas nossas vestimentas, eu pude facilmente

¹¹⁹ Relativo a azáfama: atividade intensa, afã, pressa, correria, intensidade, alvoroço, atropelo.

¹²⁰ Deusa romana da sabedoria, das artes, do comércio e das estratégias da guerra. Foi equiparada à deusa grega Atena.

¹²¹ Da Idade Média até o início da Moderna, Moreia era o nome dado à Península de Peloponeso, região do sul da Grécia.

¹²² Divindade malfazeja: ocupa-se em perturbar o espírito dos homens e expô-los a desgraça (nota das autoras). Júpiter, na mitologia romana, é o deus do dia, do céu e do trovão, sendo considerado o maior dos deuses; equipara-se ao deus grego Zeus. As autoras talvez estivessem, em sua nota de rodapé, falando de Ate (próxima nota), que, por um erro tipográfico, foi marcada em Júpiter.

salvar-me. Porém, os miseráveis, induzidos por Ate¹²³, cercando-me e não me encontrando, foram ao altar, onde o bom Ático, trocado por mim, fingia orar, e arrastaram-no à frente do templo, onde, após havê-lo maltratado, fizeram-no tomar um veneno.

– Cale-se para descansar – disse Rodolfo –, está muito fatigado, sem dúvida.

Meroveu fez uma pausa e depois prosseguiu:

– Louco de dor, pelo veneno que havia tomado, Ático correu sem destino, e eu seguia-o sempre. Caminhamos durante três dias e eis que chegamos aqui, onde Ático, ignorando os regimes da guerra, penetrou neste lugar. Venho, pois, pedir permissão para vê-lo e dá-lo a beijar pela última vez à nossa divindade e manifestar-lhe a minha dívida de gratidão.¹²⁴

Os oficiais, compadecidos pelo que lhes narrava o sacerdote pagão, foram de acordo que o deixassem ir, escoltado, até junto de seu compatriota.

Este jazia moribundo e apenas entreabriu os olhos, ao ver Meroveu, que se tinha lançado para ele.

O Príncipe Negro aproximou-se, com os outros capitães, do lugar em que jazia o grego envenenado no templo de Minerva.

Meroveu, gesticulando, dizia-lhe palavras em grego, a que Ático respondia com um aceno de cabeça, pois a sua língua estava paralisada, e os seus dentes, cerrados fortemente, não articulavam nenhum som.

Uma violenta crispação agitou-lhe todo o corpo, e o grego estorceu-se nas últimas convulsões da agonia.

O sacerdote, depois de ajoelhar-se perante o seu infeliz salvador, beijou-lhe a mão gelada e pediu a Marsaint, que lhe servia de intérprete, que solicitasse dos cruzados permissão para fazer o festim fúnebre do finado, que o acaso fizera que soltasse o derradeiro suspiro num campo cristão.

¹²³ Ate ou Agnes, na mitologia grega, é a deusa que personifica o erro, o engano, a ruína e a cegueira da razão. Os romanos a chamavam Nefas, Nefasta ou Error.

¹²⁴ As duas últimas frases, no original, estavam em parágrafos separados e foram juntadas ao anterior para deixar claro que se trata, ainda, da fala de Meroveu.

Os capitães anuíram.

Meroveu, seguido de dois soldados, foram ao campo colher flores agrestes e voltaram para junto do morto.

Havendo deposto o corpo de Ático num ataúde e cobrindo-o de flores, Meroveu tratou de preparar o repasto de que são seguidas as cerimônias fúnebres dos gregos. As vítimas, animais e pássaros, esperavam o sacrifício.

Como é de crer, esta estranha cena da morte de um pagão interessava vivamente aos cruzados e, se bem que não tomassem parte nela, haviam concorrido todos, soldados e capitães.

Judite e Amanda também assistiam aos funerais de Ático.

A moça, ao deparar com aquele florido ataúde, semelhante ao de uma virgem, quis examinar o cadáver, que parecia sepultado entre as flores, tal era a quantidade delas, que envolviam inteiramente o esquife.

Porém, ao ver as vítimas que citadas esperavam a hora em que o cutelo lhes deceparia as cabeças e o aspecto do festim, voltou-se admirada para Marsaint, indagando a causa da estranha cena.

– É um funeral de um pagão – respondeu Rodolfo. – Esse homem que vedes com essa estranha vestimenta é sacerdote do Templo de Minerva.

– Qual sacerdote, meu pai? – interrogou Judite.

– Oh! Ainda não o viste?

– Não – disse a moça. – Eu só vi o grego, cuja cor é tão feia.

– Ah! – exclamou o capitão. – Então não viste ainda Meroveu, Judite, e unicamente o morto. A sua cor não é aquela: ele está negro por efeito do veneno. Logo contar-te-ei como se deu esse fato, de entrarem dois gregos em nosso acampamento, e a razão desse funeral que vais presenciar.

À tarde, após as cerimônias fúnebres, o corpo de Ático era embalsamado e guardado em uma talha de barro que Meroveu enterrou em um lugar aprazível do campo cristão.

– O grego mandara plantar ciprestes em derredor da morada mortuária de seu amigo.

Judite, admirada da gratidão de Meroveu para com o morto, exclamou:

– Que gratidão manifesta esse grego para com o seu salvador! Se visse, meu pai, com que solicitude adornava o seu esquite! Parecia uma mãe, cobrindo de flores o ataúde de um filho adorado.

– Entretanto ele é pagão! – disse Marsaint.

– Pagão – repetiu Judite como um eco.

Seguiram silenciosos, o capitão e a filha, por entre as inúmeras tendas que deparavam em seu caminho.

III

*IN HOC SIGNO VINCES!*¹²⁵

Após os funerais de Ático, Meroveu, o pagão, permaneceu ainda por alguns dias no acampamento.

Assim havia acontecido, em razão de que Judite intercedera por ele a seu pai, que, ouvindo-a, ordenou que o alojassem, tanto mais que, estando decidida a guerra, nada mais teriam que fazer os soldados, que esperavam a qualquer hora a partida da frota.

Passados eram quatro dias que se achava Meroveu entre os cristãos.

Pretendia ele retirar-se, porém uma coisa o detinha.

Se os seus inimigos que o haviam perseguido e a Ático não houvessem ainda desistido de seus planos?

Qual a sorte que aguardariam para ele, se a Ático haviam tratado tão cruelmente?

A igreja situada em *El Fanar*¹²⁶, de algum modo, poderia lhe servir de abrigo, visto como já haviam descoberto o esconderijo que ele mandara construir no subterrâneo do templo pagão.

Estas e muitas outras razões cruzavam-se na mente perturbada de Meroveu, sem que, entretanto, uma boa ideia lhe sugerisse.

¹²⁵ Tradução latina da frase grega “ἐν τούτῳ νικά” (*en touto nika*) e significa “com este sinal vencerás”. Segundo a lenda, Constantino I adotou essa frase grega como lema.

¹²⁶ Quarteirão dos gregos em Istambul (nota das autoras).

Saindo da barraca que lhe haviam oferecido, o sacerdote de Minerva dirigiu-se lentamente à barraca de Marsaint, seu protetor.

– Não está aí – disse-lhe impacientemente Amanda. – Se desejar falar-lhe, volte aqui dentro de uma hora – e acompanhou suas palavras de gestos.

Meroveu não a compreendia e permaneceu quieto.

Judite, que já percebia que Amanda se incomodava, fez um sinal a uma sentinela que se achava a alguma distância e pediu-lhe que o acompanhasse ao lugar onde estava Rodolfo.

O soldado tomou o braço de Meroveu e conduziu-o através das inúmeras tendas, feito o que parou em frente a uma das últimas, já nas raias do acampamento.

Bateu três pancadas e imediatamente o pano ergueu-se, e um homem, trajando uma couraça negra e de semblante simpático, apareceu na entrada.

Era Roberto, intitulado o *Príncipe Negro*, a quem tomara por êmulo, que, ciente do que se passava no acampamento, pedira aos soldados que, quando vissem o sacerdote, levassem-no para uma entrevista com ele.

O guerreiro normando conhecia a língua de Agamenon¹²⁷.

Convidou-o a entrar e despediu com um aceno a sentinela.

Meroveu estava interdito.

Às primeiras palavras que lhe dirigira o *Príncipe Negro*, respondera ele que não era Roberto a quem procurava, mas ao capitão Marsaint.

– Bem – respondeu Roberto –, porém a esta hora o capitão está ocupadíssimo, e, durante a sua ausência, poderemos conversar a seu respeito, por momentos. Demais – prosseguiu o capitão normando –, ciente do que tem acontecido entre nós, tenho a dizer-lhe que muito me interessa por si e desejava-lhe ser útil em alguma coisa.

– Também vós? – respondeu Meroveu. – Oh! É muita bondade dos corações cristãos! Por Minerva, jamais encontrei tanta dedicação em desconhecidos de pátria e de religião!

¹²⁷ Protagonista da tragédia grega, de Ésquilo, que leva o seu nome. Herói grego, que não se sabe se realmente existiu.

– Obrigado, bom Meroveu, porém uma palavra: que desejava de Marsaint? Visto que ia retirar-se dentre nós.

– Provar-lhe a minha gratidão e pedir-lhe que me sugerisse um meio de aproximar-me do sublime templo e de lá arrecadar o que pertence à Deusa, sem que meus inimigos me possam tocar.

Roberto segurou a fronte nas mãos e durante alguns segundos permaneceu nessa posição.

Meroveu não compreendia a causa de seu silêncio, contudo, esperou.

Não tardou que um bom pensamento assomasse na fecunda imaginação de Roberto.

Ergueu-se bruscamente e entrou apressado no aposento contíguo.

Raquel aí se achava, mais formosa que nunca, tinha na fronte como que uma auréola.

Sentada em uma cadeira baixa e com os olhos fitos no chão, ela ouvia atentamente a conversa de Roberto e Meroveu e aguardava somente o desfecho, para intervir com sua harmoniosa voz.

Vendo Roberto, ela ergueu-se vivamente e ia interrogá-lo, quando ele, já adivinhando seu íntimo pensamento, expôs-lhe o que havia.

– Oh! – exclamou a judia – Se, como eu, ele tivera em seu caminho um filho do verdadeiro Cristo, como seria feliz.

– Foi essa a minha ideia – disse Roberto –, e eu vinha pedir tua opinião.

– Eu não posso me encarregar dessa doce missão, por não poder compreendê-lo, porém eu te peço, querido Roberto, pela vida de nossa querida filha, conduza-o ao caminho a que outrora conduziste a infeliz judia Raquel.

– Estás me comovendo, Raquel, deixa essa tristeza e vem inspirar-me, mas antes dá-me o crucifixo.

Ditas estas palavras, o Príncipe Negro voltou ao lugar onde Meroveu o aguardava.

Durante a curta ausência de Roberto, milhares de ideias cruzaram-se na mente do pagão, via ele, como há quatro dias fazia diante das sentinelas de guarda do campo, imagens vaporosas sumirem-se e reaparecem de novo; o que o fazia extremamente pálido e perturbado.

Roberto aceitou das mãos de Raquel o crucifixo e colocou-o brandamente sobre a mesa.

O sacerdote de Minerva acompanhava com a vista os movimentos de Roberto.

A um sinal deste, a judia entrou apressada no aposento contíguo e, momentos depois, voltava com uma alva toalha bordada e dois castiçais com velas acesas e uma pequena salva¹²⁸ d'água, que colocou sobre a mesa com tanta ordem como o faria o mais prático acólito.

Terminada a operação, o Príncipe Negro dirigiu a palavra a Meroveu nestes termos:

– Vê aquela imagem? Eis ali o Deus dos Deuses, o salvador dos homens! Converta-se a ele, e tudo o que emprender terá um êxito feliz! Como os sacerdotes de Baal¹²⁹ oraram, tente chamar vossa deusa, ela não ouvirá, enquanto que aquele que vê, pregado em uma cruz e humilhado como o mais infame dos homens, o fará feliz, derrotará seu inimigo e o conduzirá a seu reino!

– Compreendo-vos a intenção – respondeu humildemente o grego –, porém eu seria um vil réptil se renegasse a deusa que me tem coberto de favores; demais expunha-me à sua cólera.

– Oh! A sua deusa! – disse Roberto. – Por que não o salvou ela de seus inimigos?

– Não blasfeme! – disse Meroveu com força. – A minha deusa não me salvou porque Ate se lhe antepusera em frente.

– A deusa dos malvados! – exclamou o normando. – Aí tem ela então poder para se antepor à divindade. Pois este Nazareno, como o chamaram seus filhos, não tem quem se oponha a seus decretos divinos. Nem mesmo as coisas inanimadas. Transporá grandes distâncias, afrontará os naufrágios, sulcará os mares, para socorrer um dos seus que o invoquem com verdadeiro fervor.

– Não teme os naufrágios? – exclamou Meroveu. – Também Jú-

¹²⁸ Bandeja de prata; espécie de utensílio redondo ou ovalado e baixo, geralmente de metal, usado para servir tanto líquidos quanto alimentos sólidos.

¹²⁹ Divindade dos assírios e fenícios.

piter não o teme, nem Netuno¹³⁰, nem Anfitrite¹³¹, que são os deuses do oceano.

– Mas teme Ate! – prosseguiu Roberto.

– Sim, porque, como os deuses do bem, essa deusa possui grande poder para o mal.

– Porém, dir-me-eis, quem há criado Ate?

– Júpiter! O grande Júpiter! – respondeu enfaticamente Meroveu.

– Ah! – tornou Roberto. – E que qualidades possui Júpiter.

– Profano! – respondeu o pagão. – Júpiter é puro como a Vesta¹³²! Sábio como Minerva!

– Oh! Cristo! Fazei que o anjo da graça roce suas brancas asas sobre a cabeça deste pagão! – disse Raquel.

– Oh! Que voz harmoniosa! Parece-me ouvir a flauta do pastor Endimião¹³³! – disse Meroveu, olhando espantado em derredor de si.

– Compreendo-o – tornou Roberto –, não busque o sobrenatural, acaba de ouvir a voz de uma judia a quem fiz cristã, o que lhe dá essa doçura é o desejo de conduzi-lo ao verdadeiro caminho! Porém voltemos aos deuses; como dizias, Júpiter é sábio, puro, bom e justo, e como admitis que um ente perfeito como esse deus criasse Ate, uma deusa malfazeja, e muitas outras?

Meroveu, um tanto perturbado, não respondeu a interpelação do Príncipe Negro.

– Vamos, responda minha pergunta.

– Convenho que sejam duas ideias opostas, mas sou obrigado a respeitar¹³⁴ as crenças da antiga Grécia.

¹³⁰ Na mitologia romana, reinava sobre as águas, sendo cultuado como o deus do mar, por inspiração do deus grego Poseidon.

¹³¹ Deusa dos mares, na mitologia grega.

¹³² Antiga deusa romana que governava o fogo no lar doméstico, além de personificar também o fogo cerimonial e ser considerada protetora da vida. Identificava-se com a deusa grega Héstia.

¹³³ Endymion, na mitologia grega, era um jovem muito bonito que pediu e recebeu de Zeus a satisfação de seu maior desejo: a juventude eterna. Mas, como condição, dormiria por toda a eternidade.

¹³⁴ No original há um espaço em branco no meio da palavra, que inferimos ser “respeitar”.

Roberto lançou um olhar a Raquel e, dirigindo-se de novo a Meroveu:

– Pois bem, crê que seus deuses são tipos de perfeição e não quer crer no verdadeiro Deus, mas aceitará um batismo em seu nome, para que ele lhe proteja até que a luz da verdade lhe esclareça as ideias.

– Não – tornou o pagão –, é um sacrilégio batizar-me duas vezes.

– Porém desta vez será com outras palavras – disse Roberto –, se achar que elas nada valem, suportará o ato sem consciência dele.

Embora contrariado, o pagão aproximou-se do altar improvisado e recebeu das mãos do Príncipe Negro as santas águas do batismo, feito o que voltaram à mesma questão.

– Não poderá ver o capitão Rodolfo Marsaint – disse Roberto –, porque está ocupadíssimo em negociações de guerra, portanto, já que quer voltar a seus queridos penates, peço-lhe que leve consigo esta imagem; chame em seu auxílio Júpiter e todas as divindades de sua crença e, quando se julgar ameaçado, se não for prontamente socorrido, chamei a Deus ou Cristo e, se ele o livrar, converta-se a Ele. *In hoc signo vinces.*

Meroveu aceitou o crucifixo de marfim que Roberto lhe oferecera e involuntariamente levou-o aos lábios; de repente estremeceu e, curvando-se, tirou do peito as duas imagens entrelaçadas, beijou-as com reverência e fez uma prece do paganismo.

Finalmente, agradeceu ao capitão normando e, despedindo-se deste, partiu em direção à estrada que leva a Costantina¹³⁵.

Meroveu seguia triste e pensativo através de uma colina, abstinha-se ele de atravessar os lugares habitados e, deixando de um lado a estrada, tomou pela colina.

Subitamente parou. Um tremor nervoso percorrera-lhe todo o corpo e suas pernas vacilaram.

O pagão, sobressaltado pelos extraordinários acontecimentos de sua vida, julgava a todo momento ver seus inimigos, que, de lança em punho, antepunham-se à sua passagem.

Caiu de joelhos e exclamou:

¹³⁵ Lar dos gregos (nota das autoras).

– Júpiter! Júpiter! Socorrei-me!

Como que em resposta, uma nuvem de cavaleiros apontou à sua frente.

O terror de Meroveu chegou a seu auge.

– Oh! Júpiter! Peço-te que me livres de meus inimigos e tu mos envia! Ah! Percebo agora as palavras do capitão cristão! Cristo, Deus, vinde em meu auxílio!

Um tropel de cavalos que vinha de trás fê-lo voltar a cabeça.

Meroveu julgou ouvir alguém falar-lhe ao ouvido:

– Viemos salvar-te.

– Então, fazei-os afastar-se – suplicou o pagão falando aos seus salvadores invisíveis.

Meroveu não via ninguém em torno de si, porém ouvia o tropel das patas de cavalos e até o tinir das lanças.

Num rápido movimento, tirou do peito as duas imagens de Júpiter e Minerva, lançou-as fora e, beijando o crucifixo, exclamou:

– De ora em diante adoro o Cristo, contra quem não pode Ate.

Como se cedessem a uma ordem inesperada, os cavaleiros que vinham em direção ao sacerdote volveram em direção à estrada, deixando livre a colina.

– Eis te salvo. Volvemos a Deus.

O pagão, ao ouvir estas palavras, voltou-se vivamente:

– A mesma voz da ninfa da tenda! – disse ele no cúmulo da admiração.

E prestou atenção.

– Oh! Já foram os cavaleiros – prosseguiu ele, falando sempre consigo e aplicando o ouvido:

– Nada! O tropel desapareceu.

Ergueu-se e pôs-se de novo a caminho.

Não tinha dado inda muitos passos, e o mesmo ruído de passos de animais fez-se ouvir.

O pagão, com o crucifixo erguido nas mãos, caminhou apressado.

O ruído tornara a desaparecer:

– Oh! Antiga Grécia! – disse ele. – Quanto não estavas enganada quando estabeleceste esta crença!

E suspendendo o crucifixo: – *In hoc signo vinces.*

IV

RETROSPECTO HISTÓRICO

O imperador da Alemanha¹³⁶ enviou ao sultão Malek Kamel¹³⁷ o senhor de Sidon¹³⁸ e o conde Tomás de Celano¹³⁹, para recordar-lhe suas promessas e lhe dizer que, senhor das mais vastas províncias do Ocidente, ele não vinha à Ásia fazer conquistas, que não tinha outro projeto senão visitar os santos lugares e tomar posse do reino de Jerusalém, que lhe pertencia. O exército muçulmano estava acampado nas vizinhanças da cidade santa, quando chegaram os embaixadores. As circunstâncias que tinham impellido Malek Kamel a solicitar o auxílio de Frederico, tendo-se mudado, o sultão estava em difícil situação¹⁴⁰. Não temia mais a invasão dos Karismianos¹⁴¹, e sim a dos guerreiros do

¹³⁶ Frederico II (1194-1250), imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que incluía inúmeros territórios da Europa Central, de 1220 a 1245.

¹³⁷ Malique Camil Nâcer Adim Abu Almaali Maomé ou Al-Malik al-Kamel Naser al-Din Abu al-Ma'ali Muhammed (1180-1238), ou apenas Camil, foi sultão do Egito, tendo reinado de 1218 até 1238.

¹³⁸ Sídón é uma antiga e importante cidade do Líbano. O Senhorio de Sidon era, no século XIII, um feudo criado pelas cruzadas europeias. Na época em que ocorrem os fatos narrados pelas autoras, o feudo era liderado pelo Conde Balian I Grenier, apoiador de Frederico II.

¹³⁹ Tommaso de Celano (1200-1265) foi um frade católico italiano da Ordem dos Franciscanos, além de poeta e escritor, autor de livros sobre Francisco de Assis, que conheceu pessoalmente. Não encontramos referências que atestem o título de nobreza citado ou algum cargo de soberano.

¹⁴⁰ Nota-se aqui uma frase bastante confusa, cujo sentido é: "... deixava o sultão em situação difícil".

¹⁴¹ Originários de Karisma, região que fazia fronteira com o império mongol, com o Golfo Pérsico e com a Índia. Foi invadida e destruída pelos mongóis no início do século XIII, e seus habitantes espalharam-se pela Ásia Menor e Síria.

Ocidente. Contudo, tinha ele prometido entregar Jerusalém ao imperador dos francos; então, para obter a possessão de Damasco¹⁴², acabava de prometer aos príncipes muçulmanos de conservar a Judeia¹⁴³ sob as leis do Islamismo. O sultão recebeu com distinção os deputados de Frederico, porém não respondeu a suas propostas; todavia enviou ao imperador uma embaixada encarregada de exprimir seu desejo de paz e estima particular pelo maior príncipe da crença de Issa¹⁴⁴.

Estava-se então no coração do inverno, e os dois exércitos só esperavam o sinal do combate. A crer nas crônicas muçulmanas, este príncipe era de baixa estatura, ruivo e calvo, de vista curta, o que fazia dizer aos orientais que *se ele fosse escravo, não se daria por ele duzentos dracmas*. Na corte do sultão gabavam suas luzes na medicina, dialética e geometria.

O sultão do Cairo passava por ter amor aos sábios e cultivar as letras. Era apaixonado pela poesia e algumas vezes escrevia em verso aos seus lugar-tenentes, aos seus aliados, e estes, para obter sua amizade ou seu favor, lhe respondiam na mesma linguagem. O *emir* Fakr-Eddin, que Malek enviou junto de Frederico, na Sicília¹⁴⁵, e que foi encarregado das negociações de paz, conhecia as leis e costumes do Ocidente. Nas frequentes conferências que tiveram lugar entre cristãos e muçulmanos falava-se muitas vezes da geometria de Euclides¹⁴⁶, dos aforismos de Avenhoes¹⁴⁷ e da filosofia de Aristóteles¹⁴⁸, mais que da religião de Jesus Cristo e a de Maomé. Imitando um tanto esses reis

¹⁴² Atual capital da Síria.

¹⁴³ Área montanhosa da região sul de Israel. Foi província do Império Romano e muito disputada por vários povos.

¹⁴⁴ Nome árabe de Jesus.

¹⁴⁵ Ilha italiana, a maior do Mediterrâneo.

¹⁴⁶ Foi um professor, matemático platônico e escritor grego, muitas vezes referido como o “Pai da Geometria”.

¹⁴⁷ Ilustre médico árabe, conforme uma única referência encontrada do século XVII com essa grafia. Há possibilidade de a autora estar citando Averroes ou Averrois, Abu Alualide Maomé ibne Amade ibne Maomé ibne Ruxide (1126-1198), filósofo, médico, teólogo e astrônomo, nascido na Espanha sob o domínio árabe.

¹⁴⁸ Filósofo grego (384-322 a.C.)

do Oriente, que no templo de Salomão¹⁴⁹ enviavam aos seus vizinhos enigmas a decifrar, Frederico dirigiu às vezes ao sultão do Cairo problemas de geometria e de filosofia.

Jerusalém foi o principal e mesmo único assunto das negociações. Malek não via aí senão *igrejas e casas* em ruína. Frederico escreveu ao sultão para reclamar o cumprimento de sua promessa, e eis sua carta, conservada pelo historiador árabe Dehebi¹⁵⁰.

“Eu sou teu amigo. Tu não ignoras quanto eu estou acima de todos os príncipes do Ocidente. Foste tu quem me convidaste a vir aqui; os reis e o papa estão cientes de minha viagem; se voltar sem ter obtido nada, eu perderei toda a consideração a seus olhos. Além de que, esta Jerusalém não é o berço da religião cristã?

“Não foram os muçulmanos que a abateram? Ela está agora reduzida à última miséria. De graça, entregai-ma no estado em que se acha, a fim de que em minha volta possa erguer a cabeça entre os reis. De antemão renuncio a todas as vantagens que possa tirar dela.”

Frederico enviou ao sultão sua couraça e espada, em penhor de suas disposições pacíficas, o que foi um crime aos olhos do exército cristão. No exército muçulmano, exprobrava-se ao sultão ter enviado ao chefe dos francos um elefante e os mais raros produtos da Arábia, Índia e Egito. Os cavaleiros do Templo e de S. João separaram-se do imperador e o seguiam de longe. Frederico foi obrigado a fazer desaparecer o estandarte do império, e suas ordens eram proclamadas somente em nome de Jesus Cristo e da república cristã.

Aos 20 de fevereiro de 1229, conclui-se uma trégua de dez anos, seis meses e dez dias. Malek Kamel abandonou a Frederico Jerusalém,

¹⁴⁹ Foi o terceiro rei de Israel (mencionado, sobretudo, no Livro dos Reis), governando durante cerca de quarenta anos (segundo algumas cronologias bíblicas, de 966 a 926 a.C.). Salomão também é o escritor de Provérbios e Eclesiastes, livros sapienciais da Bíblia.

¹⁵⁰ Al-Dhahabi (1274-1348) foi um historiador do Islã e especialista em Hádice - corpo de leis, lendas e histórias sobre a vida de Maomé.

Belém¹⁵¹ e todas as povoações situadas no caminho de Jope¹⁵² e Pto-
loines¹⁵³; de mais a cidade de Nazaré, o território de Toron¹⁵⁴ e Sídon,
com suas dependências. Era permitido aos cristãos reerguer os caste-
los de Jope, Cesareia¹⁵⁵ e Sídon, o de Santa Maria, que fora edificado
pelos cavaleiros da ordem Teutônica¹⁵⁶ nas alturas vizinhas de S. João
de Acre. Segundo as condições do tratado, os muçulmanos deviam
conservar na cidade santa a mesquita de Omar e o livre exercício de
seu culto. O principado de Antioquia¹⁵⁷ e o condado de Trípoli¹⁵⁸ não
eram incluídos na trégua.

Conhecidas as disposições do tratado, a paz foi encarada como
ímpia e sacrílega pelos dois campos. Os muçulmanos que habitavam
Jerusalém abandonaram chorando suas moradas e maldiziam o nome
de Malek Kamel. Entre os cristãos, mais vivas ainda eram a dor e a
indignação. Os prelados e bispos clamavam, com veemência, contra
um tratado que deixava subsistirem¹⁵⁹ mesquitas em presença do san-
to sepulcro e, de alguma sorte, confundia o culto de Maomé com a
religião de Jesus Cristo.

¹⁵¹ Cidade da Palestina.

¹⁵² Joppé, Jophe, Yafa, Jaffá ou Jafa, e oficialmente hoje Tel Aviv-Yafo ou apenas
Tel Aviv, é uma antiga e importante cidade portuária de Israel, às margens do
Mediterrâneo, distando 55 km de Jerusalém.

¹⁵³ Ptoloinés, Ptolemais, Accho, Ace, São João de Acre ou apenas Acre (grafia atual)
é uma cidade de Israel (desde 1948), na região da Galileia, na costa do Mar Me-
diterrâneo.

¹⁵⁴ Pequena cidade do sul do Líbano, atualmente denominada Tibnin.

¹⁵⁵ Há várias cidades e regiões que foram nomeadas Cesareia, para homenagear
César. As autoras aqui devem estar citando o castelo da cidade de Cesareia Ma-
rítima ou Cesareia Palestina, que fica próxima a Tel Aviv.

¹⁵⁶ A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos de Santa Maria de Jerusalém tinha como
sede uma fortaleza em Acre (Israel).

¹⁵⁷ Região que incluía partes das atuais Turquia e Síria. A capital do Principado,
Antióquia, é atualmente a cidade turca de Antáquia.

¹⁵⁸ Região que incluía partes dos atuais Líbano e Síria, tendo Trípoli como capital,
que, atualmente, é a segunda maior cidade do Líbano.

¹⁵⁹ No original está “subsistir”.

O arcebispo de Cesareia lançou um interdito sobre os santos lugares, e o patriarca da Judeia recusou aos peregrinos a permissão de visitar o santo túmulo do Salvador.

Quando Frederico fez sua entrada em Jerusalém, reinava em sua passagem morno silêncio; acompanhado dos barões alemães e cavaleiros teutônicos, revestidos de seus hábitos imperiais, dirigiu-se à Igreja da Ressureição, que estava armada de luto e que parecia guardada pelo anjo da morte. Depois de curta prece, ele fez colocar uma coroa de ouro sobre o altar. Todos os eclesiásticos e guardas do santo túmulo haviam desertado do santuário, onde eles criam ver a *abominação e a desolação*, anunciadas pelas ameaças da Escritura. Frederico, ele próprio, tomou a coroa e, colocando-a sobre a cabeça, foi proclamado rei de Jerusalém sem nenhuma cerimônia religiosa. As imagens dos apóstolos estavam veladas. Não se via aos pés dos altares senão espadas e lanças, e as *voûtes*¹⁶⁰ sagradas retiniam então só de ruidosas aclamações dos guerreiros. Depois de sua coroação, Frederico escreveu ao papa e a todos os príncipes do Ocidente que conquistava Jerusalém sem derramar uma gota de sangue e como por milagre. Frederico não ficou longo tempo na cidade santa, que repercutia de imprecações contra ele; voltou ao Ptolomeu¹⁶¹, que estava interdito enquanto o imperador aí permanecesse.

Todo o exercício do culto fora interrompido. Não se ouvia mais o som dos sinos nem os hinos religiosos. Lúgubre silêncio reinava no santuário. Começaram¹⁶² a chegar da Itália cartas chamando o imperador aos seus Estados, o papa declarara guerra a seu implacável inimigo; um exército pontifical entrava no território de Nápoles, os soldados do pontífice traziam uma chave sobre suas vestimentas para mostrar que combatiam pelos direitos e autoridade de S. Pedro. Gregório confiara o comando deste exército a João de Brienne¹⁶³ e dois capitães sicilianos

¹⁶⁰ Palavra francesa: abóbadas.

¹⁶¹ Não sabemos de qual região se trata. O Reino Ptolomaico ia desde a Síria até o sul do Egito, o que inclui boa parte das regiões citadas neste capítulo. No entanto, não mais existia nessa época.

¹⁶² No original está “Começou”.

¹⁶³ João I de Brienne (1148-1237), que havia sido Rei de Jerusalém entre 1210 a 1225.

que tinham queixas de Frederico II. Advertido destas hostilidades, o imperador apressou-se em deixar a Palestina. Quando ele partiu de Ptolomeu entoaram-se¹⁶⁴ cânticos de alegria. O papa comparou Frederico II à *besta cheia de blasfêmias*, de que fala o Apocalipse; o imperador replicou chamando o papa o *grande dragão que seduziu o universo*, o anticristo, um outro Balaão¹⁶⁵, o *príncipe das trevas*.

Os cruzados partiram cantando este hino da Igreja:

*Vexilla regis prodeunt
Fulget crucis mysterium.*¹⁶⁶

Durante a sexta expedição, o papa ordenou que se fizesse todos os meses, no mesmo dia, em todas as paróquias, uma procissão para pedir a Deus que afastasse das armas cristãs a confusão e o opróbrio. Na missa solene, no momento de ofertar a hóstia pelos pecados do mundo, todos os fiéis se prostrariam humildemente e cantariam em coro o salmo marcial: que o Senhor se levante, e que todos aqueles que o odeiam fujam diante de sua face. Em uma carta escrita do Oriente, dizia-se aos fiéis que não tinham tomado a cruz: “Reuni-vos para orar na sexta-feira que precede ao aniversário do triunfo de Jesus Cristo; porque, no mesmo dia, nós combateremos os sarracenos¹⁶⁷”. Assim, a oração unia os que combatiam na Ásia e os que não tinham deixado seus lares. Soava o sino ao meio-dia, e, da Noruega¹⁶⁸ ao estreito de Cádiz¹⁶⁹, todos os cristãos oravam juntos por seus irmãos. Na ocasião das procissões, o clero prescrevia o jejum e a esmola, *a fim de que um e outro sejam como asas que levem as preces dos cristãos até o trono do Eterno*.

¹⁶⁴ No original está “entoou-se”.

¹⁶⁵ Balaão ficou conhecido por aceitar fazer mal ao povo de Deus por dinheiro. Sua história é contada no Livro dos Números, quarto livro da Torá.

¹⁶⁶ Dois versos do hino católico *Vexilla Regis*: Eis que surgem os estandartes do rei / Brilha o mistério da cruz.

¹⁶⁷ Forma como os europeus, na Idade Média, chamavam os árabes ou os muçulmanos.

¹⁶⁸ País do norte europeu.

¹⁶⁹ Estreito de Gibraltar, canal que liga o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico, no sul da Espanha.

Negociações pacíficas se estabeleceram entre o imperador da Alemanha e o sultão do Cairo, resultando afeição recíproca.

Frederico enviou ao sultão sua couraça e sua espada, em sinal de suas disposições pacíficas.

O imperador recebeu do sultão um presente constante de um bando de moças, educadas segundo o uso dos orientais, para dançar na sala dos festins.

O exército cristão saiu de Ptolomeu e veio acampar entre Cesareia e Jope, e enviou o conde Tomás de Celano e o senhor de Sídon, a fim de dizer ao sultão que Frederico não vinha à Ásia conquistar, pois era senhor de vastas províncias do Ocidente, e sim tomar posse do reino de Jerusalém, que lhe pertencia, e visitar os santos lugares. Malek Kamel enviou presentes e embaixadores ao imperador da Alemanha, convidando-o a ir ao Oriente e prometendo-lhe entregar-lhe Jerusalém. Foi esta a razão que determinou Frederico a prosseguir no projeto da cruzada, além de muitos outros motivos, para não renunciar à sua expedição do Oriente.

O papa continuava a representá-lo como inimigo de Jesus Cristo e o flagelo dos cristãos. Para responder ao soberano pontífice, de uma maneira vitoriosa, Frederico resolveu embarcar para a Palestina. Quis, porém, proclamar seu projeto com o maior aparato; fez colocar na planície de Barletta¹⁷⁰ um trono magnífico sobre o qual subiu, em presença da multidão inumerável. No meio de toda a magnificência imperial, ele apareceu revestido da cruz dos peregrinos, e ele próprio anunciou ao povo reunido que ia partir para a Síria. Para dar mais solenidade à pompa, fez ler o seu testamento.

No assalto de Damietta¹⁷¹, o grito de guerra era *Kirie eleison*¹⁷², e o exército respondia *Gloria in excelsis*¹⁷³, *Ao Cristo vitorioso, Ao reino de*

¹⁷⁰ Barletta é uma comuna italiana da região da Puglia, província de Barletta-Andria-Trani. Em 1229, do castelo de Barletta, a maior fortaleza da região, Frederico II partiu para a sexta cruzada.

¹⁷¹ Cidade egípcia, próxima à capital Cairo, tomada na Quinta Cruzada cristã, em 1218.

¹⁷² “Senhor, tende piedade (de nós).”

¹⁷³ “Glória nas alturas.”

Cristo, e invocavam os nomes de S. Jorge, S. Demétrio e S. Mercúrio, Ourite, Nilo e Jordão, rios da Ásia.

Armas dos cruzados: lanças, escudos, gládio ou espada ou alfange. Nas cruzadas, onde combatiam vinte nações diferentes, o exército não devia ser armado uniformemente. Acha de armas, espada ou sabre, muitas espécies de flechas ou dados curtos. Os europeus, com seu escudo de madeira, de couro ou de aço, sua couraça negra e seu elmo de ferro e de bronze, sua túnica de sarja de Reims, seus cabelos cobertos de malhas, apresentaram no Oriente um espetáculo novo. No meio do exército flutuava o estandarte da cruzada, trazido por um conde ou cavaleiro, era o auriflama de S. Diniz, ou o estandarte de S. Pedro, e mesmo uma bandeira benta pelo papa. Cada tropa ou batalhão tinha sua bandeira particular, em torno da qual se reuniam os cruzados do mesmo país e falavam a mesma língua. Viam-se¹⁷⁴ nesta bandeira os brasões e cores distintivas dos senhores de pendão e caldeira¹⁷⁵ que levavam seus vassalos à cruzada.

Os exércitos cristãos tinham consigo uma música guerreira, que dava o sinal dos combates. Os instrumentos mais usados eram: a trombeta de arame, cornetas de pau, ferro, ouro ou prata, harpas, címbalos¹⁷⁶, tambores e sistros¹⁷⁷.

Máquinas de guerra: a torre rodante ou de duas rodas, obra de um humilde padre de Colônia. Com o auxílio desta máquina flutuante, os cristãos se apoderaram da torre edificada no meio do Nilo. O fogo artificial que arde na água: besta ou arreata¹⁷⁸, arma homicida, proibido

¹⁷⁴ No original está “via-se”.

¹⁷⁵ “Senhores de pendão e caldeira” eram, na sociedade medieval, os nobres ou homens ricos e ilustres que serviam ao rei, combatendo sob o próprio pendão (bandeira) e sustentando sozinhos os seus soldados nas batalhas (o que simboliza a caldeira).

¹⁷⁶ Antigo instrumento musical de cordas percutidas; espécie de cravo.

¹⁷⁷ Antigo instrumento musical de percussão egípcio, o qual era um pequeno arco de metal, atravessado por hastes metálicas que, agitadas, produziam um som agudo e prolongado.

¹⁷⁸ Tipo de arco que disparava setas ou bolas de pedra ou metal.

o seu uso pelo concílio de Latrão¹⁷⁹. Balista, trabuco¹⁸⁰, de onde partiam enormes dardos, *muscule*¹⁸¹, que punha ao abrigo os trabalhadores, e que o couro e o ladrilho defendia do ferro e das pedras.

Na Idade Média, a cavalaria formava a verdadeira força dos exércitos. Os cavaleiros da Cruz não tinham mais confiança em sua bravura, desde que perdessem seus cavalos, e tem-se visto montarem bois e asnos, antes que combaterem a pé. O cão milagroso, que se chamou *o de Nossa Senhora*, e que, no sítio *d'África*, advertia os cristãos da presença do inimigo.

No terceiro livro da história das cruzadas, fala-se das deputações que o emir de Ezas¹⁸² enviou aos cruzados, senhores de muitas cidades da Síria, para lhes pedir socorros contra o soberano de Alep¹⁸³. Sabe-se que foi uma pomba que, com grande surpresa dos peregrinos, levou ao emir muçulmano a nova do tratado concluído com Godot de Rosi¹⁸⁴.

V

VOLTA DO EXÉRCITO

A guerra estava a decidir-se.

Dias depois da partida do pagão, regressavam os encarregados de negociar a paz, cujo resultado era o que já esperavam todos os capitães.

¹⁷⁹ Concílio da Igreja Católica realizado em 1139. Há historiadores que contestam tal banimento.

¹⁸⁰ Balista e trabuco são sinônimos: máquina de guerra que arremessava grandes dardos ou pedras em muros e fortalezas.

¹⁸¹ Músculo: um longo galpão móvel usado para proteger os sitiadores no ataque aos muros de uma cidade.

¹⁸² Possivelmente as autoras estejam mencionando A'zaz, cidade do noroeste da Síria.

¹⁸³ Halab, Alep, Alepo ou Aleppo: uma das maiores cidades da Síria, atualmente, e uma das mais antigas cidades do mundo, remontando a 5.000 a.C.

¹⁸⁴ Não encontramos referências a Godot de Rosi.

Meledim¹⁸⁵, o sultão, entregava-lhes Jerusalém, sem combate, mediante a entrega de Damietta, tomada pelos predecessores dos cruzados.

No acampamento tudo era alegria pela volta da frota.

Os guerreiros tinham-se dividido em grupos e projetavam cada qual seu itinerário. Uns pretendiam visitar a cidade santa, antes de voltarem à pátria, outros, passar¹⁸⁶ algum tempo na capital de Bizâncio, agora franca aos ocidentais, e, finalmente, outros, ansiosos por seu país natal, esperavam com impaciência que terminassem os preparativos de partida.

Ao primeiro grupo pertenciam o capitão Roberto e sua mulher, que estava alegríssima.

Raquel tinha esperanças de poder ainda ver seus pais, pois, em sua passagem, passariam por Salonica¹⁸⁷, e aí, talvez por um feliz acaso, se achassem, após tão longos anos do desaparecimento de sua filha.

Assim, porém, não devia acontecer.

Tendo de partir, Roberto, depois de despedir-se dos guerreiros normandos, caminhou para a tenda de Marsaint, a fim de saudá-lo.

Rodolfo não estava em sua barraca.

Amanda, ao ver chegar o Príncipe Negro, chamou Judite, para que a moça conhecesse de perto o bravo de quem falavam todos com louvor.

Longe, porém, estava de crer que ele se dirigisse expressamente para a tenda.

– O capitão Marsaint? – interrogou Roberto à aia.

– Não está, mas volta imediatamente – respondeu Amanda. – Se o príncipe quiser pode esperá-lo aqui – acrescentou ela.

¹⁸⁵ Quarto sultão do Egito (1218-1238), conhecido como Meledim, mas chamava-se Al-Kamil (al-Malik al-Kamil Naser ad-Din Abu al-Ma'ali Muhammad, 1177-1238).

¹⁸⁶ No original está “passarem”. Consideramos erro e corrigimos.

¹⁸⁷ No original está “Salamica”. Mas, como se verá mais à frente, as autoras referem-se a Salonica, na Grécia.

– Esperarei, pois que venho despedir-me do capitão – tornou Roberto.

Judite adiantou-se e, saudando-o, ofereceu-lhe um assento de campanha.

– Como! – disse ele admirado – Sois vós a filha de Marsaint?

– Sim, e também da Madona, como me chamam – respondeu Judite. – Mas por que me pareceis admirado disso, capitão Roberto?

– Porque não julgava que a jovem de quem nos falavam uns soldados, cujo bom coração os enternecera, fosse a filha de Rodolfo, a quem nunca tinha visto.

– A propósito, capitão, nunca mais souberam notícias da pobre mulher por quem me interessei? – inquiriu a moça.

– Há probabilidade de encontrá-la em D...¹⁸⁸ no regresso da frota.

– Oh! Que ventura! – exclamou alegremente Judite. – Vou, quem sabe, concluir o que encetei.

– A Providência a ajudará, esteja certa, minha menina, visto que se empenha em fazer o bem. Devo, entretanto, dizer-lhe que também eu, como a senhora, interessei-me imenso por essa mulher e desejava tornar a vê-la, ainda que para isso fosse preciso fazer uma longa viagem.

– Então, capitão Roberto, tereis a complacência de avisar-me se encontrá-la; pois simpatizei-me com a pobre cativa, sem mesmo conhecê-la, disse a moça.

– Admiro o vosso procedimento em interessar-se por uma pessoa estranha e em condição tão humilde, mas esqueci-me de perguntar vosso nome, gentil menina, certamente será tão belo como o é vosso coração.

– Judite Marsaint – respondeu a moça.

– Um nome judaico! – pensou Roberto. – Minha filha, se vivesse, deveria ser dessa idade. E, quem sabe – continuou ele consigo –, se essa criança por quem choramos, eu e sua mãe, não estará bem perto de nós? Porém não, não devo alimentar quimeras. Ela morreu, não resta a menor dúvida; o próprio cativo de Aniceta bem o prova.

¹⁸⁸ Conforme o original. O Príncipe refere-se a Damietta, no Egito.

– Aí vem meu pai, capitão – disse contente Judite, correndo ao encontro de Rodolfo, que a abraçou, saudando em seguida o capitão normando.

– Dou-vos meus parabéns, capitão Marsaint, por possuídes uma tão bela quanto bondosa filha e felicito-me pelo conhecimento que com ela fiz, enquanto vos esperava.

– Minha filha é uma pérola, não há aqui em todo o acampamento uma só voz que não o reconheça – tornou com orgulho paternal o pai adotivo de Judite.

– Oh! Quem dera que eu pudesse dizer outro tanto!

– Não tendes filhos, capitão Roberto? – interrogou Marsaint.

– Sim e não, respondeu o normando, dando um longo suspiro.

– Não vos compreendo, capitão, explicai-me como pode ser isso, eu vos peço.

– É muito simples – prosseguiu o primeiro. Tinha uma filha, a única que teve minha mulher, que acontecimentos imprevistos obrigaram a nos separar dela, ignorando hoje se é viva ou morta; eis por que disse há pouco, sim e não.

Uma ideia acudou ao pensamento de Marsaint.

Se fosse o Príncipe Negro o pai de Judite?

Era seu dever restituí-la a seus pais, não tinha o direito de privá-los de sua filha.

Quis interrogar francamente o capitão normando.

– E que idade tinha a criança, quando desapareceu, capitão?

– Oh! Era muito nova, apenas contava dias de nascida – respondeu este último.

– É Judite – pensou consigo Marsaint.

Ao pensar que ia perdê-la, sentiu uma dor aguda atravessar-lhe o coração e, com receio de causar suspeitas no ânimo de Roberto, tratou de mudar de conversa.

A convicção ficou-lhe, todavia, na mente.

Daí a pouco, Roberto despedia-se de Marsaint e de sua filha.

Judite narrou-lhe o que conversara com o capitão normando, a respeito da cativa, e, ao referir as suas últimas palavras, Marsaint ficou

com a certeza de que entre a escrava do árabe e sua filha havia o que quer que fosse de relação.

– Sabes, Raquel, quem é a caridosa moça, de quem nos contaram tantas aventuras benfazejas? – perguntou Roberto, entrando em sua barraca.

– Sei unicamente que é uma jovem cristã – respondeu Raquel.

– Muito boa e simpática, e tem um nome judaico, chama-se Judite – acrescentou o capitão normando.

– Oh! Quem sabe se é judia como eu!

– Não, ela é francesa, filha do capitão Marsaint.

– Quero, todavia, conhecê-la. Que idade tem essa moça? – continuou Raquel com interesse crescente.

– Dezessete anos. Ela quase que quer parecer-se contigo, Raquel; tem a mesma cútis, porém os olhos são azuis, e o cabelo louro como o trigo – tornou o normando.

– Nossa malograda filha também tinha esse tipo – disse tristemente a judia. – Se aqui estivesse, teria a mesma idade da filha do capitão Marsaint.

– Se queres conhecê-la, levar-te-ei à sua tenda antes de partirmos, deverá ser já, pois Marsaint tenciona também partir com Judite para Jerusalém.

– Visto que eles vão ao mesmo ponto que nós, por que não viajaremos juntos?¹⁸⁹ – interrogou Raquel.

– Porque ainda temos de nos demorar, até que tenhamos vestígios de Aniceta, ao passo que o capitão parte sem detença.

Algumas semanas depois, Marsaint e Judite partiam para a Palestina, e Roberto e Raquel embarcaram para Damietta, onde constava achar-se a antiga vivandeira.

Daí pretendiam ir a Salonica, de onde regressariam à Europa, a fim de se estabelecerem na Normandia¹⁹⁰.

¹⁸⁹ No original consta aqui um ponto de exclamação em vez de interrogação.

¹⁹⁰ No original está escrito Normadia, que consideramos um erro tipográfico. Normandia é uma região do noroeste da França.

VI

TERRÍVEIS COMPANHEIROS

Passados eram alguns meses depois que os cruzados haviam deixado Damieta.

Conforme prometera a Judite, o capitão Rodolfo levaria-a a visitar a cidade santa; não era difícil fazê-lo, visto que distava pouco de onde se achavam a Jerusalém.

Nossos viajantes, seguidos da aia de Judite, haviam já transposto o Taurus¹⁹¹; mais alguns dias e estariam chegados.

Não viajavam solitários, e sim em grande companhia, como é costume fazer no Oriente.

Apenas os viajores fazem pequena distinção entre si, isto é, os de uma mesma classe na sociedade, mas não se importando com as diversas crenças.

Jamais, porém, numa caravana de beduínos ou bambinos, veem-se¹⁹² peregrinos, os quais de boamente se agregam aos grupos de mercadores ou viajantes que em comunidade atravessam em todas as direções a estrada da Palestina.

Como naquela época não havia ainda outro meio melhor de transporte, os viandantes faziam-no em camelos e elefantes.

O capitão Rodolfo havia escolhido, para transportá-lo a Jerusalém, montaria mais familiar aos europeus; conquanto que não fosse fácil obter animais, em razão da afluência de romeiros que havia; mediante algumas piastras, um árabe alugara-lhes um cavalo e um jumentinho, um tanto sendeiro o primeiro, pois que o seu predileto é provável que por nenhum dinheiro o cedesse.

Nem é de admirar, pois que os árabes mais depressa venderão a mulher ou filhos na feira do que se despojam do seu animal favorito.

A melhor familiaridade reinava entre uma caravana de armênios, em cuja companhia o capitão e sua família engajaram-se.¹⁹³

¹⁹¹ Montanhas de Taurus, um complexo de montanhas ao sul da Turquia.

¹⁹² No original está “vê-se”.

¹⁹³ No original está “engajara-se”.

Ao cabo, porém, de alguns dias de viagem, um incidente muito vulgar nessa mestiça gente veio perturbar a serenidade do trajeto.

Vejamos qual era ele.

Era já tarde, o sol declinava pouco a pouco, deixando como substituto o crepúsculo um tanto ríspido que nada tem de comum com essa hora, nos países ocidentais. Por toda parte uma nuvem de pó e uma aragem gélida impediam o avanço da caravana.

Os armênios, acostumados já ao penoso trânsito, iam acampar numa clareira.

Os homens tratavam já de descarregar os animais e apeavam as mulheres e crianças, quando um tropel vagaroso ressoou no espaço.

O chefe da caravana fitou alguns momentos o ponto donde partia o ruído.

Dentre uma nuvem de poeira que cegava, o armênio distinguiu uma massa negra que se adiantava lentamente.

Vendo que tinha de haver-se com um só homem, o chefe tranquilizou-se, e, apenas alguns passos dele, gritou o vulto que era um árabe montado num camelo.

– Permite que reviste a tua caravana, a fim de procurar dois de meus cavalos que um estrangeiro roubou-me há dias da porta da minha habitação – disse ele.

O chefe franziu o sobrolho e ordenou que cessasse o descarregamento.

– Consinto – respondeu ele. – Mas toma bem sentido, se não encontrares em nossa companhia o que procuras e fazes, com esta demora obrigada, que não recolhemos ainda com dia a lenha e o mais de que carecemos, nós te ensinaremos, tinhoso.

– Tranquiliza-te; quero unicamente que esse estrangeiro restitua-me o cavalo e o jumentinho e retiro-me.

O armênio chamou Marsaint e expôs-lhe o fato.

Rodolfo, que já conhecia que era esse o estratagema empregado pelos árabes, não se admirou de seu procedimento.

Contudo, olhando-o com o mais soberano desdém, apostrofou-o.

– De onde roubei eu os teus animais, se nem sequer te conheço?

– Sim, não me conheces, é certo, pois furtaste-mos de minha casa, quando me achava no interior da mesma, mas bem vês que não podia adivinhar que esses animais estavam em poder de um estrangeiro, a muitas milhas da aldeia.

– Este homem tem razão, entrega sua propriedade – disse a Marsaint o armênio, que fizera causa comum com o beduíno.

Passar por um ladrão, perante toda a comitiva, era uma expectativa de afronta que não sofria o capitão francês.

– Cala-te, homem, entrego-te o que reclamas, apesar de não ser verdade o que dizes com essa mesma língua com que recitas os versículos do Alcorão. Porém, que Maomé te proíba entrar no céu, se for uma mentira como é.

– O profeta me permitirá entrar em seu paraíso, levando pela rédea este cavalo e o jumento, pois que ambos me pertencem.

A esta cômica resposta o capitão Marsaint não pôde deixar de sorrir-se.

– Ris-te! – exclamou colérico o chefe da caravana. – Vejo que tu és um ladrão e não mais farás parte de minha comitiva.

Com gesto imperioso ordenou que carregassem de novo os camelos.

Marsaint ia castigar sua insolência, mas a prudência conteve-o.

De que servia puxar de sua carabina e estender mortos a seus pés os dois cúmplices e caluniadores? Mas viu que a sua posição era mais difícil do que a princípio supusera.

Quando viu que os homens da caravana obedeciam ao armênio e percebeu que o olhavam como um ente vil, não se conteve e avançou.

– Vais pagar-me o insulto e bem assim a traição, pois bem vejo que estás em inteligência com aquele beduíno, acabo de vê-lo passar-te entre as mãos algumas piastras, fruto de tua baixa conivência.

– Ah! Temos então essa ridícula farsa que os franceses chamam duelo? – respondeu fleumaticamente o oriental.

– Não! Não é um duelo que te proponho, canalha como tu és, não poderias bater-te com o capitão francês Rodolfo Marsaint, ouves?

Durante este diálogo a caravana estava pronta e esperava um sinal do chefe para partir.

Este percebeu o que queriam os seus e acenou que seguissem.

– Fica-te com o diabo, estrangeiro ladrão, cão do ocidente, não mereces a nossa companhia.

Enquanto isto dizia, o árabe, cavalgando o animal de Marsaint e puxando pela rédea o jumento, já se tinha afastado com presteza.

– Morre! – gritou Marsaint, disparando a arma.

O armênio, que estava montado em excelente cavalgadura, inclinou-se na sela, escapando assim ao tiro, e partiu a galope.

Rodolfo disparou segunda vez.

– Dessa vez o projétil parece que o feriu ligeiramente, pois o seu alvo albornoz tingiu-se de vermelho.

– Oh! Horror! – exclamou Judite, pálida e trêmula, puxando o braço de seu pai, que empunhava ainda a arma fumegante.

– Judite! – disse Marsaint, voltando-se e abraçando-a. – Eis a que estamos reduzidos nesta hora. Isolados no meio de uma planície solitária, sem animais nem víveres, expostos além disso aos ataques desses árabes beduínos e, em suma, aos dentes das feras, pois que não me resta mais uma só bala nesta carabina.

– A Madona há de condoer-se de sua filha – respondeu a moça.

– Tens razão minha filha, chamemo-la em nosso auxílio, primeiramente, e depois veremos o que nos resta fazer.

Amanda, desorientada com o que acabava de ver, passeava de um para outro lado, com as mãos à cabeça.

– Senta-te aqui – disse o solícito capitão, designando à moça um improvisado leito que fizera com seu capote.

Impassivelmente a moça obedeceu, mas, ao inclinar-se, Amanda, adivinhando sua intenção, correria a amparar-lhe a delicada cabeça.

Judite, cansada de estar sentada, deitara-se tendo por travesseiro o regaço de sua aia, que, com suas mãos enrugadas, alisava os anéis dos cabelos da jovem adormecida.

Mudo e impassível, o capitão fitava o firmamento em todos os sentidos; seus olhos brilhantes de desespero pretendiam descobrir, ora em leste ora em oeste, um ponto que lhe pressagiasse a aproximação de socorro.

Nada! Oh! Nada se divisava em derredor!

A planície onde se achava, pitoresca aos albores da manhã, nessa hora solitária, tinha o que quer que fosse de lúgubre que aterrorizava os corações.

Entretanto não era noite ainda.

Estava claro ainda, claro como o dia primeiro, aquele em que o Eterno dissera o *fiat lux* e que escureceu as almas dos homens desde o primeiro pecado.

De repente uma nuvem escura passou no céu, deixando, em sua marcha, outras como flocos de neve, misturadas de púrpura e ouro.

Em lugar de adiantar-se a noite, parou em seu curso.

Era uma aurora boreal.

A cena iluminara-se com os últimos arrancos do dia.

Rodolfo Marsaint contemplou extasiado aquela soberba vista, lançando um olhar para onde estava Judite, e, vendo que ela dormia, disse a Amanda:

– Se estivéssemos próximo a uma povoação, seria agora a hora em que o campanário nos convidaria a recitar o *Angelus*¹⁹⁴. Nesta vasta solidão, talvez que pela primeira vez¹⁹⁵ ressoe aqui essa bela saudação do anjo à Madona. Ela estimaria se a ouvisse dos lábios de sua filha, mas a pobrezinha dorme e não a quero acordar.

O capitão falava com volubilidade incrível.

De tempos a tempos enfiava os dedos pelos cabelos, como faz o homem quando presa do mais cruel desespero.

Ali, naquela posição desesperada em que se achava o valente francês, pôr-se com tais divagações parecia estranho.

Amanda encarava-o, tremendo; seria possível que mais esse infortúnio os perseguisse! O capitão Rodolfo enlouqueceria!

Ao notar a atitude estranha de Marsaint, seus lábios vermelhos

¹⁹⁴ Tradição católica iniciada no século XIII, o *Angelus* é uma oração recitada em recordação do mistério da encarnação três vezes ao dia: às 6 horas da manhã, ao meio-dia e às 18 horas, momento em que é tocado o sino das igrejas.

¹⁹⁵ No original está “vel”.

de febre e o brilho extraordinário de seu olhar, a aia não duvidou de que assim fosse.

Havia duas horas que Rodolfo estava naquela excitação, notara-o Amanda, desde o momento em que fora caluniado pelo árabe e a cuja injúria não pudera responder satisfatoriamente.

Suas apreensões aumentaram quando ouviu dizer-lhe:

– Vicissitudes da vida! Por que não devia eu passar por elas, quando todos os escolhidos de Deus passam? Assombrosa foi a minha vida, assombrosa será a minha morte. Não vos censuro que, como os mais, me acheis culpado, é lei que rege o mundo, o eco da calúnia se repercutir com terrorosa¹⁹⁶ velocidade. Nascer, sofrer, morrer, eis meu ser, este mesmo que hoje vai povoar a região sobreposta sobre a cabeça dos caluniadores! Verdades! Oremos! Eu te suplico, neste momento, não com a humildade hipócrita dos joelhos, mas com a das almas.

Amanda, supondo-o louco, disparou a soluçar desesperadamente, sem se lembrar que poderia acordar Judite.

O fenômeno havia terminado.

A noite descia rapidamente e um bando de aves noturnas, voltejando sobre as cabeças dos abandonados romeiros, aumentava mais a crescente desolação que reinava ali.

Amanda achava-se em difícil situação. Não queria perturbar o sono de sua querida ama e, ao mesmo tempo, temia ficar só, naquela fúnebre solidão, pois que não contava mais com a companhia de Marsaint, a quem julgou subitamente atacado de loucura.

Tinha razão a pobre mulher, se do céu não lhes viesse um socorro, teria ela de presenciar a morte de seus amos?

Era provável assim supor, porque o capitão endoidecera. Judite, cujo sono se prolongava, fazia-a assim prever o desenlace daquela pavorosa cena.

Sem, todavia, supor o que fazia, fitou atentamente um ponto.

Não tardou que visse uma massa negra adiantar-se apressadamente.

Amanda soltou um grito de alegria e ia levantar-se quando percebeu que tinha no regaço uma gentil cabeça.

¹⁹⁶ Aterrorizante.

Quis chamar o capitão, mas, lembrando-se de que ele não estava em si, dominou sua impaciência que, quanto mais refreada, tornava-se maior.

Entretanto, tranquilizou-se um pouco ouvindo estas palavras de Rodolfo:

– Oh! Um socorro! Veja, Amanda! Mas será uma caravana de gente boa ou de árabes beduínos? Na segunda hipótese, melhor seria não nos vir ao encontro.

Enquanto falava, os viajantes aproximavam-se a galope e em breve postaram-se admirados diante do estranho grupo.

– Deus meu! – clamou o capitão voltando-se para a aia. – Bem o temia, são yezidas¹⁹⁷, os temíveis montanhese de Sinjar¹⁹⁸, que atacam as caravanas e torturam os muçulmanos, porém mostram alguma bondade para os cristãos...

– Oh! – gemeu a aia – Que terríveis companheiros os nossos de hoje!

Nesse ínterim o capitão dirigiu-se ao homem que os comandava e ofereceu-lhe algumas piastras, para tomá-los em sua comitiva, não se esquecendo que eram cristãos.

– Mentos! Raya¹⁹⁹! – bradou o chefe da caravana. – Que prova me dás disso? Pensas que nos enganas! Aonde ias levar essa formosa *hourí* que roubastes?

– Juro-o que não a roubei – respondeu raivoso Rodolfo. – É minha filha e sua aia.

Dois dos yezidas olharam-se admirados.

– Procuremos razões ou matemo-los? – perguntou um montanhês de Sinjar.

¹⁹⁷ Os yezidas são membros de uma comunidade étnico-religiosa curda, cuja maioria vive no norte do Iraque. A grafia tem inúmeras variantes: yazidis, iazidis, yezidis, êzidis ou yazdanis

¹⁹⁸ No original está “Sindjar”. Com várias grafias, incluindo Shingal, Shiggor e Shingar, Sinjar é o nome de uma província e de uma cidade do norte do atual Iraque.

¹⁹⁹ Não encontramos tradução para esse termo.

– Silêncio! – ordenou o primeiro que falara. – A *hourí* dorme. Afastemo-nos deles.

Os dois apearam-se e afastaram-se um pouco do grupo, acenando com a mão a Marsaint, que correu a seu encontro.

Dois minutos de colóquio abrandou o sanguinário ódio que os yezidas votavam aos muçulmanos.

Os yezidas, convencidos do que lhes dissera o capitão, consentiram em conduzi-los à próxima vila.

Rodolfo correu para Judite, acordou-a, dizendo-lhe:

– Venha, filha, chegou-nos neste momento o socorro que pedimos. É uma caravana amiga.

A moça ergueu-se logo e, envolvendo-se no seu manto, seguiu seu pai, que estava em dificuldades para encontrar-lhe cavalgadura.

Por fim achou um ótimo animal em que Marsaint montou-a com Amanda, depois de ter encontrado a custo outro para si.

Os yezidas nômades caminhavam a galope, a fim de acamparem antes de muito adiantada a noite.

Os formosos cabelos de Judite tinham-se desprendido e envolviam-na como um manto de ouro.

– Tens uma linda filha – disse um dos nômades ao capitão –, por que não a vendes a algum paxá? Olha, eu sei de um em Janina que ta compraria por uma boa soma, se queres faço para ti o negócio.

– Oh! – respondeu horrorizado o pai de Judite. – Nós os cristãos não vendemos mulheres!

O yezida calou-se e daí a pouco murmurava ao ouvido do seu companheiro.

– Ao atravessar o rio, matemo-lo e atiremo-lo na água e venderemos depois a filha com a sua companheira.

– Seja – tornou o odioso homem –, mas temos então que caminhar, pois só chegaremos ao rio pela madrugada.

Marsaint ouvira todo este diálogo e estremeceu ao pensar no que pretendiam aqueles miseráveis.

Assentou um plano e pô-lo imediatamente em prática.

Como é de uso, os cavaleiros caminham em massa compacta, e fácil era, de noite escura, como então era, escaparem-se os fugitivos sem que os yezidas percebessem.

Ouviu nesse instante os nômades falarem que encontrariam em sua passagem a habitação de um eremita.

No auge da alegria, o capitão esperou que divisasse esse refúgio para fugir, pois não era possível, se conseguisse escapar aos terríveis companheiros, passar a noite no campo, sem arma alguma.

Deu parte de seu plano a Judite e Amanda, que caminhavam ao lado dele.

Ao avistarem a luz que indicava a presença da morada do eremita, deixaram os animais carregarem para a retaguarda da caravana e saíram dela sem que os nômades percebessem, pois iam a todo o galope.

Judite e Rodolfo mal os podiam acompanhar.

Minutos depois já estavam longe os ferozes yezidas, e o capitão, sua filha e a aia, em veloz carreira, demandavam a habitação do eremita.

Restava unicamente que eles não dessem pela fuga, porque impreterivelmente voltariam atrás.

Porém, esse receio era infundado.

Marsaint lembrou-se de que os yezidas pretendiam caminhar toda a noite, e só à alvorada é que dariam pela falta de seus prisioneiros.

Durante o trajeto Judite dizia a seu pai:

– Olha, meu pai, enquanto dormia, pedi à Madona que me enviasse socorro, e ela respondeu-me sorrindo que prolongaria mais um pouco o dia.

– Oh! Era a aurora boreal! – respondeu admirado Rodolfo.

– Ah! É verdade! – tornou Judite. – Eu a vi, sonhando.

– Não estavas dormindo – replicou ele –, e sim em um letargo, minha filha.

– Talvez! – disse a moça. – Mas eu vi a Madona.

Tinham chegado à habitação do eremita.

VII

VISITA A UM EREMITA

Judite acabava de pronunciar a última palavra, quando Rodolfo apareceu-se imediatamente à porta de uma casinha solitária no meio da estrada.

– Vem – disse Rodolfo, dando a mão a Judite –, é necessário que aqui pernoitemos, minha filha, não podemos continuar o trajeto sem repousar algumas horas.

A moça hesitava.

– Tenho medo, meu pai – respondeu ela –, quem nos diz que é esta a morada do eremita? Talvez errássemos o caminho e, em vez de abrigo, teremos de haver-nos com essa temível gente.

– Não te assustes – tornou Marsaint –, ouvi distintamente o que diziam os yezidas. Lembra-me que os ouvi dizer aos da caravana: quando avistardes a luz da casa do eremita, voltai à esquerda; é justamente o que fizemos, mas, para tranquilizar-te, tu e Amanda esperarão aqui até que me tenha certificado da veracidade.

Dizendo isto, Marsaint aproximou-se da porta e bateu mansamente.

Nenhum sinal deu a entender que aquela casa era habitada, entretanto à porta da mesma havia uma pequena lâmpada acesa.

Rodolfo renovou sua tentativa.

Desta vez, pareceu-lhe ouvir uma voz branda, que partia do interior da habitação.

Passados alguns momentos, um homem apareceu no limiar da porta, tendo na mão uma luz.

Trajava um hábito negro, de seu pescoço pendiam alguns rosários e bentinhos; um grosso cordão igualmente negro cingia-lhe a cintura.

Estava arcado, e parecia que uma dor profunda o acabrunhava horrivelmente, pois seu semblante enrugado tinha um cunho de visível tristeza.

Foi com voz trêmula e vacilante que o ermitão dirigiu a palavra ao desconhecido que chegara.

– Que quereis de mim? – interrogou ele a Rodolfo.

– Que nos deis uma pousada – respondeu o capitão.

Ao som daquela voz, o eremita perturbou-se. Lembrava-se de já tê-la ouvido; contudo prosseguiu:

– Sois francês, já o vejo, cumpre-me, portanto, desviar de vós qualquer suspeita. Podeis entrar.

E abriu de todo a porta da habitação.

– Não venho só – apressou-se Rodolfo em acrescentar –, trago em minha companhia minha filha e sua aia: vou chamá-las.

Não era preciso porém, Judite e Amanda já se haviam aproximado, e entraram todos na casinha.

Tinha esta um mau aspecto.

Uma pequena sala, frouxamente alumada por uma lâmpada, não tinha por mobília mais do que dois bancos de madeira e um leito miserável. Um reposteiro negro pendia da pequena janela e porta.

Judite e Amanda, ao transporem a porta, recuaram horrorizadas.

Realmente aquela habitação parecia um túmulo.

Vendo-as fugir, o eremita aproximou-se de Marsaint e disse-lhe algumas palavras ao ouvido, feito o que desapareceu por uma estreita portinha do fundo.

Ficando a sós, Rodolfo convidou Judite a repousar um pouco, acrescentando que o eremita cedera-lhe o seu leito.

A moça, aterrorizada, nem pensava em descansar, sentia-se sufocada sob aquele teto.

– Não, meu pai – disse ela recuando –, não quero pernoitar aqui, dir-se-ia que esta morada não pertence aos vivos.

– Ouve-me, Judite – disse o capitão –, não creias em coisas sobrenaturais, eu te peço, mas, já que este lugar te horroriza, proponho-te que repouses um pouco, enquanto eu e Amanda vigiaremos teu sono, até que amanheça o dia para pormo-nos a caminho.

– Vou fazer-lhe a vontade, meu pai, mas declaro-lhe que me será impossível conciliar o sono.

Nesse momento o eremita penetrava de novo na saleta.

Trouxera consigo uma cadeira baixa já em adiantado estado de uso, que colocara junto ao capitão.

– Conversemos – disse ele –, há muito que eu não falo a viventes, tenho sede de amizade; contai-me como vos achais aqui neste deserto, a tão adiantada hora da noite?

Rodolfo expôs ao eremita o que acabava de suceder.

– Bem – tornou o religioso –, sois então romeiros. Logo que amanheça o dia, visto haverdes pernoitado em minha solidão, nada vos acontecerá: graças ao verdadeiro Deus, esta morada é sagrada, nenhum beduíno, árabe, jamais ousou perturbar-me e até consideram-na como um poderoso refúgio.

Estava neste ponto de conversação, quando a lâmpada, após haver bruxuleado alguns minutos, deixou-os em profundas trevas.

O eremita levantara-se a fim de acendê-la de novo.

Judite aconchegara-se a Amanda e tremia como uma folha impelida pela ventania.

A carinhosa mulher beijava-a com efusão, acalmando-a.

A moça, porém, sentia-se desfalecer. Para ela, que, desde seu nascimento, nunca sofrera a menor contrariedade, não podia suportar o peso de tantos perigosos incidentes que a tinham perseguido desde que chegara ao Oriente.

– Coragem, minha menina – balbuciou Amanda, que também já tremia de medo.

Entretanto o eremita não voltava com a luz.

– Sr. capitão – gemeu Amanda –, acuda! A filha da Madona está fria como neve!

– Oh! – gritou Rodolfo, erguendo-se de um salto. – Que infortúnio pesa sobre minha cabeça!

E, vacilando, procurava, apoiando-se à parede, encontrar a portinha por onde entrara o eremita, a fim de buscar luz.

Ao cabo de alguns momentos, o capitão encontrou o lugar desejado, mas, ao transpô-lo, esbarrou num corpo.

Conquanto não fosse medroso, sentiu o sangue gelar-se nas veias!

– Judite tem razão – murmurou ele –, parece que é mesmo uma habitação mal-assombrada.

Era horrível sua situação, não sabia se chamar Amanda, pois temia amedrontá-la, ou se esperar indefinidamente.

Felizmente o estado das coisas não se prolongou; o eremita, que apenas se achava desacordado, moveu-se e imediatamente pôs-se em pé.

Vacilando, ele ia apoiar-se à parede, quando Rodolfo, que se achava junto dele, recuou assustado.

– Nada tema – balbuciou o eremita –, fui acometido de uma vertigem; esperai, que eu vou acender luz.

Passados alguns momentos, tudo estava claro, tão claro que os dois se reconheceram.

– O muçulmano de Istambul! – exclamou Rodolfo.

– O capitão francês! – repetiu o solitário como um eco.

– Sim, sou eu mesmo – tornou Marsaint. – Mas que coincidência! Não vos julgava convertido! Perdoai-me, irmão, mas deixemos por ora este assunto, preciso tranquilizar minha filha.

– Pois bem – respondeu o eremita –, vou deixá-los.

– Não, pelo contrário, espera um pouco.

Dito o que Rodolfo expôs a Judite quem era o ermitão que os agasalhara.

– Oh! – exclamou Judite mais tranquila. – Que felicidade tornar eu a vê-lo!

O ermitão aproximara-se de Judite e caíra de joelhos.

– Sim, formosa *hourî* celestial. Visitei a basílica dos cristãos e, ao verificar a semelhança das feições da mãe de Alá com as vossas, tornei-me cristão! E não foi só isso! A dor que me acabrunhava de ter eu prometido a Alá de reparar o mal que fizera antigamente fez com que o meu coração, tão duro, cedesse; e eu, convencido da superioridade de vossa religião, procurei torturar-me fugindo do teatro de meus passados crimes. Entendi que, para reconciliar-me com Deus, era necessário provações; eis por que, desde o momento que vós, com uma voz tão doce, me ensinastes a ser bom, intercedendo por mim,

quando eu ia trair o campo inimigo, tornei-me do pérfido Aziz-hein um solitário servidor do Deus dos cristãos.

Amanda ouvia-o atentamente.

– Erguei-vos – disse-lhe Judite –, já me basta o extremo prazer de tornar cristão a um mouro e de encontrá-lo em boas graças com Deus.

– Não – prosseguiu Aziz-hein –, é nesta posição que se deve falar com os enviados do céu.

– Estais em erro – interveio sorrindo o capitão. – Judite é como vós, uma filha espiritual da Madona, e a sua semelhança com ela é apenas um fenômeno, cuja causa ignoramos.

– Para mostrar-vos que sou uma criatura como vós – tornou Judite com um sorriso encantador –, vos digo que necessito de algum alimento.

– Boa ideia – acudiu o capitão, que desejava pôr termo à conversa.

– Vou já buscar o que possuo, que é bem pouco. Desculpar-me-ão a má hospitalidade que lhes faço.

Pouco depois, os nossos viajantes ceavam.

Constava a ceia de pão, vinho e um saboroso requeijão.

Enquanto ceavam alegremente os três, o ermitão tratava de arranjar-lhes os leitos, com algumas peles de animais.

Terminada a ceia, o eremita conduziu-os a seus leitos.

O sol já estava alto no dia seguinte quando Marsaint montava sua cavalgadura, a fim de continuar sua jornada.

Quando os viandantes desapareceram na floresta, o eremita, deixando rolar duas lágrimas pelas faces encovadas, entrou tristemente na solitária habitação.

VIII

A FLOR DA PAIXÃO²⁰⁰

Transportemos nossos leitores a Jerusalém.

Numa vasta colina, situada a pouca distância da cidade santa, havia grande afluência de romeiros de todas nacionalidades que, em piedosa peregrinação, vinham às vezes de um continente a outro.

Nessa época, maior que nunca eram as crenças religiosas.

Brilantemente iluminada pelo luar toda colina, cheia de milhares de pessoas, tinha essa esplêndida vista como que alguma coisa de etéreo.

Preparava-se uma espécie de presepe²⁰¹. Os guardas do jardim das Oliveiras haviam organizado uma pequena festa para maior abrilhantar o horto, já de si tão delicioso, se a tristeza não estivesse em derredor dessa colina.

Getsêmani²⁰², na acepção da palavra, não é um jardim como o entendemos nós; é um lugar tranquilo e verdejante na primavera, ornado das mais lindas flores agrestes, tal como devia ser o paraíso terreal.

Em vez da árvore da ciência e da vida, havia a árvore da cruz, consequência da desobediência dos homens. Como a morada deliciosa banhada pelo Tigre e o Eufrates²⁰³, o jardim das Oliveiras era habitado.

Expliquemos.

Exposta estava à contemplação dos peregrinos uma imensa e magnífica tela representando ao vivo *A noite do Calvário*.

²⁰⁰ A Flor da Paixão é a flor do maracujá, que é chamado de *passion fruit* na Europa. Sua flor, desde a Idade Média, é tomada como símbolo da *paixão de Cristo*, isto é, o período entre a última ceia e sua morte na cruz.

²⁰¹ O mesmo que presépio.

²⁰² Getsêmani é o nome do jardim situado no sopé do Monte das Oliveiras, em Jerusalém, denominado Jardim das Oliveiras. Na tradição cristã, é o local onde Jesus e seus discípulos oraram na noite anterior à crucificação de Jesus.

²⁰³ No original está Tibre. Embora haja o Rio Tibre, na Itália, as autoras estão falando dos dois rios, Tigre e Eufrates, que banham a antiga Mesopotâmia, hoje Iraque, Kuwait e parte da Síria.

Um pintor judeu contemporâneo e, quiçá, testemunha ocular da tremenda tragédia do Gólgota²⁰⁴ reproduzira, havia muitos séculos, essa maravilha que hoje ninguém sabe onde para.

Contemplemo-la de perto.

Sobre um elevado monte, ergue-se uma cruz alta, tendo, de cada lado, duas outras menores.

Na primeira está pregado o Nazareno, macilento, coberto de chagas, cujo sangue jorra até a terra.

Com a cabeça inclinada sobre o peito, o seu rosto, formoso ainda, apesar do palor da morte, respira amor.

Parece que de sua boca semiaberta ainda se ouve, como que num sopro, o *consumatus est*²⁰⁵.

No meio das trevas, veem-se²⁰⁶ duas lanternas, pendentes dos braços da cruz: tão semelhante é a sua cor avermelhada; que se dirão iluminar. Um clarão avermelhado parece partir das luzes da lanterna.

Mudos e quedos, dois guardas dos tiranos juízes estão postados perto do patíbulo.

Seus rostos estão tão claramente pintados que um fisionomista poderia neles ler o caráter dos dois.

Ambos olham indiferentes para a vítima exangue como duas sentinelas firmes em seus postos.

Nos pés da cruz está a Mãe de Jesus.

Pálida e vacilante, ela inclina-se brandamente sobre o ombro de uma das Marias, quase tombando.

A seu lado, o discípulo amado leva a mão ao coração, como que tentando arrancar a espada de dor que o magoa.

Seu rosto exprime, ao mesmo tempo, calma e a mais profunda das dores.

²⁰⁴ Gólgota ou Calvário é a colina, próxima a Jerusalém, onde Jesus foi crucificado.

²⁰⁵ Últimas palavras de Jesus, na cruz, antes de sua morte, em latim: “Tudo está consumado”, “Tudo está cumprido” ou “Está feito”.

²⁰⁶ No original está “vê-se”.

Ao longe, divisa-se o pretório e o palácio de Pilatos²⁰⁷ brilhantemente iluminado.

De uma das janelas distingue-se o vulto do infeliz político que aponta para o calvário, mostrando aos príncipes e às turbas que ele é amigo de César.

Nuvens negras formam uma auréola em derredor da cruz.

Uma das lanternas inclina-se, como impelida pelo vento.

Diante da esplêndida tela, milhares de romeiros, de joelhos em terra, choram, banhando com suas lágrimas a terra que outrora fora banhada pelo sangue de Cristo – Deus.

No declive, há uma espécie de feira-santa, onde os romeiros trocam as relíquias desses santos lugares.

Há aí uma enorme cesta juncada de formosas flores roxas, que os fiéis intitularam *Flor da Paixão*.

É pelo merecimento dessas flores santas que muitos romeiros caminham milhares de léguas; dizem que goza²⁰⁸ da propriedade de quem a possui exalar o último suspiro, rodeado de todos a quem ama.

É para esse lugar esplendidamente formoso que se dirigiram nossos personagens.

Ouçamos o diálogo travado entre um grupo de romeiros.

– Dou cinquenta sequins – disse Roberto ao ermitão que distribuía as famosas flores.

– Não; é impossível ceder-lhe mais de uma, o irmão e vós já a possuís, seríamos culpados se, para vos contentar, deixássemos esses pobres peregrinos que já andaram tanto voltarem sem a flor desejada.

– Mas têm eles outras mil relíquias! Ignorais talvez a causa que me obriga a insistir.

– Pelo amor de Deus – disse uma voz sonora que partia de trás do espesso grupo formado em torno do monge.

²⁰⁷ Pôncio Pilatos (12 a.C.-39 d.C.), governador da Judeia entre 26 e 36 d.C., famoso por não intervir (“lavar as mãos”) no julgamento de Jesus Cristo.

²⁰⁸ No original está “gozam”.

– Oh! Pediste em boa sombra, mas é impossível, irmã. Dizei-me ao menos para que quereis duas?

– Porque não desejo morrer sem ver minha filha! – respondeu a mesma voz, que era a de Raquel.

– Pois já não basta a que ganhou vosso esposo, mulher?

– Sim – balbuciou a antiga sultana –, mas a dele é para reuni-lo aos seus, e eu quero fazê-lo aos meus.

– Lógica de mulher – murmurou baixinho o monge –, o melhor é despachá-los – e, dirigindo-se a Raquel:

– Aqui tendes um botãozinho, irmã, quando abrir a flor tereis achado vossa filha.

E, dizendo o que, o monge sorriu-se benevolmente.

Nada mais tinham Roberto e Raquel que fazer, já haviam examinado a formosa tela, diante da qual a judia fizera prolongada prece. Restava-lhes visitar a Tebaida²⁰⁹, essa região admiravelmente bela e donde se contam tão lindas lendas religiosas.

O capitão Roberto voltava de sua peregrinação quando, ao transpor o declive que ia penetrar na estrada, encontrou uma mulher que gritava em altas vozes, por não ter podido conseguir uma flor.

Como era seu costume, Raquel ia consolá-la, mas a mulher, olhando-a e a Roberto com insistência, exclamou admirada:

– Será possível que sejam eles!

O capitão e sua mulher procuraram lembrar-se de onde conheciam aquela egípcia que assim falava; não encontrando reminiscência, Roberto disse-lhe com bondade:

– Deixa-nos passar, boa mulher, enganai-vos, por certo.

– O quê! – tornou ela. – O Príncipe Negro e Raquel não mais conhecem a velha Aniceta?

Por única resposta, Raquel lançou-se nos braços da vivandeira, e ambas conservaram-se longo tempo abraçadas.

– Aniceta! Pois sois vós? – interrogou Roberto na maior admiração. – Como vos tornastes desta cor?

²⁰⁹ Região do Egito.

– Oh! Oh! É uma história curiosa a minha, mais tarde contá-la-ei a ambos, porque tenho mesmo que vos dar conta da missão que tão mal desempenhei – respondeu envergonhada a velha mulher.

– Não podíeis mudar o destino – tornou Raquel –, estava escrito que assim aconteceria, curvo-me à vontade de Deus e aos seus divinos decretos, respeitando os arcanos da Divindade.

– A minha flor começa a produzir efeito, agora esperemos que o teu botão também o faça – disse alegremente Roberto. – Vamos, que podem nos tomar a pousada.

Tomando o braço de sua mulher, seguiram caminho seguidos de Aniceta, que os acompanhava radiante de alegria por ter achado seus antigos amigos.

IX

O REI DO MAR VERMELHO

Voltando à locanda em que se alojaram, e que tinha o mesmo aspecto daquela em que nascera o Filho de Deus, o Príncipe Negro e Raquel tratavam de pôr-se noutro dia a caminho.

Toda a noite levava-a Aniceta a referir-lhes as suas aventuras desde o momento em que se ausentara da tenda de Roberto, conduzindo sua pequenina filha, até o ponto de encontrar-se naquela tarde com eles, depois de dezoito anos de ausência.

A judia, depois de ouvi-la atentamente, durante muitas horas, acabou por adormecer.

Envergonhadíssima pelo papel que fazia, diante de Roberto e de Raquel, a velha vivandeira teve ímpetos de fugir, mas um poder maior a detinha, era a esperança vaga de que podia ainda encontrar a criança, graças ao talismã que tinham seus pais.

Roberto, que, com a história que Aniceta lhe contara, ficara desanimado, julgou prudente nada dizer a respeito, limitou-se a prometer a Raquel que, na volta, tomariam o caminho que leva a Roma, a fim de certificarem o que lhes dissera a vivandeira.

Ao amanhecer do dia seguinte, o Príncipe Negro cavalgava pela estrada real.

A seu lado iam Raquel e Aniceta, que, por toda parte, chamava a atenção por sua cor e modos extravagantes.

Não é preciso acrescentar em que estado se achavam os nossos viajantes: cada qual mais triste e pensativo, caminhando mudos como autômatos.

De quando em vez, encontravam caravanas que se dirigiam ao interior do país, umas de romeiros, outras de simples mercadores que iam entranhar-se nos confins da Ásia, para regressarem a Constantinopla, com os preciosos produtos.

Ali chegados, despachavam seguidamente embarcações carregadas de marfim, pérolas e os mais esquisitos perfumes que procedem do Oriente.

Entre elas, apareciam de contínuo as caravanas de boêmios ou ciganos, que, como sempre, fazem mesmo em caminho suas múltiplas transações.

Em uma delas, Roberto negociou algumas pérolas e safiras, mais para aceder aos contínuos oferecimentos dos boêmios que por interesse na compra.

A caravana era comandada por um velho de aspecto venerando, um israelita, fiel representante, em seus traços, dos antigos hebreus.

Os boêmios chamavam-no *Rei do Mar Vermelho*.

O seu comando era, entretanto, *in nomini*²¹⁰, pois que o verdadeiro chefe era seu filho, um rapaz amorenado, de estatura gigantesca e de um gênio em extremo violento.

De relance, compradores e vendedores conheciam com que casta de indivíduos tinham de haver-se, e nulas eram as questões que ousavam propor-lhe em seus negócios.

Contudo, não se podia negar que fosse belo, muito belo mesmo, mas a sua selvageria natural escurecia-lhe os encantos com que a natureza aprouve dotar esse nômade.

²¹⁰ Expressão em latim, significando “apenas em nome, mas não efetivamente”.

Neftali, assim se chamava o boêmio israelita, possuía já uma boa fortuna, que adquirira licitamente, digamos de passagem.

A sua irritabilidade de caráter não excluía a lealdade e honradez que possuía, ao mesmo tempo que duas ametistas ou pérolas negras ocupavam-lhe o lugar dos olhos. Em suma, a beleza de Neftali era como uma flor na cratera de um vulcão.

Para fazerem a venda a Roberto, a caravana dirigida pelo *Rei do Mar Vermelho* descarregara por alguns momentos: e não era só por isso, uma nuvem negra anunciava uma iminente tempestade, tão temível nessa perigosa estrada.

Durante a negociação, o velho israelita não cessava de mirar a judia, quase com impertinência; dir-se-ia que se recordava de tê-la visto.

Terminado o negócio, Roberto, após haver dado algumas piastras ao boêmio, continuou sua marcha.

Não tinham andado ainda muitas milhas, quando Raquel manifestou o desejo de repousar.

Fora atendida; momentos depois, descansavam tranquilamente à sombra de frondosas oliveiras.

Quanto aos boêmios, enganados pelo prenúncio de trovoadas, estavam acampados onde os deixara Roberto, que, como dissemos, distava pouco do lugar em que este se achava.

Em derredor da tenda improvisada, com folhas de palmeiras, estavam reunidos todos os do bando.

No centro da mesma, ardia uma viva fogueira.

Com a cabeça apoiada nas mãos, o *Rei do Mar Vermelho* meditava, longe dos mais ciganos.

A sua ausência, porém, fora notada pelo imponente mancebo, que, apesar de irascível, tinha pronunciado amor filial.

– O que estás fazendo? – interrogou ele, chegando-se de manso.

O velho voltou-se vivamente.

– Eu penso! E, já que vieste aqui, ouve-me! O que de algum tempo para cá estou aflito para dizer-te, é chegado o momento.

Neftali aproximou-se do judeu.

– Note, pai, que a tempestade pode surpreender-nos longe de abrigo.

– A tempestade! Tenho-a eu no coração – respondeu com tristeza o velho.

– Oh! Como não o tinha notado eu, até então.

– Porque ela data de muito pouco, solícito filho, ou antes reviveu há pouco.

– Queira contar-me o que o magoa, pai, talvez eu possa aliviar a causa dela.

– É justamente o que vou revelar-te, que é sua causa.

– Oh! Dizei-me depressa, pai, essa nuvem que lhe ofusca a alegria faz o mesmo a mim.

– Vou explicar-me: há muitos anos que eu roubei a meus compatriotas uma formosa moça, que era todo seu encanto. Mas perdoa-me, filho, nessa época, eu era mui pobre e, para alimentar a mim, a tua mãe e a ti, era necessário que lançasse mão de algum meio rendoso: eu fui louco! Julgava que era esse o melhor.

O mancebo enrugou a testa.

– Compaixão! – exclamou o velho. – Eu vou morrer!

– Não – interveio Neftali –, não é chegado ainda o momento, o que o faz assim supor é apenas a dor com que me está narrando...

– E por que dizes que não é chegada a hora?

– Porque eu o teria percebido – respondeu o moço com convicção.

– Continuo – disse o velho. – Roubei a moça e a vendi vilmente a uns bambinos, do primeiro bando que encontrei. Pouco tempo depois, soube que seus pais haviam caído na miséria, por terem gasto imensa soma na procura da rapariga. Eis, meu filho, duas más ações.

– Esqueçamos o passado, pai, o futuro nos sorri; somos felizes, ricos, que nos falta? Uma estrela me guia, e diz-me ela, em sua muda confiança, que eu serei o homem mais rico do Oriente.

– Do Oriente! Sim, é verdade o que te diz tua estrela, mas promete-me uma coisa! Uma só! Quicá a última que me prometerás!

O moço estava enternecido.

– Sim, *Rei do Mar Vermelho*, eu to prometo.

– Filho abençoado – tornou o judeu –, o que sai de bom sangue é bom sangue! Vou confiar-te um segredo!

– Oh! Um segredo!

– Sim, e complicadas são as causas que me obrigam a guardá-lo há tanto tempo!

– Eu o escuto – respondeu Neftali.

– Mais tarde eu to direi, filho; ouve primeiro o pedido que te faço: não crerás em tua estrela, em parte, entretanto, ela é bem verdadeira!...

– E por que o fazer? Oh! Eu impaciento-me de ignorar...

– Criança! Tem coragem! Crerás nela! Mas promete-me que... – Uma rajada de vento impelia com força a ramagem que cobria a tenda.

– Vês? – disse o moço. – A tempestade abrevia-se.

– E eu faço outro tanto – respondeu o velho. – Promete-me que todo o dinheiro que obtiveres de mim, tu o darás a uma judia...

O velho chorava.

– Onde a encontrarei?

– Segui-la-ás? Ela acaba de sair daqui! Quero que solicites para mim o seu perdão, e a toda minha raça, que certamente estará coberta de maldições!! Este é o pedido; quanto ao segredo...

– Neftali! Neftali! – gritou uma voz em torno deles. – O pequeno Abouzil caiu no barranco!

O mancebo de um salto transpôs a passagem da tenda.

O judeu seguiu-o correndo ao lugar indicado.

Já todos da caravana achavam-se no lugar do sinistro, procurando salvar a criança, quando a chuva desabou em torrentes, entrecortada de coriscos que, de instante a instante, descreviam no céu círculos de fogo.

Entretanto, o salvar a inocente era quase impossível.

A umidade oculta sob a vegetação enganara a criança, que, passando o fatal solo, desabara de imensa altura.

Subitamente, um raio fuzilou no espaço e veio cair por sobre as cabeças reunidas na beira do abismo.

Ouviu-se um grito medonho!

Uma árvore caíra com a ventania, esmagando o velho israelita.

Seu filho, que se achava a poucos passos, também fora oprimido, mas, felizmente, pelos ramos da coroa.

Alguns mercadores estavam mortos, vítimas da fâsca elétrica, outros apenas feridos: finalmente alguns haviam desaparecido no buraco, túmulo do infeliz e travesso Abouzil.

– Pai! Pai! – exclamou dolorosamente Neftali, erguendo-se são e salvo.

Um gemido foi a resposta.

O mancebo correu para o israelita e amparava-lhe a cabeça.

– É inútil socorrer-me, filho. Não te havia eu dito que a morte se aproximava, para que não me apressei eu? Vês esta cadeia²¹¹? – prosseguiu ele, mostrando-a ao filho. – Apertando aqui, neste elo, ela abre e... segue a...

O velho deixou cair a cabeça, agonizante.

– Continuai, pai, eu te peço.

– Oh! Não... posso... morro...

O velho cerrou os queixos, fez um último esforço para falar e estorceu-se, lançando sangue pela boca.

Neftali deu um grito doloroso e caiu com a face em terra.

O judeu estava morto.

No outro dia, Neftali reparou os estragos da sua caravana e, após haver sepultado o *Rei do Mar Vermelho* e seus súditos, deixou a planície, soluçando²¹² desesperadamente.

Desta vez o resto da caravana ia quase que a galope.

Neftali cumpria o que lhe pedira seu pai.

Ia no encalço da judia, que o precedia apenas algumas milhas.

Tinha andado seguramente três milhas, quando deparou com uma locanda.

Ansioso, o boêmio dirigiu-se ao locandeiro e interrogou-o.

A resposta fora afirmativa.

²¹¹ Um dos significados pouco utilizados de *cadeia*: corrente de anéis ou de elos de metal; colar.

²¹² No original está “soluando”.

– Com efeito – lhe diz o estalajadeiro –, as pessoas que procurais estiveram aqui, mas unicamente para tomar alguma coisa, feito o que, partiram.

– Não saberás para onde foram? – inquiriu Neftali.

– Se não me engano – respondeu o homem –, foi para a Tebaida que se dirigiram.

– Aqui tem uma gorjeta pela boa nova – disse o boêmio, passando para as mãos do locandeiro uma moeda, e partiu a todo o galope, deixando admirado e boquiaberto o locandeiro.

Deixemos Neftali e voltemos a Roberto e Raquel.

O locandeiro dissera a verdade.

Havendo sabido por uma caravana, vinda de Salonica, que os pais de Raquel de há muito haviam morrido, tinham-se encaminhado resolutamente para aquela montanha.

Ao cair da noite é que chegaram, depois de muitos dias de forçada marcha.

Muito raras habitações aí há, e a distância imensa umas das outras.

Tendo errado o caminho, Roberto, Raquel e Aniceta, mortos de fadigas, nunca mais acertavam com uma das moradas dos cenobitas.

A noite ia alta, quando os três pararam à porta de uma dessas guaridas hospitaleiras, pequena quase como um tonel.

O cenobita que a habitava disse-lhes que já tinha hospedado um ermitão e que pouco espaço restava.

Porém abrigou-os.

Ao penetrar na morada, a primeira pessoa que viram foi o eremita de que lhes falara o solitário.

Sentado junto da mesa, à luz da lâmpada que iluminava a saleta, estava o hóspede; tira o seu barrete negro, e o semblante respirava alegria e tranquilidade de consciência.

Ao avistá-lo, Raquel, que se apoiava em Aniceta, exclamou horrorizada:

– Oh! Aziz-hein! O antigo *emir* de Murah!

– Não! Quem aqui está é Leonardo, o ermitão, respondeu o hóspede com humildade.

Inútil é dizer que vieram, em seguida a este reconhecimento, as explicações.

Pela madrugada, Raquel foi, como costumava, examinar e beijar a flor e o botão, que trouxera de Getsêmani.

Oh! Milagre! O botão abrira.

– Quê! Minha filha aqui está nesta montanha! – exclamou ela, louca de alegria! – Foi esta a profecia do monge de Jerusalém.

Roberto correu ao grito que soltara Raquel e compartilhou com efusão da alegria de achar sua filha.

– Certamente assim devia ser – acrescentou ele. – Nesta montanha habita a caridade e a virtude. Não é de admirar que essa bendita flor aqui abrisse: pois que não representa ela, em seu cálix²¹³, o fruto da inesgotável caridade de Deus para com os homens, reunindo-os? A flor da paixão abriu na montanha da Tebaida.

X

A MONTANHA DA TEBAIDA

Não podemos descrever a alegria extrema que sentiram os pais de Judite.

A judia era extremamente crente para duvidar um só momento do que acabava de suceder.

A *virtude da flor da paixão* fizera com que a Tebaida fosse o lugar do encontro.

Realmente era esse o lugar preferível, pois, habitado como era por anacoretas²¹⁴, podiam Roberto e Raquel mais livremente expandirem-se, além de que, precisavam de satisfações para tomá-la a Rodolfo, o que não era fácil.

²¹³ O mesmo que cálice. Em botânica, é a parte exterior que envolve a flor.

²¹⁴ Monges ou eremitãos cristãos que viviam em retiro e solidão, especialmente nos primórdios do cristianismo, dedicando-se à oração e à escrita de liturgias, a fim de alcançar um estado de graça e pureza de alma pela contemplação.

Por isso, a judia dava tratos à imaginação, perguntando a si própria onde, naquela imensa montanha, poderia estar a moça.

Era cedo ainda; conquanto Raquel se achasse mui fatigada pela prolongada viagem que acabava de fazer, não pôde dominar sua impaciência e pediu a Roberto que a acompanhasse.

– Mas aonde queres te dirigir, mulher? – perguntou-lhe.

– Não posso dizer-te – respondeu Raquel –, mas cumpre que investiguemos. Sei que é quase impossível procurarmos ao acaso, a *flor da paixão* guiará nossos passos, estou certa.

– Para contentar-te, Raquel, bem sabes que sou capaz de tudo! Partamos em direção à habitação de outro eremita, talvez ele possa dar-nos algumas explicações.

– Oh! Quanto eu sou feliz, com todas as angústias que tenho sofrido – murmurou Raquel. – O Cristo, a quem hoje adoro, prodigalizou-me imensos benefícios, um dos quais foi encontrar-te em meu caminho.

– Basta Raquel; o dia hoje não nos pertence, corramos aonde nos manda o dever.

– Sim, corramos. Revolvamos toda a Tebaida.

– Espera aí – respondeu o normando –, vou ordenar que selem nossos animais.

Ditas estas palavras, Roberto deixou a judia entregue à sua meditação.

No momento em que Raquel ia furtivamente beijar a milagrosa flor, que tantas alegrias lhe trouxera, a porta do aposento abriu-se de manso, e a velha Aniceta pôs-se a contemplá-la.

Raquel voltou-se vivamente e, sorrindo-se:

– Oh! Que susto me deu, Aniceta! Venha partilhar comigo a alegria de que estou possuída!

– Como! O que vos há sucedido, formosa princesa?

– A flor da paixão abriu-se! Minha filha vai aparecer – respondeu a judia, apertando ao coração a velha vivandeira.

– Oh! Que honra me dá – tornou Aniceta, limpando o rosto. – Eu não sou digna de vossa amizade, pois fui a causa de seu infortúnio.

– Oh! Não fale assim, minha amiga – disse ternamente a esposa do Príncipe Negro. – Não tens a culpa do que sucedeu. Esqueçamos o passado. O nosso futuro é róseo e brilhante! Vou ver a minha loura filhinha! Que ditosa que sou!

Aniceta estava comovida; todavia não podia entender o que lhe dizia Raquel.

– Oh! Como estais formosa! Contai-me, querida senhora, o que houve de ontem para cá. Eu não vos compreendo.

– Com muito gosto o faço, Aniceta. Eis a decifração de tudo isso, em duas palavras. Roguei fervorosamente a Deus que me dirigisse mecanicamente ao lugar onde estivesse minha filha, caso ela não habitasse em seu reino. Por felicidade, não encontrando uma sagrada flor aberta, o monge que as guarda deu-me um botãozinho, acrescentando: quando este botão abrir vossa filha terá aparecido. E eis que esta madrugada, o dito botão, resguardado dentro de uma caixinha, tornou-se a mais fresca flor, como se estivesse desabrochando de sua haste.

– Quê! Ela vive então! – exclamou por sua vez Aniceta.

– Oh! Eu sou muito feliz!

O diálogo foi interrompido pela chegada do Príncipe Negro.

Aniceta caiu-lhe aos pés, beijando-lhe com efusão a mão.

– Ergue-te – disse-lhe este –, e vai arranjar-te para partirmos neste momento.

– Não, eu estou pronta – balbuciou a vivandeira –, vou ajudar a vestir a bela princesa.

– Bela, eu! – exclamou rindo-se a antiga sultana. – Caçoais comigo! Pois pode-se ser bela quando se tem uma filha moça? Seria tomar-lhe o título.

– É vossa modéstia, querida, sois e sereis a mais formosa israelita que conheço.

– Ela tem razão, Raquel – interveio Roberto –, és ainda muito bela, mas esta questão é secundária, partamos.

À porta do ermitão já estavam os três animais.

Depois de acomodar a judia, o Príncipe Negro saltou na sela, aparelhando o animal a seu lado.

O ermitão chegou à porta.

– Desculpai-nos – disse Raquel, envergonhada –, esqueci-me de vos agradecer...

– Já o fizeram em vosso nome – respondeu o solitário –, e que Deus vos acompanhe.

Roberto deu toda a rédea ao animal, que partiu velozmente.

Efetivamente aquela manhã havia-se mostrado favorável para um encontro.

Aqui e acolá, nuvens alvas deixavam mostrar, no firmamento, pedaços de safiras.

Uma aragem fresca tombava mansamente as folhas das árvores, que pareciam murmurar baixinho o hino da manhã.

Um delicioso aroma, exalado do lírio agreste e das mais sedutoras flores, embalsamava²¹⁵ a atmosfera já de si tão pura.

A gritaria dos insetos alegrava²¹⁶ mais a deliciosa manhã.

O sol não se mostrava inteiramente ainda, limitava-se a beijar mansamente os picos da montanha, mas a pequena vegetação mostrava ainda as preciosas pérolas do orvalho.

Raquel, que há tantos anos tornara-se taciturna, estava, nessa manhã, excessivamente expansiva.

Aniceta não o estava menos.

A cada momento, uma gargalhada da velha mulher estrondava os ares.

– Realmente – dizia ela –, é esta a manhã mais feliz de minha vida.

Deste modo, tinha a pequena caravana andado muitas milhas, sem ressentir-se dos empecilhos da penosa estrada, que melhor se chamaria trilho.

De repente, uma massa alva apareceu ao longe, como que um pedaço de neve.

– Ali está outra habitação de eremita – disse Roberto.

²¹⁵ No original está “embalsamavam”.

²¹⁶ No original está “alegravam”.

Estavam num declive, era necessário muita cautela para descerem-no.

– Tenho ímpetos de deixar-me rolar por este declive para abreviar a marcha – disse Raquel.

– Domina tua impaciência – tornou rindo-se o Príncipe Negro –, não conseguirias o nosso intento se assim procedesses, porque certamente te machucarias e tínhamos de parar a viagem.

– Mas é que eu tenho quase a certeza de ali encontrá-la – respondeu Raquel.

– Oh! Que se sua boca fosse a de um anjo – interveio Aniceta.

– Calemo-nos – disse Roberto –, prestemos atenção, que esta descida é perigosa e os animais, fatigados como estão, podem fraquear.

– Eles são incapazes disso! – respondeu Aniceta com ar burlesco. Roberto e a judia desataram a rir.

– Enfim, eis-nos chegados – acrescentou esta última.

Efetivamente tinham terminado a descida, deram mais alguns passos e pararam à porta de outro anacoreta.

Roberto aproximara-se da portinha e batera.

Como na anterior, um cenobita veio abri-la.

– Que desejais de mim? – inquiriu o mesmo.

– Uma explicação e quiçá mais alguma coisa – respondeu o Príncipe Negro.

– Uma explicação é coisa muito fácil – tornou o anacoreta.

– Obrigado, irmão. Queira então dizer-me se por estes dias não estiveram aqui uns romeiros, entre os quais tinha uma moça.

– Sei – respondeu benevolmente o solitário –, há pouco que aqui os hospedei: falais de um capitão francês que viaja em peregrinação com sua filha e outra mulher, não? Mas entrai, o sol aqui é muito intenso e far-vos-á mal.

– Não, vou já partir – tornou Roberto –, ali está minha mulher e uma serva nossa.

– Não – insistiu o monge. – Não têm o direito em querer ausentar-se tão depressa, porque tenho que lhe dar algumas informações sem o que não podereis ir no encalço de quem procurais.

Ante a insistência, e as razões do cenobita, o Príncipe Negro não podia deixar de atender.

Momentos depois, estavam os três viajantes alojados na casinha ou, antes, cabana do cenobita.

– Agora que já havemos descansado – começou o normando –, podeis ter a bondade de informar-me a respeito do destino que tomaram o capitão e sua família.

– Família! – disse o monge admirado. – Não, não é em companhia de sua família que eu disse, mas simplesmente de sua filha.

– E falastes também em outra mulher, não vos lembrais?

– Sim, mas essa mulher julgo que ocupa o lugar de serva, embora a moça e o capitão a tratem com imensa brandura.

Roberto trocou um olhar de inteligência com Raquel.

Queria dizer essa muda transmissão de pensamento que faziam um papel tresloucado, procurando pessoas que nem sequer conheciam.

A judia pareceu lembrar-se:

– Ah! – tornou ela. – É um capitão que acaba de sair daqui; não há certamente no Oriente um só capitão francês! Como se chamava o que acaba de deixar-vos?

– Não estou lembrado, irmã, como dou a todos o mesmo tratamento, pouco me importe de guardar em memória o seu nome.

– Então queira nos desculpar a maçada – disse Roberto, erguendo-se.

– O que posso responder-lhes é o seguinte – redarguiu o solitário –: que uma caravana composta de três cavaleiros acaba de deixar-me; que partiram para a próxima habitação, em razão de que não pretendem demorar-se mais que o tempo necessário para visitar a montanha. E finalmente que são um cavalheiro e duas damas, uma jovem e outra idosa.

– Ficamos-lhe eternamente gratos – respondeu Roberto. – Mais uma última pergunta. Quanto dista daqui à próxima morada?

– Quase a mesma distância que daqui à do irmão Leonardo.

Raquel soltou um profundo suspiro.

Quê! Pois Aziz-hein, que havia trocado o seu nome pelo de Leonardo, era tão conhecido na Tebaida?

Enquanto a judia raciocinava, o normando fazia outro tanto.

– Admirai-vos de que, irmão?

– De conhecerdes o monge Leonardo – balbuciou Roberto –, pois que ele habita há poucas horas na Tebaida.

– Estás em erro! – disse com força o monge. – É certamente outro de igual nome que acaba de chegar nesta montanha, porque o cenobita Leonardo já de há muito que deixou o resto do mundo para aqui viver.

– Sim, é isso mesmo – disse Raquel a Roberto. – É apenas uma confusão de nome.

E despediram-se todos.

Pouco depois, continuavam a marcha interrompida.

– Como me explicais – perguntou a judia a Roberto, apenas tinha deixado a casinha do cenobita – que Aziz-hein desse o nome de Leonardo, quando o verdadeiro Leonardo era o outro monge.

– É tão simples a coisa que nem vale ocuparmo-nos dela – respondeu Roberto. – Aziz-hein, havendo-se bruscamente encontrado contigo, e querendo fazer-te ver que o antigo *emir* de Murah havia desaparecido, quis tomar um nome cristão e, como sendo turco, não o podia prontamente saber, tomou o de Leonardo, que se achava junto dele e que provavelmente ele já o tinha repetido.

– Falais perfeitamente, príncipe, nem necessitava mais do que raciocinar um pouco para que eu o entendesse.

A este diálogo seguiram-se outros muitos de pouca importância para a narração que fazemos.

Ao cair da tarde, um vento frio começou a açoitar o rosto dos viajantes.

– Estará longe a habitação do outro eremita? – perguntou Aniceta. – Temo que o frio que faz nos impeça de continuar a jornada.

– És advinha – respondeu Raquel –, eis ali a morada de que nos falou o cenobita. É justamente ela. Na base da montanha junto a duas frondosas palmeiras.

E aproximaram-se da casinha.

Desta vez não foi necessário bater.

O monge que a habitava passeava de um para outro lado em frente à porta, recitando uma oração.

Tão entretido estava com seu rosário que não percebera o aparecimento dos viajantes, senão quando os animais rincharam de cansados à sua porta.

– Quê! – murmurou ele. – Alto lá, irmãos, aqui não é hospedaria. Já fiz ver o mesmo a outros cavaleiros que acabam de chegar; tenho a dizer-lhes que Cristo os guie *Ao Coração de Fera*, que dista pouco daqui e que tem uma vasta estribaria²¹⁷; para a animalada que trazeis.

O Príncipe Negro olhou-o admirado, não compreendendo o sentido de suas palavras.

– Não ouviu? Unem-se então aos bandos para a Tebaida em procura de agasalho?

Roberto continuou seu olhar desdenhoso.

– Já o disse, irmão – tornou o irascível monge, abrandando a voz. – O *Coração de Fera* é uma hospedaria muito confortável, mesmo na base de um pico de onde se goza uma bonita vista, e tem muitas comodidades.

Desta vez Roberto compreendeu-o e ia dar rédea ao animal, quando Rodolfo, que por discrição conservava-se no interior da cabana, chegou à janela.

Os dois cruzados reconheceram-se imediatamente.

– O Príncipe Negro aqui!

– Sim, e por motivos justificáveis!

O monge estava nas últimas! Um encontro de seis pessoas que se reconheciam, e ele só no meio daquela gente desconhecida! Se fossem yezidas ou bambinos? Isso ruminava consigo o solitário, sem, todavia, esconder o mau humor de que estava possuído.

– Permitti, piedoso cenobita – disse Rodolfo dirigindo-se ao velho solitário –, que nos apertemos um pouco por esta noite, porque não

²¹⁷ O mesmo que estrebaria: local de recolher cavalos.

posso deixar que meu colega, o cruzado intitulado Príncipe Negro, morra de fadiga até encontrar pousada.

– O Príncipe Negro? Estais mangando comigo! Oh! Quem dera que o fosse esse bravo guerreiro que, todavia, era tão religioso. Mas oh! Dele só nos resta a memória. No Oriente não pode ter pisado um segundo Eduardo de Gales!!!

– Tens razão, religioso! – prosseguiu Rodolfo. – Mas crede que, se há êmulo que haja justificado esse nome, é este bravo que vedes!

– Não o duvido – balbuciou o cenobita meio confuso –, mas aqui não há lugar para nem mais uma flor.

– É boa a comparação – disse suavemente Raquel, dirigindo-se ao anacoreta –, mas há de haver para a *Flor da Paixão*.

Dizendo o que, a judia tirou do seio a flor cuidadosamente envolvida em pequena redoma.

– Oh! Dê-me esse talismã, quero examiná-lo.

Raquel obedeceu.

– É certo – disse o monge entregando a flor –, boa sombra escolheste, pois vou mandar vir agasalho para vós.

– Não é preciso – acudiu prontamente Rodolfo –, por algumas horas esta guarida nos basta. Estamos acostumados na guerra a sofrer tudo; deixaremos para as damas o interior, e, quanto a mim e meu camarada, dormiremos ao relento.

– Pois seja – respondeu o monge.

A cena que se segue é fácil de adivinhar.

Recolheram-se Raquel e Aniceta para a saleta onde já se achavam Judite e sua aia.

Quanto ao monge, por delicadeza não habitual, fizera companhia aos capitães.

Judite e a aia acolheram alegremente a sua antiga conhecida da cruzada, a bela Raquel, que por seu termo se simpatizava com a moça desde o primeiro dia que a vira, de longe, embora.

Na carência de leito, Judite oferecera um pequeno lugar junto dela à judia, que não se fez de rogada.

Aniceta, tirando o xale, fizera dele uma cama e dormia daí a pouco, como uma bem-aventurada.

Amanda não a imitava. Com carinho maternal, trançava ela, como todas as noites fazia, a basta cabeleira de sua juvenil ama, acompanhando a ação de uma balada italiana, favorita de Judite.

Raquel, encantada de ver a solicitude daquela mulher, perguntou-lhe a medo:

– Fostes vós que a criastes, estou certa, bem se vê que a gentil menina o merece. Mas perdeu ela sua mãe em pequenina?

– Sim, tendes razão, fui eu que a criei, mas, quanto a sua mãe, perdeu-a ela tão pequenina que não a pôde conhecer. Teria apenas alguns dias.

– É viúvo o capitão Marsaint? – continuou Raquel.

– É provável que o seja – respondeu Amanda –, mas nunca tive a ousadia de perguntar a meu amo.

E voltou para Raquel um olhar significativo.

Quanto é extremosa, disse consigo a judia, não quer que a jovem menina desconfie alguma coisa.

– Não estás falando a verdade – interveio Judite. – Já te contei uma vez o que era feito de minha mãe, segundo a narração de meu pai.

Amanda sorriu-se.

– Vejam só como é ativa. Que orgulho para mim e a cabra que a criamos.

– Também não é certo – respondeu Judite –, decididamente está hoje de veia a mentir, boa Amanda.

– Ah! Não se lembra mais da mimosa Acácia?

– Não – respondeu prontamente a moça. – E demais, como Acácia e Amanda não representavam mais que uma só pessoa, resolvi apagar da memória a primeira, para só lembrar-me da segunda.

– Mas a menina é um pouco injusta, deixou a primeira amizade, que era Acácia, pela segunda, que fui eu; de sorte que, se vier uma terceira, fará o mesmo.

– Isso não faço eu! Quase que o juro. Só se for pessoa; bruto, juro-o desde já que não o faço.

– Oh! O capitão criou esta menina com tanto carinho e fineza que é ela capaz de atravessar o fundo de uma agulha.

– Quero dormir! – respondeu tão comicamente a moça que todas duas desataram a rir.

Terminada a conversação, Amanda inclinou-se à parede e, momentos depois, estava completamente entregue a Morfeu, conjuntamente com Judite, que tomara por leito seu regaço.

Todos dormiam, exceto Raquel.

A judia estava deveras intrigada com o que ouvira e, longe de adormecer como as mais, estava possuída de um tremor nervoso e de insônia.

De súbito, recordara-se ela da predição do monge.

– Oh! Se esta menina for minha filha? Sim, é ela! Disse-me Amanda, em um relance de olhos, que Marsaint não era viúvo. Com que fim prodigaliza-lhe ele tanto afeto? Oh! Minha milagrosa flor! Faz com que Judite seja a menina a quem procuro! Sim, vou certificar-me. Dormirá ela? Vou ver.

E, mansamente, como um ladrão, a pobre moça dirigiu-se, pé ante pé, ao lugar onde Judite dormia.

O coração pulsou-lhe com força.

Abaixou-se de manso.

A ideal criaturinha dormia.

Era como que uma fiel cópia da imagem da Basílica de S. Pedro em Roma.

Tinha os longos cílios cerrados; a boca entreaberta parecia sorrir.

A calma reinava em todo seu semblante, dir-se-ia um anjo do senhor que viera encarnar-se no gentil corpo de uma descendente dos israelitas, que outrora foram chamados o *povo de Deus*.

Raquel entreabriu o vestido de Judite.

Um alvo colo ligeiramente róseo, e modelado por escultores divinos, apresentou-se-lhe à vista.

Não estava nu, porém.

Uma placa de bronze prateada, presa por uma delicada corrente de prata, aí se achava oculta.

Raquel quis dominar sua curiosidade, temendo acordar a donzela adormecida, mas, impelida por uma mola invisível, abriu bruscamente o talismã.

Aí se achavam com efeito as iniciais, constando de dois RR entrelaçados bordados em pergaminho.

Embaixo dos sinais cabalísticos, havia uma coroa.

– Não posso duvidar – disse Raquel, sufocando a respiração. – É a filha do Príncipe Negro e da judia Raquel, que dorme tão tranquila enquanto eu, imitando a Virgem, a busco aflitadamente. Sim! Bendito sejas, Deus dos Cristãos! Deus meu! Deus de Amor e de bondade.

E, abaixando-se pela segunda vez, imprimiu nos lábios de Judite um beijo, o segundo beijo maternal.

– Como no primeiro dia em que te contemplei, formosa criança, recebe este penhor de meu profundo amor, reservado há dezessete anos só para ti.

A judia chorava como uma criança. Apenas diferenciava desta, porque continha os gritos, enquanto que aquela os soltaria.

E, desassossegada, a judia foi sentar-se a um canto, esperando ansiosa que os albores da manhã viessem despertar aos outros, pois, quanto a si, não podia dormir.

Enquanto esta tocante e muda cena se passava no interior da cabana, fora desta, outra quase que idêntica se realizava.

Toda a noite o Príncipe Negro levava em confidências com seu camarada, o capitão Marsaint.

Suas últimas frases foram bafejadas pela deliciosa brisa da madrugada.

– Se não foras tu, capitão Marsaint, eu e Raquel seríamos desgraçados!!

– Nada me deves – tornou Marsaint –, pois, se não fora tua filha, eu seria um miserável calceta²¹⁸.

Foi assim que terminaram o prolongado diálogo.

Quanto ao cenobita, debaixo de uma das palmeiras à porta da casinha, dormia o sono dos fiéis.

²¹⁸ Pessoa condenada a trabalhos forçados.

Seriam quatro horas, todos estavam despertos.

Raquel mal podia conter o segredo que descobrira aquela noite.

Apenas Judite despertou, a judia, pegando-lhe na mão, convidou-a a sair da cabana.

Ao chegarem ao limiar da porta, a moça largou num ímpeto a mão que a segurava e, correndo para Marsaint:

– O que tendes, meu pai, que seus olhos estão vermelhos?

– Oh! Nada! Minha querida!

E voltou o rosto para desviá-lo do olhar investigador da moça.

– Chorastes! E me ocultas a causa disso? Oh! Estareis mudado, por acaso?

A judia não pôde conter-se.

– Príncipe Negro, eis ali vossa filha, juro-o!

– É o que acaba de dizer-me o capitão – respondeu este encaminhando-se para Judite.

Amanda, Aniceta e o monge estavam estáticos.

– Minha filha!!! – gritou Roberto, tentando abraçá-la.

– Não! – respondeu esta, recuando. – Eis ali o meu pai.

E lançou-se nos braços de Rodolfo, que chorava de ciúmes.

Raquel desatou em pranto.

O Príncipe Negro mal segurava o seu.

As duas aias também choravam.

Era um verdadeiro dilúvio de lágrimas, entrecortado de interpretações errôneas.

– Vem, Judite – disse Raquel –, ao menos é só uma mãe que disputará tua posse.

– São duas – respondeu com calma aparente a moça, abraçando com efusão a Raquel.

– Qual a outra? Querida filha, anjo celeste!

– Vós e a Madona!!!...

– Adorada Judite – interveio Rodolfo, obrigando a moça a inclinar-se diante de Roberto. – Eis alfim os teus verdadeiros pais! Inclinaivos diante de um herói cristão, e também de vosso pai.

A moça obedeceu, beijando as mãos de Roberto.

Ao contato daquele ósculo, o Príncipe Negro sentiu-se transportado à mansão celeste.

– Quê? Eu era uma enjeitada? – disse a moça...

– Não – respondeu Rodolfo –, pelo contrário, tens pais demais!!!

– Quais são?

– Cristo, a Madona, o Príncipe Negro, Raquel, eu, Amanda, Aniceta, sem falarmos num cão, que foi quem te guiou a mim.

– Pois bem – disse Judite –, serei filha de todos, porém com a condição de não brigarem, do contrário, deixo-os e irei morar com a Madona.

Um cavaleiro, dirigindo-se a todo o galope, veio interrompê-la.

Todos se voltaram.

Era Neftali.

XI

ADEUS AO MUNDO

Todos estavam admirados.

Neftali, o boêmio, sustentou os olhares indiscretos que se cruzavam em si.

Apeou-se e, aproximando-se de Raquel:

– Mulher, tenho que desempenhar para convosco uma missão, que me confiou o *Rei do Mar Vermelho*.

A judia estava pasmada. Onde e quando vira ela aquele boêmio? Tinha uma vaga recordação.

– Sois o mercador de pérolas, com quem negocieei ontem, não? – interrogou Roberto ao cigano.

– Sim – disse este voltando-se –, mas não é convosco que tenho a tratar.

– Ah! É então com minha mulher?

– Não sei se é vossa mulher, mas sim uma judia por quem o *Rei do Mar Vermelho* se interessava.

Dizendo isto, o boêmio havia entristecido visivelmente.

– Venha então – balbuciou Raquel, afastando-se dos mais –, eu o escuto.

O boêmio obedeceu, acrescentando:

– Podeis vir, soldado da cruz, é justo que me ouçais.

Apenas se tinham afastado do grupo, Neftali começou:

– Sou o único filho do *Rei do Mar Vermelho*, que deixastes ontem, acampado, em vosso caminho.

– Lembro-me – disse Roberto.

– A vontade suprema – prosseguiu o moço – quis que fosse ali a última morada de meu pai.

– Quê! Morreu então o ancião? – inquiriu o Príncipe Negro.

– Sim, e não foi só isso. Um incidente veio enlutar meu coração. Uma criança de nossa caravana, por travessura, caíra em um barranco; todos nós, nos havendo aproximado para salvá-la, fomos surpreendidos pela tempestade e faíscas elétricas e árvores derrubadas em torno de nós, que quase extinguiu toda a caravana.

O boêmio fez uma pausa e depois prosseguiu:

– Eu, que apenas fui ferido, corri a meu pai, esperançoso de salvá-lo. Fazia poucos momentos que eu e o rei tínhamos tido uma conferência. Eu desejava acabar o resultado dela, que havia sido interrompida pela queda de Abouzil. Era tarde, porém, apenas o rei articulou estas palavras quase extintas: – corre, e vai solicitar o perdão da judia, segue-a depressa... e não acabou, os queixos cerraram-se e apenas ele pôde abençoar-me tirando do pescoço esta cadeia, que me deu. Estava quase morto. Levantei-lhe a cabeça e gritei por socorro. Nada mais tinha a fazer, meu pai estava morto.

Roberto e Raquel ouviam-no comovidos.

– Eis a narração – prosseguiu o moço. – Da conversa que tive momentos antes de sua morte resultou que ele havia reconhecido esta mulher.

– Como! – exclamou Raquel. – Ele reconheceu-me!!

– Sim, pois ele a havia roubado a seus pais – respondeu o israelita, ocultando o rosto nas mãos.

– Oh! Ele arrependeu-se! – disse a judia. – Não se aflija, eu o perdoo em nome de Deus.

Neftali caiu de joelhos.

– Não esperava outra coisa, terna mulher, li em vosso rosto os sentimentos de que eras dotada. Mas esperai, o rei mandou-me entregar-vos uma recompensa. Porém, primeiramente responda-me: é a toda nossa raça que se estende o seu sublime perdão?

– A toda – disseram ao mesmo tempo os dois esposos.

– Mas erguei-vos – disse Roberto dando a mão ao moço.

Este não se fez de rogado, já tinha por demais dominado seu orgulho.

– Vejamos agora o que nos quer dizer – interveio a judia, que já se impacientava de não estar junto de Judite.

– Não tenha pressa; é mui longo o que vou narrar-lhes. Há muitas horas que galopo à vossa procura. Já falei no que me interessava, vou fazê-lo agora ao que vos toca. Ouvi bem – prosseguiu o boêmio em tom de réplica. – Apenas cheguei à Tebaida, abri a cadeia do rei. Oh! O que achei nela é maravilhoso! Contém um manuscrito, escrito em hebraico. Nele meu pai legava-me uma imensa fortuna, que tem por cofre uma saliência debaixo de uma coluna no templo de Bizâncio²¹⁹. Porém, os últimos acontecimentos mudaram essa sua vontade. Depois de vos ter ontem encontrado, o rei resolveu deixar-vos, como indenização material e da miséria que causara a vossos pais, esse tesouro, mesmo porque eu não necessito dele.

– Ah! – interveio Roberto. – Sois então muito rico?

– Não – murmurou o boêmio –, mas o que possuo basta para que até a última descendência do sangue do *Rei do Mar Vermelho* viva em abastança. Mas, como falava há pouco; eis aqui o manuscrito que vos tornará mais rica que um sultão.

– Oh! Eu não preciso de maior tesouro que aquele – balbuciou Raquel, apontando para Judite. – Oh! Realmente era na Tebaida que me estavam reservadas grandes coisas!

²¹⁹ Bizâncio, ou Constantinopla (atual Istambul), abriga cerca de três mil templos muçulmanos. As autoras não especificam de qual templo estão falando.

– Ouve-me, Raquel – observou o Príncipe Negro –, cumpre que terminemos esta situação por demais penosa tanto para este israelita como para nós e nossa filha!

– É justo! Mas o que me resta fazer?

– Receber isto – disse o boêmio, entregando à moça a cadeia, e acrescentou: – Prometi a meu pai que todo o dinheiro que me viesse às mãos, depois que ele falou-me de vós, que vos entregaria religiosamente. Eis que acabo de dissolver a nossa caravana; rendeu-me em liquidação toda a carregação de pérolas que trazíamos, liquidadas as contas, elas me pertencem. Mas, não, pertencem a vós.

E tirou do bolso do gibão uma bolsa de couro, recheada de formosas pérolas.

– Aqui a tendes também – prosseguiu ele –, e, agora que hei cumprido minha promessa, vou habitar o Egito.

– Oh! Não – balbuciou Raquel –, por que nos deixar? Viajemos juntos até que a direção que quisermos tomar nos obrigue a separar-nos.

– Esperai – disse Roberto, indo buscar pela mão a Judite.

– Eis também a minha pérola que se achava sumida e acaba de aparecer. Saudai ao executor das vontades do *Rei do Mar Vermelho*.

A moça cumprimentou-o delicadamente.

Por seu turno o boêmio já se havia simpatizado com Judite.

– Convenho no que ordenais – tornou o moço, dirigindo-se à judia –, caminharemos juntos até que deixemos a Tebaida.

Amanda e Aniceta quase estouravam, por não poderem tomar parte na conversação.

Rodolfo não o estava menos.

Quanto ao cenobita, de um relance percebera a cena que se passava e, mais tranquilo quanto à qualidade da gente que hospedara, deixava-se ficar à porta da habitação.

– Partamos – disse resolutamente o boêmio –, conheço a estrada, dentro em pouco achar-nos-emos em uma estalagem pitoresca, onde encontraremos boa ração para nossos animais.

Efetivamente os brutos, que não compartilhavam das alegrias de nossos personagens, ressentiam-se de falta de alimento.

A uma ordem de Roberto, a caravana pôs-se a caminho em direção à estalagem indicada.

Judite cavalgava ao lado de Raquel.

Amanda e Aniceta, que não se fartavam de contemplar o profundo amor da judia, iam a distância respeitosa.

Fechavam o grupo os três cavaleiros.

– Oh! Que faremos das preciosas pérolas que nos deu o boêmio? – perguntou Raquel à filha.

– Tenho cá uma lembrança – respondeu Judite com mistério.

– Oh! Eu te peço, formosa criança, que nunca me ocultes o que pensas, eu morreria de dor, se não merecesse tua confiança.

– A minha confiança! – respondeu Judite sorrindo-se. – Já a obtive, mas esta pessoa de quem me lembra agora...

– Fala, Judite, eu tenho ciúmes!

– Ora – tornou Judite dando uma gargalhada –, pois tem então ciúmes da Madona?

A judia sentiu inefável alegria.

– Bem, o teu pensamento é sempre tão puro que convém que eu nunca duvide dele; mas o que farei das pérolas?

– Uma coroa para a Madona! Quero que não entre em si mais que pérolas.

– Oh! Que boa ideia tens; vou já submetê-la à apreciação de teus pais.

Apenas tinha pronunciado estas palavras, Roberto, que de manso viera espreitá-las, disse:

– É inútil, Raquel! O projeto está aprovado por unanimidade de votos. Está dito! Farei uma coroa de esmeraldas, safiras, ametistas, rubis e pérolas e enviá-la-ei à basílica.

– Se me permitem, eu oferecerei o centro, que será um esplêndido diamante – acrescentou o boêmio –, mas por ora não o possuo, ele está ainda sob a coluna de que falei.

A viagem era festiva.

Roberto e Raquel nada mais almejavam do mundo.

Pouco depois apeavam-se na locanda tão celebrizada naqueles arredores.

Era pouco mais ou menos como qualquer outra, mas o ancião que a dirigia estudara cuidadosamente o rifão:

“Cria fama, e deita-te na cama.”

Desta vez, não havia tanta pressa, e Raquel, depois de beijar ternamente a filha, convidou-a a repousarem.

Algum tempo depois, instalavam-se num castelo situado num delicioso vale da Suíça²²⁰.

Quase que completamente retirados do mundo, o Príncipe Negro e a judia Raquel empregavam toda a ternura de seu afeto em Judite.

Amanda dirigia, por mandado de Judite, um edifício hospitaleiro, conhecido no cantão pelo poético título *A Coroa da Madona*.

O título explicava em parte a nacionalidade do castelo que a fundara, ou antes da juvenil castelã.

Havia grande agitação em todo o castelo.

Esperava-se a todo momento a volta de um ente que se tornara querido.

Aniceta da manhã à tarde percorria todo o vale, arcada ao peso dos anos.

A carinhosa mulher queria ver coroada a obra que empreendera em mente, isto é, de morrer deixando a criança a quem salvara das iras de Aziz-hein, o *emir* do sultão, uma formosa castelã, em seus domínios.

Os boatos que corriam tinham um quê supersticioso.

Diziam que no castelo do Príncipe Negro se alojava misteriosamente uma santa.

Porém, Raquel e Roberto pretendiam extingui-los. Para isso só era necessária a volta de uma pessoa.

²²⁰ Oficialmente Confederação Suíça, é uma república federal composta por 26 estados, chamados de cantões, com a cidade de Berna como a sede das autoridades federais. O país está situado na Europa Central.

Longe de se entristecerem com a solitária vida que levavam, eles gozavam de extremas alegrias.

Em derredor do castelo, diziam que seus habitantes haviam dito *adeus ao mundo*.

O capitão Marsaint também compartilhava a sorte do Príncipe Negro.

Que lhes faltava mais? Já haviam sido mancebos; como guerreiros, haviam voltado cobertos de louros; quanto a pais, ambos o tinham sido, um de adoção, outro legítimo, e só esperavam um último amigo para deixarem a tenda.

Uma manhã, um emissário a cavalo percorria o cantão, parando em todas as habitações, tanto nas casinhas como no mais soberbo solar.

Ia, da parte do Príncipe Negro, convidar os habitantes do cantão para uma festa nupcial.

– Uma boda no castelo! – exclamavam admirados os campônios nobres e plebeus. – Mas se não vemos no solar nem jovem, nem mancebo!

O cavaleiro tinha ordem expressa de nada dizer, mudo, distribuía os convites.

Se o nome do guerreiro normando, por si só, não fosse uma garantia de aceitação, a curiosidade bastava para levá-los ao castelo solitário do valado.

À noite o emissário voltava de sua expedição.

Ele mesmo estava admirado; de que, não havendo noivos no castelo, pudesse, à madrugada, haver uma boda.

As horas voaram, e ao alvorecer do dia seguinte já os convivas formavam o séquito em redor da morada.

Entretanto os desposados não apareciam.

O cura do cantão, mais que nenhum outro, se mostrava ansioso pelo aparecimento dos jovens castelões.

Graças a uma missiva que lhe dirigira o normando, sabia que se preparava uma surpresa.

Subitamente ouviu-se um murmúrio em frente à porta do solar, e a multidão, curiosa, afastou-se para dar passagem a uma carruagem.

Era um carro, adereçado à oriental.

Completamente oculta ia sua armação, por uma ampla coberta de alva caxemira branca.

O luxo dominava em seus ornamentos.

Entretanto o carro não vinha vazio: reclinada em sedosas almofadas estava uma gentil cabeça oculta por espesso e alvo véu.

Dir-se-ia uma requestada odalisca de poderoso sultão.

A seu lado, estava um cavalheiro, sob o mais restrito incógnito.

Ao aparecimento, um grito de espanto partiu de todos os lábios.

Quem seria?

É o que ignoravam todos, exceto os habitantes do solar.

O carro tomou a dianteira, e o numeroso séquito acompanhou-o até a extremidade do vale, onde existia o campanário.

No centro de uma ala formada pela fidalguia da Suíça, iam Roberto, Raquel e o capitão Marsaint.

Nisso consistia toda a alegria que almejavam.

Confundidas na multidão, as duas aias manifestavam seu júbilo, por quantos modos era lícito fazê-lo naquela ocasião.

Minutos mais tarde, penetravam na igreja.

Todos os semblantes fitavam-se no grupo formado pelos misteriosos noivos.

A curiosidade chegou ao maior auge.

O cura aproximou-se.

A noiva lançou fora o véu que a envolvia.

O noivo imitou-a.

Eram Judite e Neftali.

Um murmúrio de admiração redemoinhou por toda a igreja.

O sacerdote meigamente impôs silêncio e começou a cerimônia.

Foi uma estupefação geral.

Jamais se vira, em toda a Suíça, mais formoso par.

Regressaram ao castelo, onde se seguiu esplêndido festim.

A reclusão de Judite fora devida a dois motivos: um, era que Neftali havia ido a Istambul buscar o tesouro do *Rei do Mar Vermelho*,

para com ele abrilhantar a festa, outro era para dar-lhe maior esplendor pela surpresa.

É ocioso dizer que, a pedido de Judite, o boêmio consentira em casar-se cristãmente, mas não prescindindo da pompa feita à oriental.

Durante a cerimônia, a judia não deixava de agradecer a Deus o momento de ventura que ele lhe reservara depois de tão longo tempo de aflições.

Recordava-se ela do que havia sofrido no Oriente, mas apesar disso sentia que sua alegria, por essa mesma razão, era maior.

Agora, todo o cantão sabia quem era que, quase invisivelmente, passeava vagarosamente nas límpidas noites de luar, deixando em seu caminho o mais atraente perfume desconhecido no lugar.

A santinha do castelo solitário havia-se trocado pela mais formosa dama da corte.

– Oh! Que bela noite esta – disse Raquel, enquanto uma nuvem de incenso enchia o salão de suave e inebriante aroma.

– Mais bela ainda foi aquela da Tebaida!! – murmurou-lhe ao ouvido o Príncipe Negro.

Um lacaios entrou apressadamente no salão, colocando bem no centro uma pira de prata.

Os olhares convergiam-se para o mesmo ponto.

Neftali e Judite aproximaram-se da pira.

O lacaios espargiu por sobre esta alguns grãos, e um perfume encantador manifestou-se no ambiente.

Ouviu-se um suave e harmonioso duo; parecia partir da mansão etérea.

Os dois noivos cantavam.

Judite e Neftali entoavam: o *Regina Coelis*²²¹.

²²¹ O título correto é *Regina caeli*, que em latim significa “Rainha do céu”: é um hino e oração católica em intenção à Virgem Maria.

XII

UM VOO AO CÉU

Muitos anos decorreram-se.

Judite e Neftali são os castelões mais estimados de todo o valado.

Raquel e o Príncipe Negro não o são menos.

O cura da basílica de S. Pedro, em Roma, agradecera por editais à incógnita castelã que de longes terras enviara-lhes uma esplêndida e custosa coroa à Madona.

Depois de divulgada esta nova, os habitantes do cantão de Lucerna²²² adivinharam a origem do título do solar hospitaleiro.

Quando, durante os rigores do inverno, os viajantes solicitam aos campônios um agasalho em suas apertadas casinhas, respondem *incontinenti*:

– Ignorais então que em Lucerna existe a *Coroa da Madona*?

E apontam triunfantes ao forasteiro as ameias do conhecido edifício.

Ali um ancião prazenteiro, sempre auxiliado por uma velhinha de humor folgazão, recebem com amabilidade todos os que para lá se dirigem.

A alguns contam suas viagens e trabalhos que passaram no Oriente, enquanto ceiam.

São o capitão Rodolfo Marsaint e Amanda.

Ao partir, apresentam um grande livro dourado, onde os viajores inscrevem seus nomes e uma frase de amor à patrona espiritual do solar.

Desnecessário é dizer que já está nas últimas folhas.

Em uma delas, lia-se o nome de Leonardo, neófito, antigo Aziz-hein.

Ao saber que aquela morada pertencia a Judite, e que esta era a filha da sultana Raquel, não pudera resistir a esse último golpe e caíra fulminado pela morte, que há algum tempo o mirava.

Quanto a Aniceta, já há muito havia trocado de existência.

²²² Comuna da Suíça, no Cantão homônimo.

Raquel e Roberto não ignoravam que a conversão daquela alma, tão negra outrora, fora alcançada pela filha da Madona, isto é, a sua.

E assim decorreram-se muitos anos mais, tão tranquilos para os habitantes do solar como as águas do lago de Lucerna, que banhavam o castelo. Dos personagens só restavam dois: Judite e Neftali.

Todavia, em Constantin²²³, em noites claras, via-se uma sombra aérea vagando sem parar, nas ruínas do templo de Bizâncio.

Era o espectro do *Rei do Mar Vermelho*, que, como avarento, vigiava ainda o seu tesouro.

Uma noite não mais apareceu.

Se os homens tivessem a vista dupla, poderiam ver três vultos que subiam ligeiramente à mansão de luz.

Eram Judite e Neftali, que, com a permissão de Deus, vieram buscar o *Rei do Mar Vermelho*, ainda apegado aos bens terrenos.

O cantão de Lucerna estava coberto de crepe.

Os castelões tinham deixado de existir.

Enquanto a terra os chorava, sorrindo um grupo se elevava ao firmamento.

O grupo, como podemos compreender, constava de todos os personagens de nossa pequena narrativa, que, em doce amplexo, haviam deixado o mundo e voavam ao céu.

FIM DA SEGUNDA E ÚLTIMA PARTE

²²³ Constantinopla, atual Istambul.

FONTES UTILIZADAS NA REVISÃO ORTOGRÁFICA E NOTAS

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da língua portuguesa*. Reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez & latino*: áulico, anatômico, architetonico [...]. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1713; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716-1721.

DICIONÁRIO de latim. Disponível em: <https://www.dicionariodelatim.com.br/>. Acesso em 12 set. 2020.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 12 set. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. [S.l.: s.n.], 1913. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

HACQUARD, Georges. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições Asa, 1996. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Dicion%C3%A1rio-de-Mitologia-Grega-e-Romana-Georges-Hacquard.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

INFOPÉDIA: dicionários Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>. Acesso em: 12 set. 2020.

MICHAUD, Joseph-François. *História das cruzadas*. Tradução bra-

sileira do Pe. Vicente Pedroso. São Paulo: Editora das Américas, [1956]. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Joseph-Francois-Michaud-Historia-das-Cruzadas-v4.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

PINTO, Luiz Maria da Silva Pinto. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Diccionario da língua portuguesa: recopilado de todos os impressos até o presente*. Lisboa: Typographia de M. P. de Lacerda, 1823.

WIKIMEDIA Itália. Disponível em: https://wiki.wikimedia.it/wiki/-Pagina_principale. Acesso em: 12 set. 2020.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 12 set. 2020.

WIKIPÉDIA: L'encyclopédie libre que chacun peut améliorer. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Wikip%C3%A9dia:Accueil_principal&oldid=164303621. Acesso em: 12 set. 2020

Secretaria de Editoração
e Publicações

SENADO
FEDERAL





detecta 1687
Davis Anglum

de Pasques detecta
1722 Per Bata os



Disponível online

